



ADRIANA CASTRO BARILO

**REFERENCIAÇÃO: A (RE) CONSTRUÇÃO DO OBJETO DE
DISCURSO “TEMER” EM ARTIGOS DE OPINIÃO**

TRÊS CORAÇÕES-MG
2019



ADRIANA CASTRO BARILO

REFERENCIAÇÃO: A (RE) CONSTRUÇÃO DO OBJETO DE DISCURSO “TEMER” EM ARTIGOS DE OPINIÃO

Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado em Letras da Universidade Vale do Rio Verde, como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Letras.

Orientador: Prof. Dr. Renan Belmonte Mazzola

TRÊS CORAÇÕES-MG
2019

801.731.2

B252r Barilo, Adriana Castro.

A (re)construção do objeto de discurso : “Temer” em artigos de discussão – Três Corações : Universidade Vale do Rio Verde , 2019. 115 f.

Orientador: Prof. Dr. Renan Belmonte Mazzola

Dissertação – Universidade Vale do Rio Verde de Três Corações/ Mestrado em Letras.

1. Referenciação. 2. Categorização. 3. Recategorização. 4. Artigos de opinião. 5. Temer. I. : Prof: Dr. Renan Belmonte Mazzola, orient. Universidade Vale do Rio Verde de Três Corações. II. Título.

ATA DE DEFESA DE DISSERTAÇÃO DE MESTRADO EM LETRAS

Aos trinta e um dias do mês de maio do ano de dois mil e dezenove, sob a presidência do Prof. Dr. Renan Belmonte Mazzola (UninCor), e com a participação dos membros Prof.^a Dr.^a Camila de Araújo Beraldo Ludovice (Unifran) e Prof.^a Dr.^a Amanda Heiderich Marchon (UninCor), foi realizada a defesa da dissertação “**REFERENCIAÇÃO: A (RE)CONSTRUÇÃO DO OBJETO DE DISCURSO ‘TEMER’ EM ARTIGOS DE OPINIÃO**”, da mestranda **Adriana Castro Barilo**, aluna do Programa de Mestrado em Letras. Após arguição do candidato, a banca deliberou pela (X) APROVAÇÃO () APROVAÇÃO COM ALTERAÇÕES () NÃO APROVAÇÃO. Eu, secretária, lavro a presente ata que, depois de lida e aprovada, vai assinada por mim e pelos demais membros da banca examinadora.

Três Corações, 31 de maio de 2019.



Prof. Dr. Renan Belmonte Mazzola
Presidente



Prof.^a Dr.^a Camila de Araújo Beraldo Ludovice
Membro da Banca



Prof.^a Dr.^a Amanda Heiderich Marchon
Membro da Banca



Prof. Dr. Ricardo Junqueira Del Carlo
Pró-reitor de Pós-Graduação, Pesquisa e Extensão



Prof.^a Esp. Francisilaine Santos Silva do Rosário
Secretária Geral

Dedico essa pesquisa a todos os apaixonados pelos estudos da linguagem, bem como a todos aqueles irremediavelmente afetados por ações políticas inomináveis e inaceitáveis.

AGRADECIMENTOS

Agradeço diretamente à Universidade Vale do Rio Verde, juntamente à Prefeitura Municipal de Três Corações, por viabilizarem um antigo sonho, que dificilmente seria realizado por outros meios.

Agradeço à Prof. Dra. Eliane Feitoza, que me despertou o interesse pelo tema e pela metodologia da Linguística Textual, ao meu orientador Prof. Dr. Renan Belmonte Mazzola, que atendeu prontamente às minhas solicitações, sempre que precisei, instigando-me a aprofundar cada vez mais, bem como a todo o corpo docente do Mestrado em Letras da Universidade Vale do Rio Verde.

A meus pais, indelévels em minha memória. Meus valiosos exemplos de vida, de obstinação e de amor.

A meu esposo Marcos, que há 28 anos me presenteia com seu amor, agradeço por permanecer ao meu lado, renovando sua paciência e compreensão por todo o período de pesquisa. Especialmente às minhas filhas Yasmin, que muitas vezes atuou como minha digitadora e Ingrid, pelo apoio incondicional para diversas tarefas que o curso demandou.

Às minhas irmãs Lucienne e Jacqueline como também à minha sobrinha Desirée, que não pouparam palavras de incentivo, mesmo nas horas mais difíceis. À Helenice, que em sua maneira sábia e carinhosa, sempre tranquilizava minha alma em momentos estressantes.

De fundamental importância ainda foram meus colegas, sempre generosos e disponíveis para dividir experiências.

A meu revisor Emanuel, que sendo também meu ex-aluno, demonstrou-se incansável em atender-me. Nossa afinidade de almas, iniciada em 2000, floresceu numa relação mais do que especial.

A todos os meus familiares, amigos e colegas de trabalho que se demonstraram compreensivos quando me ausentei a eventos importantes e valiosos.

Verba volant, scripta manent.

RESUMO

Esta pesquisa de mestrado, inserida no campo de investigação da Linguística Textual, tem por objetivo investigar os processos de referenciação envolvidos na construção do objeto de discurso “Temer” em artigos de opinião da revista *CartaCapital* e *Veja*. O problema a ser examinado é: Como o objeto de discurso “Temer” foi e é construído em artigos de opinião publicados nessas revistas, tendo em vista seu papel social e político antes, durante e após o processo de *impeachment* de Dilma Rousseff? Observa-se que, durante esse período social, político e histórico, Temer exerce diferentes papéis, em virtude de suas posições e ações. Assim, foi tema de diversos textos nos meios de comunicação. Pesquisamos as estratégias de referenciação que foram mais recorrentes na construção e reconstrução do objeto de discurso “Temer” e analisou-se quais os efeitos de sentido essas estratégias tem para a construção desse objeto nos artigos de opinião. Verificou-se que cada artigo trouxe consigo maiores ou menores números de caracterizações, anáforas associativas, progressões referenciais e paralelismos sintáticos. O resultado, além das análises dos efeitos de sentidos advindos das escolhas lexicais, teceu ainda um registro histórico do momento político vivido entre 2015 e 2017 no Brasil.

Palavras-chave: Referenciação; categorização; recategorização; artigos de opinião; Temer.

ABSTRACT

This masters research, inserted in the research field of Textual Linguistics, aims to investigate the processes of reference involved in the construction of the object of discourse “Temer” in articles of opinion of the magazine *CartaCapital* and *Veja*. The problem to be examined is: how was the subject of the “Temer” discourse constructed and built in opinion articles published in these journals, in view of their social and political role before, during and after Dilma Rousseff’s impeachment process? It is observed that during this social, political and historical period, Temer plays different roles, by virtue of his positions and actions. Thus, it was the subject of several texts in the media. We researched the strategies of reference that were most recurrent in the construction and reconstruction of the object of discourse “Temer” and analyzed the effects of meaning these strategies have for the construction of this object in opinion articles. It was verified that each article brought with it bigger or smaller numbers of characterizations, associative anaphores, referential progressions and syntactic parallels. The result, in addition to the analysis of the meanings derived from lexical choices, also provided a historical record of the political moment lived between 2015 and 2017 in Brazil.

Keywords: Referencing; categorization; recategorization; articles of opinion; Temer.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Quadro 1 – Artigos elencados para análise	15; 40-41
Gráfico 1 – Elementos fundamentais do texto conforme Bentes e Rezende	36
Figura 1 – <i>Meme</i> extraído do artigo de Reinaldo Azevedo.	44

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
1 A LINGUÍSTICA TEXTUAL E A REFERENCIAÇÃO	18
1.1 Panorama geral da Linguística Textual	18
1.2 Referenciação e Progressão textual	24
2 DISCUSSÕES SOBRE TEXTO, CONTEXTO E DISCURSO	31
2.1 O texto e seus componentes	33
2.2.1 Definições de texto	33
2.2.2 Os fatores de textualidade	36
3 ANÁLISE DOS ARTIGOS DE OPINIÃO TENDO COMO FOCO O OBJETO DE DISCURSO “TEMER”	39
3.1 Período pré <i>Impeachment</i>	42
3.1.1 Mapeamento das categorizações do artigo 2	42
3.1.2 Mapeamento das categorizações do artigo 3	49
3.1.3 Confrontando os artigos 2 e 3	52
3.2 Pós <i>impeachment</i>: Michel Temer como presidente interino	52
3.2.1 Mapeamento das categorizações do artigo 4	53
3.2.2 Mapeamento das categorizações do artigo 5	57
3.2.3 Confrontando os artigos 4 e 5	59
3.3 Um ano de governo Temer	60
3.3.1 Mapeamento das categorizações do artigo 6	60
3.3.2 Mapeamento das categorizações do artigo 7	67
3.3.3 Confrontando os artigos 6 e 7	71
CONSIDERAÇÕES FINAIS	73
REFERÊNCIAS	76
ANEXO 1	79
Carta de Michel Temer	
ANEXO 2	81
Artigo 1: DIAS, Mauricio. “Até tu, Michel Temer”.	
ANEXO 3	84
Artigo 2: AZEVEDO, Reinaldo. Planalto vaza carta de Temer a Dilma, dá tiro	

no próprio pé e esquentando o clima pró-*impeachment*.

ANEXO 4 88

Artigo 3: AMARAL, Roberto. Temer se revelou um político menor.

ANEXO 5 92

Artigo 4: FARIA, Carolina. Temer é vaiado ao abrir os Jogos Rio-2016.

ANEXO 6 96

Artigo 5: BARROCAL, André. Espinhos no caminho de Temer.

ANEXO 7 105

Artigo 6: AZEVEDO, Reinaldo. Temer ano 1: Ele não errou, mas os antipetismos só fazem asneiras.

ANEXO 8 109

Artigo 7: BOULOS, Guilherme. 12 retrocessos em 12 meses de Temer.

INTRODUÇÃO

A presente dissertação “Referenciação: a (re)construção do objeto de discurso “Temer” em artigos de opinião”, resultado da pesquisa de Mestrado inserida no campo da Linguística Textual, tem por objetivo examinar os processos de referenciação em artigos de opinião que possuem como objeto de discurso o político Michel Temer, num dado recorte temporal entre 2015 e 2017.

Os avanços tecnológicos trouxeram, em sua maioria, acesso a informação irrestrita: inúmeras notícias, incluindo polêmicas e posicionamentos assumidos por um elenco bastante eclético; é possível ter acesso a reivindicações de comunidades religiosas, manifestações de grupos étnicos diversos, notícias envolvendo questões geopolíticas, impensáveis avanços científicos. Tudo isso transmitido simultaneamente com a facilidade da internet. Tais avanços transformaram a sociedade, que por muito tempo, recebia notícias com um grande atraso, sem contar que, muitas das vezes, poucos eram os privilegiados com tais informações. Entretanto, verifica-se que, em algumas regiões brasileiras, a população local ainda tem acesso às informações somente a partir de mídias como o rádio e aparelhos de TV, não tendo acesso às mídias virtuais.

Com as vantagens proporcionadas pela internet, algumas camadas sociais que desfrutam deste benefício, possuem a chance de posicionar-se a partir de outras mídias, que não o rádio e a TV, tendo acesso a informações antes dificilmente divulgadas. O processo histórico contemporâneo, ao qual o povo (mesmo que uma ínfima parcela) toma conhecimento desde seu “descobrimento”, passou a ser observado, comentado e compartilhado, gerando reflexões e debates por um maior número de pessoas e como consequência, tornou-se fonte de interesse de uma grande camada da população.

Partindo dessa nova realidade, constata-se, entre outros efeitos, que a participação política de grande parte da sociedade tenha se intensificado; em função disso, observa-se um maior nível de interesse em temas como a política, uma vez que as polêmicas e oposições tornaram-se mais evidentes. Houve assim, maior busca por textos que comentassem os fatos políticos e lançassem reflexões sobre eles, incluindo nestes os artigos de opinião.

Pensando nos elementos do texto, Koch abre o primeiro capítulo de seu livro *Desvendando os segredos do texto* remetendo-se a uma citação de Steven Pinker:

Enquanto você lê estas palavras, está tomando parte numa das maravilhas do mundo natural. Você e eu pertencemos a uma espécie dotada de uma admirável capacidade, a de formar ideias no cérebro dos demais com

esquisita precisão. Eu não me refiro com isso à telepatia, o controle mental ou as demais obsessões das ciências ocultas. Aliás, até para os crentes mais convictos, estes instrumentos de comunicação são pífios em comparação com uma capacidade que todos possuímos. Esta capacidade é a linguagem. (PINKER apud KOCH, 2015, p. 13).

Partindo da reflexão de Pinker, tona-se importante considerarmos o poder da linguagem no campo virtual, o peso das escolhas das palavras que cada postagem alcança bem como o poder persuasivo de cada texto.

Com a procura por artigos de opinião aumentando incisivamente, propomos nesta pesquisa, lançar um olhar sobre alguns que se desenharam dentro de um espaço de tempo que, por sua importância histórica, expuseram um Brasil dividido. Um país que demonstrou-se vulnerável ao enorme montante de informações, de diversas vertentes e origens, inclusive acometido pelo fenômeno das *fake news* (apesar de ter ganho novo nome, tal fenômeno não é novidade no mundo do jornalismo), fato que nos traz a reflexão sobre a importância da leitura crítica dos textos e dos discursos.

BOX 1.7: Excesso ou falta de informação? Eras passadas experimentaram ondas de sobrecarga de informação antes de encontrarem meios de ajustá-la ou regulá-la. (...) Linda Stone sugere que nos encontramos agora em um estado de atenção parcial contínua. Visto que competimos numa economia da atenção, parece que a própria atenção se tornou nosso recurso mais escasso. Melhores modos de gerenciar a informação, incluindo técnicas de pesquisa e de filtragem, se fazem necessários. Mas existe também um risco crescente de filtrar demais, em parte como reação à sobrecarga de informação. A internet promove um nível sem precedentes de homofilia (essencialmente a ideia de que os semelhantes se juntam, de que pássaros de um mesmo bando voam sempre juntos). Quando estão online, as pessoas podem escolher se isolarem em câmaras de eco ou casulos de informação, nos quais só se encontram com pessoas semelhantes a si mesmas e onde seus pontos de vista preexistentes são sempre reforçados. Esse processo é impulsionado pela personalização automatizada vista, por exemplo, nos resultados de busca no Google ou no *feed* de notícias do Facebook. Consequentemente, temos o perigo iminente de a esfera pública se dividir em públicos separados com visões de mundo radicalmente diferentes e conjuntos radicalmente diversos de ‘fatos’ aceitos. É vital que nossos estudantes aprendam a ir além dos espaços estritamente personalizados, a explorar perspectivas diversas e a lançarem um olhar crítico sobre os ‘fatos’ com que se deparam. (DUDENEY; HOCKLY; PEGRUM, 2016, p. 41, grifo do autor)

O linguista e filósofo americano Noam Chomsky, em recente entrevista ao jornal *Estadão*, em 07 de janeiro de 2018, afirmou que políticos fazem uso das mídias sociais “para o bem” e “para o mal”. Segundo ele, as técnicas das redes sociais para influenciar

consumidores e leitores irão se desenvolver ainda mais, sendo possivelmente atenuado através do “ativismo popular”.

O linguista lembra que a internet oferece oportunidades para a livre expressão e o debate, mas, por outro lado, essa mesma liberdade permite o discurso de ódio. Aos 89 anos, Chomsky destaca que esse fenômeno não é novo. Lembra o surgimento do fascismo na Europa na década de 1930, onde a polarização e a irracionalidade excediam em tudo que vemos hoje e eram muito mais perigosas. Chomsky ressalta que o lado bom dos tempos atuais é que atualmente há ampla gama de medidas para enfrentar e superar essas tendências ameaçadoras.

Chomsky destaca que as *fake news* possuem intenções claras: enganar, induzir ao erro e controlar. Tal fenômeno, segundo ele, é comum entre as pessoas que, muitas vezes por bons motivos, percebem o poder estabelecido como hostil, “se sentem vítimas pelas políticas prevalentes”. Consequentemente, elas desconfiam do que vem das fontes da elite e procuram como por algo que possam interpretar como favorável aos seus interesses e suas atitudes. Cita também o fenômeno “Trump” como “bastante notável”, ilustrando com uma pesquisa que apontou o fato dos republicanos confiarem mais em Trump do que na mídia tradicional.

Ao ser perguntado se acha se a internet dificulta ou facilita manipulações, Chomsky lembra que o acesso a ela leva muitas pessoas às “câmaras do eco”, onde elas são expostas a materiais que reforçam seus próprios pontos de vista. Por outro lado, ele lembra que a própria internet oferece muitas possibilidades para acessar fontes de informação muito mais amplas, para aqueles que desejam aprender algo.

Partindo destas reflexões, achamos pertinente a escolha de duas vertentes da mídia para estabelecermos um confronto de ideias, valorizando a prática de leitura livre de polarizações, evitando-se, assim, o fechamento na referida “câmara de eco”.

Tomaremos como objeto de discurso o político Michel Temer, por ter assumido protagonismo entre os anos de 2015, 2016 e 2017, quando ocupou diferentes papéis sócio-políticos e, em virtude de seus posicionamentos e ações, foi tema de diversos textos que circularam nos meios de comunicação.

Para tal, num primeiro momento, usaremos o artigo “Até tu, Temer?” (Anexo 2, p. 81) nas exemplificações das contribuições teóricas. Elencamos mais outros seis artigos de opinião, com os quais trabalharemos em três subdivisões: dois artigos referentes ao processo de articulação do *impeachment* da presidente Dilma Rousseff, quando Temer ainda era vice-

presidente; outros dois artigos referentes a Michel Temer como presidente interino e outros dois após um ano de exercício como presidente da república.

Os referidos artigos de opinião foram extraídos das revistas *CartaCapital* e *Veja*, em um período que compreende de 2015 a 2017, e que possuem como tema a trajetória política de Michel Temer, ao longo do processo de *impeachment* e de sua posse como presidente, conforme o quadro a seguir:

Nº	DATA	TÍTULO DO ARTIGO	AUTOR	REVISTA
1	06.11.2015	Até tu, Michel Temer?	Maurício Dias	<i>CartaCapital</i>
2	08.12.2015	Planalto vaza carta de Temer a Dilma, dá tiro no próprio pé e esquenta clima pró- <i>impeachment</i> .	Reinaldo Azevedo	<i>Veja.com</i>
3	10.12.2015	Temer se revelou um político menor	Roberto Amaral	<i>CartaCapital</i>
4	05.08.2016	Temer é vaiado ao abrir os Jogos Rio-2016	Carolina Faria	<i>Veja.com</i>
5	19.08.2016	Espinhos no caminho de Temer	André Barrocal	<i>CartaCapital</i>
6	15.05.2017	Temer ano 1: Ele não errou, mas os antipetismos só fazem asneiras	Reinaldo Azevedo	<i>Veja.com</i>
7	15.05.2017	12 retrocessos em 12 meses de Temer	Guilherme Boulos	<i>CartaCapital</i>

QUADRO 1. Artigos elencados para análise.

Para efeito de análise, o evento, o histórico *impeachment* de Dilma Rousseff, foi dividido em três partes, lançando um olhar ao principal articulador e daquele que assumiu o país ao longo desta crise política em que o país se mergulhou. Optamos pela análise de dois artigos por vez, verificando as construções linguísticas que os articulistas ligados a instituições midiáticas cujos posicionamentos tendem à direita e à esquerda realizaram em seus textos.

Dessa forma, elegemos o seguinte problema de pesquisa a ser examinado: “Como o objeto de discurso “Temer” foi construído em artigos de opinião, tendo em vista seu papel social e político antes, durante e após o processo de *impeachment* de Dilma Rousseff?”

Para examinar esse problema, esta pesquisa tem por objetivo geral investigar os processos de referenciação envolvidos na construção do objeto de discurso “Temer” em artigos de opinião do *site* e das revistas *CartaCapital* e *Veja*. Os objetivos específicos são:

- a) Verificar quais estratégias de referenciação, particularmente categorização e recategorização são mais recorrentes na construção e reconstrução do objeto de discurso “Temer”;
- b) Observar como este objeto de discurso é categorizado e recategorizado nos artigos em questão;
- c) Analisar quais efeitos de sentido essas estratégias têm para a construção desse objeto nos artigos de opinião.

Como fundamentação teórica de nossas discussões e análises, elegemos o campo da Linguística Textual (LT) para dele extrairmos nosso aparato teórico-metodológico. Esse campo do saber percorreu, durante sua história, desde os anos 1950/60, três diferentes fases: aquele da análise transfrástica, das gramáticas de texto e da teoria do texto. Recentemente, os interesses dos estudiosos da Linguística Textual, principalmente no Brasil, estiveram centrados a investigações na área cognitiva, a questões relacionadas ao processamento do texto, no que diz respeito à sua produção e à sua compreensão, e em estratégias sócio-cognitivas e interacionais mobilizadas para a construção do sentido do texto.

Com vistas a atender a esses objetivos, elegemos também a hipótese: Os artigos de opinião manifestam posicionamentos políticos de uma época e possuem marcas linguístico-discursivas passíveis de análises. Partindo da ideia que mídia constrói os objetos que apenas julga representar, é possível apresentar o mesmo evento com perspectivas diferentes a partir dos posicionamentos políticos que norteiam a leitura do evento.

É nesse sentido que o objeto de discurso “Temer”, é recriado nos textos de uma forma particular, ou seja, de acordo com a visão do articulista sobre ele, tendo como pano de fundo, para essa recriação, o contexto social e histórico no qual estamos inseridos. São essas construções e seus efeitos que desejamos descrever e analisar.

A dissertação está dividida da seguinte forma: na introdução, abordamos o contexto político brasileiro e o que nos inspirou a lançar um olhar específico a artigos de opinião que emitissem avaliações sobre um específico objeto de discurso, a saber, Michel Temer. Por suas atitudes polêmicas, suas posições nesse tumultuado contexto histórico, mereceu um olhar atento a inúmeros textos em que ele foi o objeto de discurso. Na introdução ainda estão explicitados os objetivos gerais e específicos, bem como os critérios de seleção do *corpus*.

Partimos, então, para o capítulo “A Linguística textual e a Referenciação”, em que abordados os pressupostos teóricos desse campo, sua trajetória de formação sua evolução;

passando pelas três fases pelas quais este ramo de estudo atravessou. Em seguida abordaremos questões sobre a Referenciação e a progressão textual.

O capítulo seguinte, intitulado “Discussões sobre Texto, Contexto e Discurso”, empreenderemos discussões sobre a textualidade e a discursividade, bem como as particularidades do artigo de opinião e as marcas de contexto nele presentes.

Dedica-se o próximo capítulo à análise do *corpus*. A cada artigo analisado, seguiremos uma linha semelhante: inicialmente traçamos um perfil histórico e político daquele momento em que o artigo foi escrito; em seguida, haverá um quadro com as caracterizações sofridas por Michel Temer ao longo de todo o texto do articulista: depois, as análises dos pontos mais relevantes, fazendo uma análise linguística, priorizando a referenciação. Ao final dos dois artigos que abordarem o mesmo tema, há uma comparação entre ambos. Explicitando os pontos de convergência e os pontos de divergência entre eles. Encerramos então, com as considerações finais.

Havendo apresentado nossos objetivos e nossos direcionamentos de pesquisa, partiremos então ao capítulo primeiro, dedicado às questões teóricas envolvidas no campo da Linguística Textual, abordando um pouco de sua trajetória, alguns de seus principais teóricos, bem como às questões sobre a referenciação.

1 A LINGUÍSTICA TEXTUAL E A REFERENCIAÇÃO

Para esclarecer o caminho teórico trilhado nessa dissertação, apresentamos nesse capítulo a trajetória e as três principais fases pelas quais a Linguística Textual se desenvolveu: de início pelas análises transfrásticas, perpassando pelas gramáticas de textos e chegando, então, a teorias do texto.

À luz de autores como Ingedore Grunfeld Vilaça Koch, Leonor Lopes Fávero, Luiz Antônio Marcuschi, Ana Christina Bentes, Lorenza Mondada e Danièle Dubois, Mônica Magalhães Cavalcante, dentre outros, elucidaremos questões a respeito de referenciação, bem como de questões imbricadas a ela.

Ao lermos dois artigos a respeito de um mesmo evento, com opiniões diversas e por vezes diametralmente opostas, verificamos que o processo da referenciação é dinâmico e ressignificado no discurso. Os objetos serão construídos em co-autoria do leitor, que fará suas inferências, lançando mão de experiências, conhecimentos cognitivos e culturais. Observa-se que na ocorrência da referenciação, especialmente em artigos de opinião, os autores transformam as entidades em estáveis ou instáveis, de forma a moldar tais objetos de discurso a serviço do que querem dizer.

1.1 Panorama geral da Linguística textual

A Linguística Textual (LT) é um ramo dos estudos da linguagem que se preocupa, entre outras questões, com a estruturação e o funcionamento do texto. “Sua hipótese de trabalho consiste em tomar como unidade básica, ou seja, como objeto particular de investigação, não mais a palavra ou a frase, mas sim o texto, por serem os textos a forma específica de manifestação da linguagem” (KOCH; FÁVERO, 2012, p. 11). Conforme Elcemina Pagliosa (2012, p. 12), “o falante se comunica através de textos e não de frases, não importando se essa comunicação se processa através de textos muito extensos (livros, artigos) ou de textos bem curtos (bilhetes, participação de nascimento, anúncio de classificados)”.

Nessa mesma linha, Luiz Antônio Marcuschi (2012, p. 16) diz que a LT “ainda não definiu satisfatoriamente seu objeto nem montou suas categorias claramente. Dispõe, porém, de um dogma de fé: o texto é uma unidade linguística hierarquicamente superior à frase. E uma certeza: a gramática da frase não dá conta do texto”.

Conforme Marcuschi (2012, p. 17), a LT “trata dos processos e regularidades gerais e específicos segundo os quais se produz, constitui, compreende e descreve o fenômeno texto”.

Dentro dessa premissa, as preocupações epistemológicas da LT, embora lance mão do ferramental desenvolvido pela análise literária, retórica e estilística, são bem diferentes daquelas das disciplinas apontadas. Em suas palavras, a LT “configura uma linha de investigação interdisciplinar dentro da linguística e como tal exige métodos e categorias de várias procedências” (MARCUSCHI, 2012, p. 17).

Os estudos da LT iniciaram na década de 1960, na Alemanha. Conforme Koch e Fávero (2012, p. 15, grifos das autoras), “a origem do termo *linguística textual* pode ser encontrada em Cosériu (1955), embora, no sentido que lhe é atualmente atribuído, tenha sido empregado pela primeira vez por Weinrich (1966, 1967)”.

Anteriormente à década de 1960, as pesquisas linguísticas tinham como limite o estudo da frase – fonologia, morfologia e sintaxe frasal –, desconhecendo os aspectos semânticos e contextuais em diferentes situações de comunicação. (PAGLIOSA, 2012, p. 11).

Assim, os estudiosos da linguagem, assistiram essa realidade, o ensino da língua, por muitos docentes, ser priorizado basicamente no uso de vocabulário e de categorias gramaticais, a escrita sempre foi avaliada apenas pelos erros ortográficos e morfossintáticos.

Reconhecem-se três momentos no desenvolvimento dessa linha de pesquisa. Tal desenvolvimento “não se trata de uma distinção de ordem cronológica, e sim tipológica, por não haver, entre eles, uma sucessão temporal, constituindo-se cada um deles em um tipo diferente de desenvolvimento teórico”. (FÁVERO, 2012, p. 18); em segundo, a construção das gramáticas textuais, “demonstrando que o falante é dotado de uma competência linguística que lhe permite reconhecer e produzir textos coerentes”; por fim, a construção das teorias de texto, “preocupada com os fatores de produção, recepção e interpretação de textos” (PAGLIOSA, 2012, p. 12). Vejamos, de forma breve, cada uma delas.

A análise transfrástica parte das análises feitas até então – de uma gramática da frase – para os pontos que transcendem os seus limites, reconhecendo, portanto, que o texto se compõe de algo além de um amontoado de frases.

Assim sendo, a análise transfrástica parte, *grosso modo*, da frase para o texto. “Seu principal objetivo é o de estudar os tipos de relação que se pode estabelecer entre os diversos enunciados que compõem uma sequência significativa” (FÁVERO; KOCH, 2007, p.13)

A análise transfrástica reconhece que um texto é um todo significativo coerente e coeso, formado por um conjunto de frases, e não apenas um conjunto de frases escolhidas ao acaso e “organizadas” segundo um propósito caótico.

Apoiados em Koch e Elias (2014, p.60), as relações sintático-semânticas entre dois ou mais enunciados, nos apontam como fonte de interesse para a análise de nosso *corpus*; quando

a pronominalização, a co-referência, a seleção de artigos, a concordância de tempos verbais, a articulação de tema/rema entre os enunciados poderão estar acionados em nossa análise.

Conforme Bentes (2012, p. 261), esse tipo de análise encontrou problemas no que concerne à co-referenciação, pois a mesma não está circunscrita aos limites da frase, mas sim do texto, estando para além das teorias sintáticas e semânticas. A autora cita como exemplo a seguinte frase (2012, p. 261): “Pedro foi ao cinema. Ele não gostou do filme.”, propondo a seguinte análise:

Observar esse trecho, adotando uma perspectiva textual, significa olhar o emprego do pronome pessoal de 3ª. pessoa de uma forma diferente. Aqui, a relação entre nome e pronome não é de simples substituição, no sentido mais corriqueiro do termo. O uso do pronome está fornecendo ao ouvinte/leitor instruções de conexão entre a predicação que se faz do pronome [...] e o próprio SN em questão (considerado como aquele sobre o qual também já se disse algo). Esse movimento contribui para a construção da imagem do referente (“Pedro”) por parte do ouvinte. Será a congruência entre as predicações feitas sobre o pronome e o próprio SN (“Pedro”), e não só a concordância de gênero e número, que permite afirmar que o pronome *ele* é co-referente de *Pedro* (BENTES, 2012, p. 261).

No entanto, apenas a presença do mecanismo de co-referenciação, ao longo de uma sequência, não garante que esta se constitua em um texto. (BENTES, 2012, p. 261-262).

Ao transpormos tal análise para o *corpus* que analisamos nesta dissertação de mestrado, verifica-se o processo de co-referenciação no seguinte excerto do artigo de opinião *Espinhos no caminho de Temer*¹, escrito por André Barrocal, repórter de *CartaCapital* em Brasília² e publicado na referida revista em sua versão *online*, que está entre os artigos analisados no trabalho (Anexo 6, p. 96), correspondente aos dois primeiros parágrafos do texto (grifos nossos)³:

Michel Temer foi à abertura da Olimpíada no Maracanã sob um esquema preparado para protegê-lo de um vexame global. Uma semana antes, o governo demitira o chefe do cerimonial da Rio - 2016, Fernando Igreja, episódio a alimentar rumores entre diplomatas de que o embaixador foi espionado pelo aparelho de segurança de Temer e punido por “dilmismo”.

Na cerimônia, o nome do **presidente interino** não seria anunciado antes de **ele** declarar o início dos Jogos, seu discurso seria relâmpago e logo em seguida o volume de uma música subiria ao máximo. Tudo para impedir ou abafar vaias ao **peemedebista** diante das autoridades presentes e das bilhões de pessoas a assistir pela tevê. Em vão. **Ele** levou uma estrepitosa vaia. (Anexo 6, p. 96)

¹ Cf. o artigo de opinião “Espinhos no caminho de Temer”. Disponível em <https://www.cartacapital.com.br/revista/914/acossado-temer-deposita-esperancas-no-impeachment>. Acesso em 22 mar 2018.

² Cf. <https://www.cartacapital.com.br/autores/andre-barrocal>. Acesso em 26 mai 2018.

³ Para efeito dessa análise, foram suprimidos os *hiperlinks* presentes no artigo original.

Dentro da perspectiva oferecida por Bentes, verifica-se que o objeto de discurso “Michel Temer” não é simplesmente substituído; ao categorizá-lo como “presidente interino” e “peemedebista”, não se trata apenas de uma referência no nível sintático de concordância em gênero e número, mas da construção da imagem de Michel Temer como presidente interino (o que o localiza historicamente, no que concerne ao tempo, ao espaço e ao evento ao qual o texto se remete) e peemedebista (definindo-o como de determinada vertente política, assim como de determinado partido). Assim sendo, mais que o indivíduo Temer, são considerados os grupamentos contextuais aos quais ele integra e as posições que ocupa dentro do evento relatado. Os elementos contextuais passíveis de inferências nesses eventos são elementos que não seriam considerados na análise transfrástica propriamente dita.

Bentes (2012, p. 261), no breve percurso histórico da Linguística Textual, destaca duas importantes definições de texto: a primeira de Harweg (1968), que afirmava que o texto era “uma sequência ininterrupta”, dizia que uma das suas principais características era o fenômeno do múltiplo referenciamento. A segunda definição era de Isenberg (1970): para ele, um texto era “uma sequência coerente de enunciados”.

Desse modo, podemos inferir que tais questões podem ser de grande importância para esse estudo, uma vez que nosso *corpus* são textos. Todas essas reflexões contribuem para a construção da imagem do objeto de discurso Michel Temer, como “presidente interino” por parte do leitor/ouvinte. Será a congruência entre as predicções feitas sobre o pronome e o próprio SN (“peemedebista”), e não só a concordância de gênero e número, que permite afirmar que o pronome *ele* (co-referente de Temer), ou segundo Koch (2014, p.132) pode ser considerado uma progressão referencial.

Para Bentes (2012, p.262), há ainda a investigação “dos fenômenos ‘transfrásticos’: a pronominalização, a seleção dos artigos (definido e indefinido), a concordância dos tempos verbais, a relação tópico-comentário e outros.” A autora lembra ainda que “os estudos sobre a conexão entre enunciados também levou os pesquisadores a indagarem sobre como se estabelecia a relação entre uma sequência e outra *sem* a presença de um conector.” (BENTES, 2012, p. 262, grifo da autora).

(2) Não fui à festa de seu aniversário: passei-lhe um telegrama.

(3) Não fui à festa de seu aniversário: estive doente.

(4) Não fui à festa de seu aniversário: não posso dizer quem estava lá.

Conforme a reflexão da autora, as relações entre o primeiro e o segundo enunciados se constituem da seguinte forma: Em (2), a relação construída é *adversativa*, “implicada pelo

conector ‘mas’”; em (3), a relação construída é *explicativa*, “implicada pelo conector ‘porque’”; por fim, em (4), a relação construída é *conclusiva*, “devido ao uso do conector ‘portanto’”, (BENTES, 2012, p. 262-263). A autora ainda afirma:

No entanto, os conectores mencionados (ou ainda outros que pudessem substituí-los) não estão presentes. Nesse caso, caberia ao ouvinte/leitor construir o sentido global da sequência, estabelecendo mentalmente as relações argumentativas adequadas entre os enunciados. O fato de ter sido necessário considerar, na construção do sentido global do enunciado, o conhecimento intuitivo do falante acerca das relações estabelecidas entre as sentenças, e o fato de nem todo texto apresentar o fenômeno da co-referenciação, constituíram-se em fortes motivos para a construção de uma outra linha de pesquisa, que não considerasse o texto apenas como uma simples soma ou lista dos significados das frases que o constituem. Passou-se, então, ao objetivo de elaborar gramáticas textuais. (BENTES, 2012, p. 263).

Verifica-se nesse momento, a insuficiência da análise transfrástica para a análise dos textos, mobilizando um novo ferramental que corresponde ao segundo momento da análise textual: a elaboração de gramáticas de texto.

Segundo (FÁVERO; KOCH, 2007, p. 14) as gramáticas de texto, surgiram com a finalidade de “refletir sobre fenômenos linguísticos inexplicáveis” à luz da gramática do enunciado, dadas as diferenças qualitativas (e não quantitativas) entre o enunciado e o texto. Reconhecendo que o texto é “muito mais que uma simples sequência de enunciados, a sua compreensão e a sua produção derivam de uma competência específica do falante – a competência textual” (FÁVERO; KOCH, 2007, p. 14). As autoras assim definem a competência textual:

Todo falante de uma língua tem a capacidade de distinguir um texto coerente de um aglomerado incoerente de enunciados e esta competência é, também, especificamente linguística – em sentido amplo. Qualquer falante é capaz de parafrasear um texto, de resumi-lo, de perceber se está completo ou incompleto, de atribuir-lhe um título ou, ainda, de produzir um texto a partir de um título dado. (FÁVERO; KOCH, 2007, p. 14).

Para Charolles (1989, apud BENTES, 2012, p. 264) todo falante possuiria três capacidades textuais básicas: *capacidade formativa* (que permitiria, segundo ele, “produzir e compreender um número potencialmente elevado e ilimitado de textos inéditos e que também lhe possibilita a avaliação, com convergência, da boa ou má-formação de um texto dado”); a *capacidade transformativa* (permite ao falante “reformular, parafrasear e resumir um texto”); e a *capacidade qualificativa* (que permite a esse falante “tipificar”, com convergência, um determinado texto, ou seja, dizer se ele é uma descrição, narração, argumentação etc, além da

possibilidade de produzir um texto de um tipo particular). Frente a tais habilidades básicas do usuário da língua, uma gramática textual visaria, portanto:

- a) verificar o que faz com que um texto seja um texto, isto é, determinar os seus *princípios de constituição*, os fatores responsáveis pela sua *coerência*, as condições em que se manifesta a textualidade [...];
- b) levantar critérios para a delimitação de textos, já que a *completude* é uma das características essenciais do texto;
- c) diferenciar as várias espécies de textos. (FÁVERO; KOCH, 2007, p. 15).

Segundo Ana Christina Bentes, as gramáticas textuais foram influenciadas pela perspectiva gerativista, proposta por Chomsky, prevendo um sistema finito de regras, comum a todos os usuários da língua, que lhes permitiria dizer, se uma sequência linguística é ou não um texto bem formado, o que seria competência textual. (BENTES, 2012, p. 265).

A teoria do texto, conforme Bentes, o terceiro momento de desenvolvimento da LT busca analisar os textos em seu contexto pragmático, ou seja, “o âmbito da investigação se estende do texto ao contexto, este último entendido, de modo geral, como o conjunto de condições externas da produção, recepção e interpretação dos textos” (BENTES, 2012, p. 265).

Nesse sentido, a LT passa a ser compreendida como uma disciplina essencialmente interdisciplinar, ou, nas palavras de Marcuschi, “multidisciplinar, dinâmica, funcional e processual, considerando a língua como não autônoma nem sob seu aspecto formal” (MARCUSCHI, 1998, apud por BENTES, 2012, p. 266).

Dessa forma, mostra-se frutífero verificar como a definição de texto se apresentou em diferentes períodos, considerando que o conceito de texto foi delineado ao longo dos tempos, por diferentes sujeitos que se propuseram a longas reflexões e que levaram em conta diferentes contextos históricos.

Koch considera ainda que “na concepção interacional (dialógica) da língua, na qual os sujeitos são vistos como atores / construtores sociais, o texto passa a ser considerado o próprio *lugar* de interação e os interlocutores, como sujeitos ativos que _ dialogicamente _ nele se constroem e são construídos.” (KOCH, 2015, p. 18, grifos da autora).

Assim, a autora conclui que o evento comunicativo vai mobilizar diversos conjuntos de saberes e dará, assim, condições para uma série de produções de sentidos. Desse modo, pode-se dizer que é no evento comunicativo, ou seja, na elaboração dos textos, que se veiculam os sentidos presentes na linguagem. Considerando tais pressupostos, os artigos de opinião tornam-se perfeitos para o formato de análises aos quais nos dedicaremos, uma vez

que os textos elencados trazem em seus elementos, características da concepção interacional em que autor e leitor construirão seus significados partindo dos eventos partilhados por eles.

Considera-se, assim, como peças desse jogo, segundo, Koch, o produtor, o texto e o leitor/ouvinte. Segundo a autora, o produtor/planejador, utiliza-se de uma série de estratégias para imprimir seu “projeto de dizer”, construindo possíveis sentidos, através de sinalizações textuais: indícios, marcas, pistas. O texto estará organizado de maneira estratégica para que, das diversas maneiras de formulação que a língua lhe ofereça, ele estabeleça limites entre possíveis leituras. O leitor/ouvinte procederá à construção dos sentidos. (KOCH, 2015, p. 21).

Estas convicções me levam a subscrever a definição de Beaugrande (1977, p.10): “evento comunicativo no qual convergem ações linguísticas, cognitivas e sociais”. Trata-se, necessariamente, de um evento dialógico (Bakhtin), de interação entre sujeitos sociais – contemporâneos ou não, copresentes ou não, do mesmo grupo social ou não, mas em diálogo constante. (KOCH, 2015, p. 22)

A leitura das construções das imagens de Temer lança mão desse momento epistemológico de compreensão e interpretação de textos. Podemos pensar que a mesma reflexão, feita daqui a dez anos, sobre “Temer” alcançará resultados muito diferentes do que nos são possíveis, bem como as leituras sobre “Collor” em 2018 são muito diferentes das possíveis em 1992.

Fazendo uma reflexão sobre o *corpus* desta pesquisa, é possível entender as relações que se convergem entre os aspectos teóricos abordados até aqui e os acontecimentos políticos entre 2015 a 2017 no Brasil. O objeto de discurso Michel Temer, foi tema de diversos textos, sendo caracterizado e recategorizado por diversos jornalistas, pesquisadores e profissionais de comunicação. Nesses textos, estiveram imbricadas, além das questões linguísticas, também questões cognitivas e sociais, capazes de compor um Michel Temer diferente a cada prisma de observação.

Após tais reflexões acerca das concepções de texto, passemos às questões relativas à referenciação e progressão textual.

1.2 Referenciação e Progressão Textual

O fato do objeto de discurso elencado para esta pesquisa transitar entre posições opostas, tais como “o vilão e o mocinho”, se dá mediante o fato desse objeto estar ativado por no mínimo dois prismas de observação, além de ainda, por duas vertentes políticas. Cada articulador de texto, partirá de convicções distintas, com intenções também diversas.

O ato de referenciar implica em dizer sobre alguém ou alguma coisa, explicar, abordar, tecendo comentários e avaliações. Exige contínuos ajustes, uma vez que o objeto de que se fala, estará sempre instável, sujeito a alterações durante o percurso da fala, por isso o processo de referenciação é dinâmico e ressignificado no discurso. Considerando tais afirmativas, Koch traz à tona a obra de Blikstein em que ele tecia o seguinte comentário:

(...) o que julgamos ser a realidade não passa de um produto de nossa percepção cultural”. Segundo a autora, “a ‘realidade’ é fabricada por toda uma rede de estereótipos culturais”, e são ainda garantidos e reforçados pela linguagem, de modo que o processo de conhecimento é regulado por uma interação contínua entre práxis, percepção e linguagem. (BLIKSTEIN apud KOCH, 2015, p. 91, 92).

É nesse sentido que o objeto de discurso desta pesquisa, “Temer” vai se harmonizando aos interesses discursivos do articulista à medida que tece em sua escrita, argumentos relevantes à sua intenção comunicativa. A autora destaca a ideia de Blikstein: sendo “o referente (*objeto mental, unidade cultural*) ser extralinguístico não significa que deva ser relegado pela Linguística, já que ele está simplesmente situado *atrás* ou *antes* da linguagem, como um evento cognitivo, produto de nossa percepção”. (KOCH, 2015, p. 92).

Assim, torna-se fundamental considerarmos a afirmativa de Blikstein: “é na dimensão da percepção/cognição que se fabricam os referentes, os quais, embora destituídos de estatuto linguístico, vão condicionar o evento semântico” (KOCH, 2015, p. 92). Koch, em outra obra de sua autoria, diz o seguinte a respeito de referenciação:

Defende-se, hoje em dia, a posição de que a referenciação, bem como a progressão referencial, consistem na *construção e reconstrução de objetos de discurso*. Ou seja, os referentes de que falamos não espelham diretamente o mundo real, não são simples rótulos para designar as coisas do mundo. Eles são construídos e reconstruídos no interior do próprio discurso, de acordo com nossa percepção do mundo, nossos “óculos sociais” (cf. Blikstein, 1986), nossas crenças, atitudes e propósitos comunicativos. Daí a proposta de substituir a noção de referência pela noção de referenciação. (KOCH, 2014, p. 123, grifos da autora).

Koch enfatiza que “as formas de referenciação são escolhas do sujeito em interação com outros sujeitos, em função de um querer- dizer. Os objetos de discurso não se confundem com a realidade extralinguística, eles a (re)construem no próprio processo de interação”. (Koch, 2014, p.124). Segundo ela, a referenciação é dada como as diversas formas de introdução de novas entidades num dado texto.

Se a referenciação é uma atividade discursiva, ela contribui com a função de um querer-dizer. Os objetos de discurso não se confundem com a realidade extralinguística, eles a

(re)constroem no próprio processo de interação (KOCH, 2014, p.124). Tendo em vista o *corpus* desta pesquisa, nos inspiramos nas palavras de Koch: “a escolha de determinada descrição definida pode trazer ao leitor / ouvinte informações importantes sobre as opiniões, crenças e atitudes do produtor do texto, auxiliando-o na construção do sentido” (KOCH, 2015, p. 104).

Assim sendo, reconhecemos tal perspectiva na construção textual dos artigos de opinião, que denotam a posição assumida pelo autor na leitura do evento a que se refere, sendo um elemento importante da análise desse objeto.

Desse modo, quando os referentes apontam para frente, remetem para trás, ou servem de base para a entrada de novas referências, tem-se o processo de referencialização. Os objetos de discurso, conforme discutido até aqui, não são simples rótulos para designar as coisas do mundo, mas se constroem no interior do próprio discurso, de acordo com as percepções, crenças e com o objetivo comunicativo que está em jogo na interação.

As principais estratégias para a construção e reconstrução dos referentes textuais são: introdução (construção): ocorre quando um objeto até então não mencionado é introduzido no texto, ocupando lugar de destaque; retomada (manutenção): ocorre quando um objeto já presente no texto é reativado por meio de uma forma referencial, mantendo-se em foco o objeto de discurso; e desfocalização: ocorre quando um novo objeto é lançado no texto, atraindo para si o foco. (KOCH, 2014 p.125-126).

Faz-se necessário relacionar a esta definição, um exemplo de nosso *corpus*: No artigo: “Temer se revelou um político menor” (Anexo 4, p. 88), o subtítulo é: “A carta do vice é simbólica de um País que sente a falta de estadistas e está repleto de pulhas”. Percebe-se que no título, Roberto Amaral caracteriza o objeto de discurso Michel Temer como “um político menor”, já no subtítulo, dá-se a *desfocalização*, uma vez que o objeto de discurso passa a ser a carta. O leitor apenas construiria inferência se ele já tivesse conhecimento do evento e dos desdobramentos que a referida carta ocasionou no cenário nacional; ou ao menos, ao dar-se com a menção à carta, seguiria a leitura em buscar de elucidar-se a respeito do que esta se tratava.

Em outras palavras, “pode-se dizer que a progressão textual se dá com base no *já dito*, no que *será dito* e no que é *sugerido*, que se codeterminam progressivamente” (KOCH, 2015, p. 99, grifos da autora). Conforme a autora, *referir*, *remeter*, *retomar* são definidos da seguinte forma:

Referir, é uma atividade de designação realizável por meio da língua sem implicar uma relação especular língua-mundo; remeter é uma atividade de

processamento indicial na cotextualidade; retomar é uma atividade de continuidade de núcleo referencial, seja numa relação de identidade ou não. Ressalte-se mais uma vez, que a continuidade referencial não implica referentes sempre estáveis nem identidade entre referentes. (KOCH, 2015, p. 98-99).

Trazendo a definição acima para um exemplo de nosso *corpus*, no artigo de Maurício Dias, intitulado “*Até tu, Michel Temer?*” (Anexo 2, p. 81), publicado em 06/11/2015, momento em que se antecedia ao *impeachment* de Dilma Rousseff, observa-se que o assunto refere a Michel Temer, o título “*Até tu, Temer?*” remete ao episódio do assassinato a punhaladas do imperador romano Júlio César pelos senadores romanos, entre os quais estava seu filho adotivo Marcus Brutus. Ao reconhecê-lo entre os assassinos, o Imperador teria dito “*Até tu, Brutus, filho meu?*”⁴, que, com o tempo, adquiriu o sentido de surpresa diante de uma traição.

O subtítulo do artigo serve ao propósito de direcionar a interpretação da primeira metáfora. Nele consta que “o documento do PMDB intitulado ‘Uma ponte para o futuro’ é uma estocada traiçoeira contra Dilma”, a escolha lexical *estocada* remete diretamente à proposta metafórica do título, apontando inclusive para o posicionamento do autor em relação ao evento que relata e opina. Com essa escolha lexical, o articulista traz o efeito de sentido a esse objeto de discurso como aquele que teria proferido uma séria traição à presidente Dilma, ao lançar juntamente com seu com seu partido (PMDB), o documento “Uma ponte para o futuro”, contendo propostas de ações opostas à linha de ação da presidente em exercício.

Não só a punhalada nas costas é exemplo de traição. Há outros recursos, também traiçoeiros, embora mais sutis, como o recente documento difundido pelo PMDB, de Norte a Sul do País, denominado “Uma ponte para o futuro”, e chancelado por Michel Temer, presidente do partido, como proposta de “debate interno”. O PMDB avisa que fala para dentro, mas fala mesmo é para fora. (Anexo 2, p. 81)

No trecho do artigo acima, constata-se que o autor refere-se a Michel Temer já no título, trazendo-o vinculado a uma célebre frase que aciona de imediato o significado de traição. Mesmo aquele leitor que ignorasse o episódio histórico de Marco Antônio e Brutus, já por algum momento, pode ter ouvido essa frase empregada no sentido de traição. Com tal estratégia observa-se a construção deste objeto de discurso como traidor. A manutenção desse

⁴ Cf. <https://www.terra.com.br/noticias/educacao/voce-sabia/de-onde-veio-a-expressao-ate-tu-brutus,f518d8aec67ea310VgnCLD200000bbccceb0aRCRD.html>. Acesso em 14 mai 2018.

objeto de discurso acontece com as escolhas lexicais “estocada traiçoeira contra a Dilma” e “recursos traiçoeiros”.

Koch e Marcuschi (1998, p. 60) defendem que a discursivização ou textualização do mundo por meio da linguagem não consiste em um simples processo de elaboração de informações, mas num processo de (re)construção do próprio real e afirmam:

Sempre que usamos uma forma simbólica, manipulamos a própria percepção da realidade de maneira significativa. É dessa assunção que decorre a proposta de substituir a noção de *referência* pela noção de *referenciação*, tal como postula Mondada (2011): Ela [a referenciação] não privilegia a relação entre as palavras e as coisas, mas a relação intersubjetiva e social no seio da qual as versões do mundo são publicamente elaboradas, avaliadas em termos de adequação às finalidades práticas e as ações em curso dos enunciadores (p.9). (KOCH, 2009, p. 60-61, grifos da autora).

Mondada e Dubois, que se dedicaram aos estudos da referenciação, mencionam que em diversos quadros conceituais, a questão de saber como a língua refere o mundo tem sido colocada. Segundo as autoras, se as respostas são diferentes, a maior parte delas pressupõe correspondência entre palavras e as coisas. Tais correspondências podem ser dadas, preexistente e perdida, ou recuperar, encontrar no exercício da atividade científica, como elas exemplificam. (MONDADA; DUBOIS, 2016, p. 18).

As autoras citam os trabalhos de pesquisa de línguas ideais (Eco, 1993), na utopia de se constituir uma língua perfeita, que se adequasse totalmente com o mundo. Tal perspectiva seria compartilhada pelo discurso e pelo senso comum: a crença em um mundo exterior, que seria a propriedade central da “razão mundana” (“*mundane reason*” Pollner, 1987). (MONDADA e DUBOIS, 2016, p. 18).

Quanto às instabilidades categoriais em controvérsias científicas, Mondada e Dubois destacam também que as categorias exercem instabilidades dentro das práticas linguísticas e cognitivas.

A instabilidade das categorias está ligada a suas ocorrências, uma vez que elas estão situadas em práticas: práticas dependentes tanto de processos de enunciação como de atividades cognitivas não necessariamente verbalizadas; práticas do sujeito ou de interações em que os locutores negociam uma versão provisória, contextual, coordenada do mundo. (MONDADA; DUBOIS, 2016, p. 29).

Segundo as autoras, a categoria lexical impõe um ponto de vista, um domínio semântico de referência, apontando explicitamente para a não-correspondência entre as palavras e as coisas e que emergindo da exibição desta distância, estaria a referenciação.

Assim, a transformação discursiva conduziria a melhor adequação das categorias lexicais. (MONDADA; DUBOIS, 2016, p. 33).

Para elas, “os objetos não são dados segundo as ‘propriedades intrínsecas do mundo’, mas construídos através dos processos cognitivos dos sujeitos aplicados ao mundo concebido como um fluxo contínuo de estímulos”. (MONDADA; DUBOIS 2016, p. 35). Assim, conclui-se que o processo de referenciação é dinâmico e ressignificado no discurso.

Sendo a referenciação um processo que será sempre ressignificado ao longo do discurso, por refletir os fenômenos vivenciados pelos sujeitos que compartilham esse discurso, justifica a razão pela qual Michel Temer atravessou um período de pouco mais de dois anos sendo categorizado por vice-presidente, presidente interino e presidente da república. O contexto histórico que se deu nesse tempo, explica também o fato desse objeto de discurso ser ainda categorizado por uns como “golpista” e por outros como “única pessoa capaz de tirar o Brasil da crise”.

Deste modo, as entidades vão sendo transformadas ao longo do tempo, mediante os fatos, como também das interpretações atribuídas a elas. Se a referenciação é o processo pelo qual são introduzidas no texto, novas entidades, a progressão referencial, será a retomada dessas entidades, sendo construído e reconstruído no desenrolar do discurso.

Entende-se como progressão textual as formas pelas quais um texto se constrói em suas referências. Koch (2015, p. 99) enfatiza que um texto não se dá com continuidade linear, necessariamente progressiva, somando elementos novos com outros já citados em momentos anteriores, como se fosse possível uma soma progressiva e unilateral de partes. Segundo a autora, esse processamento textual se fará com uma oscilação entre diversos movimentos: para frente (projetivo, ou seja, adicionando significados à medida que se processa a leitura) e para trás (retrospectivo, retomando elementos já apresentados), representáveis pela catáfora e anáfora. (KOCH, 2015, p. 99).

Koch (2014, p. 127) ao destacar os dois tipos dos processos de introdução de referentes textuais, menciona os termos: “ativação ancorada” e “não-ancorada”. Segundo a autora, a introdução será não ancorada quando um objeto de discurso totalmente novo for introduzido no texto. Já a ativação ancorada, segundo Koch, será a introdução do novo objeto de discurso no texto, tendo como base algum tipo de associação com elementos já presentes no cotexto ou contexto sociocognitivo.

A **anáfora** como mecanismo linguístico é usada para apontar ou remeter para elementos presentes no texto, ou que sejam inferíveis a partir dele. Assim, a anáfora tem sido concebida como um meio de tipificar os referentes evolutivos. Há dois tipos de anáforas: a

direta e a indireta. A **anáfora direta** seria a remissão para trás, ou seja, para algo ou alguém já mencionado no texto (por ex: Paulo saiu; *ele* foi ao cinema). A autora ainda exemplifica a anáfora indireta: (Só quero *isto*: que vocês me entendam.) (KOCH, 2014, p. 127).

Por outro lado, Mônica Cavalcante diz que, para haver anáfora, é preciso que expressões referenciais anafóricas se ancorem em pistas do cotexto, que podem apontar para trás, ou para frente, ou até para ambas as direções. E exemplifica: “A professora ensina Matemática a Joãozinho. *O garoto* não compreende”. O referente de “Joãozinho” é retomado pela expressão anafórica “*o garoto*”. (CAVALCANTE, 2011, p.55)

Cavalcante explica que a anáfora associativa corresponde à anáfora direta e a anáfora inferencial é a mesma da anáfora indireta, esta última exige maior percepções da situação enunciativa, como também informações do conhecimento culturalmente compartilhado, dados que são fornecidos, segundo ela, pelos próprios desenvolvimento textual e argumentativo. (CAVALCANTE, 2011, p. 63)

Outra estratégia, de igual importância é a anáfora encapsuladora, Monica Cavalcante (CAVALCANTE, 2011, p. 71), ressalta que ela não retoma nenhum objeto de discurso pontualmente, mas se prende a conteúdos espalhados pelo texto. A autora lembra que há uma recuperação difusa de informações e que este é o traço mais típico das anáforas encapsuladoras; é o que lhes confere também o caráter de anáforas indiretas, por ser não correferencial e ter um poder de resumir informações cotextuais e contextuais. Outro fator de relevância lembrado pela autora é que a diferença crucial entre estes encapsuladores e os anafóricos indiretos é que resumem, “encapsulam”; conteúdos inteiros, precedentes ou não precedentes. (CAVALCANTE, 2011, p. 73).

2 DISCUSSÕES SOBRE TEXTO, CONTEXTO E DISCURSO

Neste capítulo abordaremos algumas concepções de texto e discurso e suas imbricações. Tendo em vista esse pressuposto, abriremos reflexões sobre os fatores de textualidade e abordaremos sobre as características e forma composicional do gênero “artigo de opinião”, visto que são objetos de nosso *corpus*. Outro fator importante a ser elucidado será a questão do contexto, visto que esse conceito apresenta variações em seu uso, tanto no que concerne ao tempo – momento de uso – quanto ao autor que evoca o conceito.

Dando continuidade às reflexões, abordaremos alguns dos pressupostos sobre as abordagens de texto e discurso, aí imbricadas, as concepções de sujeito, língua e construção de sentido, sob o olhar de Koch (2015), Travaglia (2008) e Bentes e Rezende (2008).

Num diálogo com a Psicologia, Koch destaca que a concepção de língua “como *representação do pensamento* corresponde a de *sujeito psicológico*, individual, dono de sua vontade e de suas ações”. Para Koch, o sujeito seria visto como um *ego* que construiria uma representação mental e, assim, desejaria que tal representação fosse “captada”, compreendida pelo interlocutor. (KOCH, 2015, p. 14, grifos da autora).

O *ego*, segundo a autora, não estaria isolado de seu mundo, mas assume um papel como sujeito histórico e social, sob a capacidade de interagir. Surgiria, então, a concepção de sujeito social e interativo, que detém o domínio de suas ações. Assim, o sujeito determinado corresponderia à concepção de língua como *estrutura*, sendo assim *assujeitado* pelo sistema, caracterizado por uma espécie de “não consciência”. (KOCH, 2015, p. 14, grifos da autora).

Conforme a autora que todo e qualquer comportamento individual repousa sobre a consideração do sistema, linguístico ou social, elencando três posições clássicas com relação ao sujeito:

1. O predomínio, ou exclusividade, da consciência individual no uso da linguagem;
2. O assujeitamento;
3. A concepção da língua como lugar de interação.

Considerando a consciência individual no uso da linguagem, o enunciador é responsável pelo sentido. Os indivíduos usam a língua como instrumento, utilizando-os como se não houvesse história. Segundo a autora, seria “o sujeito cartesiano, sujeito de consciência, dono de sua vontade e de suas palavras. Interpretar, portanto seria a descobrir a intenção do falante” (KOCH, 2015, p. 14).

Possenti (1993, apud KOCH, 2015, p. 15) refere-se ao assujeitamento: segundo ele, o falante seria, na verdade, um sujeito anônimo, repetidor. Ele possui a ilusão “de ser a origem

de seu enunciado, ilusão necessária, de que a ideologia lança mão para fazê-lo pensar que é livre para fazer e dizer o que deseja”. Entretanto, conforme essa perspectiva, a linguagem parte de elos criados antes e constrói novos elos a partir da enunciação, partindo de um conteúdo possível, porém limitado pela ideologia.

Por fim, tratando-se da língua como lugar de interação, a autora destaca a concepção de língua como espaço ideal no qual se dá o contato entre os interlocutores, o sujeito corresponderia à entidade psicossocial, destacando que “o *caráter ativo* dos sujeitos na produção mesma do social e da interação e defendendo a posição de que os sujeitos (re)produzem o social na medida em que participam ativamente da definição na qual se acham engajados”. (KOCH, 2015, p.16, grifos da autora).

Verifica-se, assim, que cada uma dessas perspectivas não esgota a reflexão, contribuindo para uma visão ampla do cenário no qual a linguagem é o foco.

Para Travaglia, o “discurso” é definido como “toda atividade comunicativa de um locutor, numa situação de comunicação determinada, englobando não só o conjunto de enunciados por ele produzidos em tal situação – ou os seus e os de seu interlocutor, no caso do diálogo – como também o evento de sua enunciação”. (TRAVAGLIA, 2008, p. 67).

Em outras palavras, o texto é o meio pelo qual se estabelece o discurso, que parte de conteúdos prévios e constrói conteúdos a partir do processo, sendo regrado pelo evento em si: uma conversa de bar é muito diferente de uma sessão num tribunal, exigindo determinados textos que podem partir de um mesmo tema - um assassinato, por exemplo - mas com intuítos e resultados completamente diferentes, dada a natureza dos interlocutores, o evento em si e os propósitos adotados.

O sentido, para o autor, advém da intenção comunicativa e, sendo assim, com a função dos elementos linguísticos, definindo-se função como o papel linguístico-discursivo de uma marca formal, dado pela interpretação dos usuários da língua, sendo como o papel, de certa forma, linguística na constituição e funcionamento discursivo de um determinado texto para o cumprimento de uma intenção comunicativa, de uma finalidade específica. Percebemos tal perspectiva quando da leitura de tirinhas e outros enunciados que lançam mão de múltiplos sentidos, que são percebidos pelo momento no qual são lançadas, em diálogo com eventos ou manchetes do momento. Para Travaglia (2008, p. 68), pode-se definir a teoria do discurso como “a teoria da determinação histórica dos processos semânticos”, ou seja, é a presença do social e do histórico que constrói os sentidos no texto.

Bentes e Rezende (2008, p.19) abordam sobre a dificuldade de se definir os conceitos de texto, alegam tratar-se de um fenômeno com o qual lidamos cotidianamente, tornando-se

assim, parte constitutiva, e quem sabe até “inalienável” de nossas vidas. Denominam o texto como “fenômeno ainda cujas diversas manifestações nos são familiares e reconhecíveis, mas para o qual não consta haver uma definição teórica que satisfaça concomitantemente a todos os campos de pesquisa que o abordam”. (BENTES; REZENDE, 2008, p. 19).

Definir texto, como ressaltam as autoras, a respeito de máximas epistemológicas “tão caras a uma reflexão sistemática acerca do objeto textual diz respeito à relação entre o objeto texto e a teoria que o propõe.” Segundo elas, esta definição passa pelo preceito saussuriano de que “é o ponto de vista que constrói o objeto” (Saussure, [1916] 2000: 15). (BENTES; REZENDE, 2008, p. 20).

É possível que realmente o ponto de vista construa o objeto, conforme sugerido por Saussure, como é possível perceber nos artigos de opinião, em que autores de ideologias distintas, partindo, na maioria deles, de num mesmo contexto histórico, construirão a respeito de um mesmo objeto de discurso, uma tessitura diferente, partindo de suas vivências e ideologias fortemente orientadas pelas interações sociais.

Francisco Alves Filho, no livro *Linguística Textual e Análise do Discurso* faz uma abordagem sobre a trajetória de estudos do texto. O autor lembra que sendo o texto, um objeto de estudo de extrema complexidade, estudado por estruturalistas, era considerado como uma estrutura formal e de elementos estritamente linguísticos considerado como uma unidade fechada e quase autossuficiente. Nele estariam contidos todos os elementos geradores de sentido. Segundo o autor, a Linguística de Texto, no entanto, mostrou mais tarde que nenhum texto é autossuficiente e completo. Acreditava-se no período das Gramáticas Gerativas, que um conjunto de regras gerativas daria conta de explicar as gêneses dos textos, mas concluiu-se que o texto não é uma mera extensão das frases, não possuem natureza essencialmente sintática, mas sim, essencialmente pragmática e cognitiva. (FILHO, s/d, p.339).

2.1 O texto e seus componentes

Entendendo que o texto como fenômeno linguístico é complexo e demanda maiores considerações para o seu entendimento, partimos para algumas definições em específico, tendo em vista a fortuna crítica deste trabalho.

2.2.1 Definições de texto

Existem muitas definições para o texto. Dentre eles, Hjelmslev não focaria e não definiria, diretamente, o texto como unidade linguística. Para ele, “qualquer ato de linguagem-

incluindo-se aí textos empíricos, os diferentes gêneros textuais - é um texto”. (BENTES e REZENDE, 2008, p. 23).

Para Z. Harris, por exemplo, em seu artigo, *Discourse Analysis* (1969 [1952]), que pressupõe a linguagem em uso como fonte de observação: “A linguagem [langue], não se apresenta por palavras ou frases independentes, mas em discurso concatenado, [...], seja um enunciado reduzido a uma palavra ou uma obra de dez volumes, um monólogo ou uma discussão política”. (HJELMSLEV citado por BENTES; REZENDE, 2008, p. 24).

O *sentido* de um texto é, portanto, *construído* na interação texto-sujeitos (ou texto-coenunciadores) e não algo que preexista a essa interação. Também a *coerência* deixa de ser vista como mera propriedade ou qualidade do texto, passando a dizer respeito ao modo como os elementos presentes na superfície textual, aliados a todos os elementos do contexto sociocognitivo mobilizados na interlocução, vêm a constituir, em virtude de uma construção dos interlocutores, uma configuração veiculadora de sentidos. (KOCH, 2015, p. 18,19).

Dessa forma, entende-se que os sentidos se constroem no processo comunicativo, na interação entre os sujeitos e, para isso, há uma ordenação específica, um princípio organizacional, a que se dá o nome de textualidade.

Considerando as reflexões de Harris, a respeito do discurso concatenado, é possível relacioná-las à leitura de mais um trecho do artigo de Maurício Dias, “*Até tu, Michel Temer?*”, (Anexo 2, p. 81) publicado em 06 de novembro de 2015.

“Não por acaso as propostas do PMDB, divulgadas no dia 29 de outubro, convergem para o artigo do ex-presidente Fernando Henrique Cardoso publicado em *O Globo*, dois dias depois, onde ele diz: “A saída da crise” requer a formação “de um novo consenso nacional”.

Trata-se “de dar um novo rumo ao país na busca de melhor sociedade futura”. FHC alerta para a necessidade de um consenso nacional para juntarmos forças ao redor de um caminho mais claro para o futuro”.

É claro, para o ex-presidente tucano, que a solução requer a saída de Dilma. Ascenderia ao lugar dela o vice, **Michel Temer**, com o compromisso de cumprir o restante do mandato. **Ele** não disputaria a eleição de 2018. Essa articulação traiçoeira tem o propósito de deixar a porta aberta para o candidato do PSDB ou, quem sabe, para José Serra entrar com o uniforme do PMDB. (Anexo 2, p. 81)

Mostra-se necessária a mobilização de diversos elementos para a compreensão deste trecho do artigo acima, tais como considerar a data do artigo e o contexto político em que o texto foi produzido; quem foi o autor que o produziu e quais suas ideologias manifestadas no texto: que esfera dentro do espectro do jornalismo ele representa; o leitor ainda precisaria mobilizar conhecimentos pessoais, como quem foi Fernando Henrique Cardoso, que papel desempenhou no Brasil e em qual partido; o que ele estaria querendo dizer com “juntarmos forças ao redor de um caminho mais claro para o futuro” Por outro lado, a respeito da frase seguinte, quando o articulista faz sua conclusão: “É claro, para o presidente tucano, que a solução requer a saída de Dilma”.

Com o uso do operador argumentativo “é claro”, Maurício Dias traz obviedade a sua afirmação, o que o coloca em posição de defesa a então presidente Dilma. Através de uma catáfora, ele prevê a ascensão de Temer: “ascenderia no lugar dela o vice, Michel Temer, com o compromisso de cumprir o restante do mandato”; para a compreensão global do trecho seria necessário mobilizar os últimos acontecimentos e a possibilidade do *impeachment* de Dilma Rousseff. “Ele não disputaria a eleição de 2018. Essa articulação traiçoeira tem o propósito de deixar a porta aberta para o candidato do PSDB ou, quem sabe, para José Serra entrar com o uniforme do PMDB”.

O articulista expõe sua opinião, localizando-se contra a manobra política, com a escolha lexical “articulação traiçoeira”, causando o efeito de sentido negativo, além disso, ao dizer que José Serra entraria como candidato com o uniforme do PMDB, exigiria por parte do leitor o conhecimento de que este político sempre foi do PSDB e estaria sendo feita uma aliança.

Assim, a leitura de um simples texto, exige a mobilização de diversos elementos que estão no cotexto e no contexto em que foi escrito. Mobilizando ainda um conhecimento do entorno anterior e posterior ao que está sendo lido.

Koch considera ainda que “na concepção interacional e dialógica da língua, na qual os sujeitos são vistos como atores/ construtores sociais, o texto passa a ser considerado o próprio *lugar* de interação e os interlocutores, como sujeitos ativos que – dialogicamente – nele se constroem e são construídos.” (KOCH, 2015, p. 18).

Assim, a autora conclui que o evento comunicativo vai mobilizar diversos conjuntos de saberes e darão assim condições para uma série de produções de sentidos, que veremos a partir dos fatores de textualidade, ou seja, elementos que originam a organização e a comunicação esperadas pelo texto, conforme serão abordados a seguir.

2.2.2 Os fatores de textualidade

Beaugrande e Dressler (1981, apud BENTES e REZENDE, 2008, p. 28) postulam “a textualidade como princípio organizacional e comunicativo do texto”. Assim sendo, os autores apontam que “a questão mais urgente é que os textos funcionam na interação humana”, para isto, é preciso que este texto possua os sete padrões de textualidade: coesão, coerência, intencionalidade, informatividade, aceitabilidade, situacionalidade, e é preciso que esses sete elementos estejam centrados nos interactantes. Assim, segundo os autores, tais padrões favoreceriam a organização interna do texto e garantiria a função comunicativa do texto. (BENTES e REZENDE, 2008, P. 28).

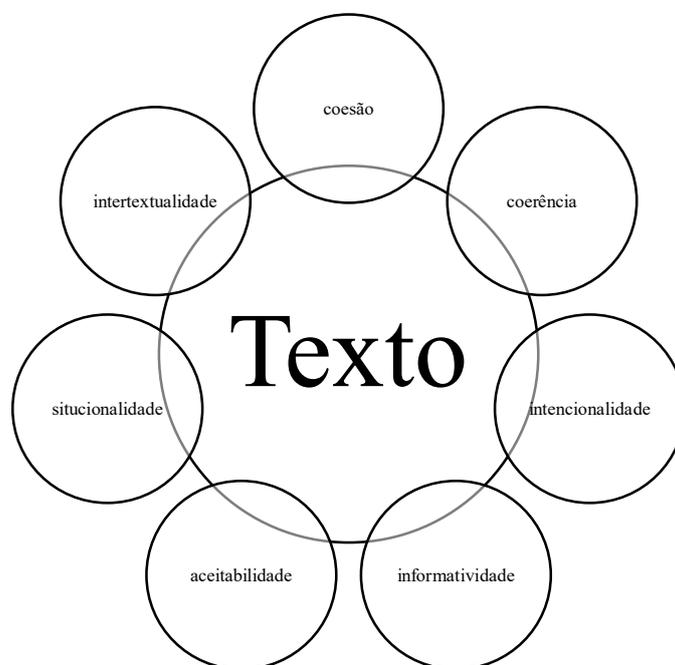


GRÁFICO 1. Elementos fundamentais do texto conforme Bentes e Rezende

Desse modo, os autores lembram que contemplados como uma totalidade, os sete padrões aliam a organização interna a uma função comunicativa do texto. Valem-se de outra máxima de Beaugrande e Dressler (1981)

Um texto será definido como OCORRENCIA COMUNICATIVA que satisfaz a sete padrões de TEXTUALIDADE. Se qualquer um destes padrões não é considerado, o texto não será comunicativo. Portanto, textos não-comunicativos são tratados como não-textos. (BENTES; REZENDE, 2008, p. 28, grifos dos autores).

Levando em conta a fortuna crítica sobre o tema, Koch admite que os limites entre os fatores de textualidade não são tão nítidos assim. Os recursos de coesão textual são os elementos da língua, capazes de estabelecer relações entre os trechos, tecendo assim, “o tecido” (tessitura) do texto. A este fenômeno, dá-se o nome de coesão textual. Koch destaca também a obra que se tornou clássica de Halliday e Hasan (1976), em que apresentaram o conceito de coesão textual como um conceito semântico que se refere às relações de sentido existentes no interior do texto e que o definem como texto. (KOCH, 2013, p.17).

Outro ponto que a autora destaca na obra de Halliday e Hasan seria sobre os fatores de coesão: “a *referência*, a *substituição*, a *elipse*, a *conjunção* e a *coesão lexical*.” (KOCH, 2013, p.18, grifos da autora).

Tomando como referência, a obra de Halliday e Hasan (1976), Koch destaca as seguintes reflexões sobre coesão: “coesão é parte do sistema de uma língua: embora se trate de uma relação semântica, ela é realizada- como ocorre em todos os componentes do sistema semântico, através do sistema léxico-gramatical. Há, portanto, formas de coesão realizada através da gramática e outras, através do léxico”. (KOCH, 2013, p.17).

A autora segue remetendo-se a Marcuschi (1983), que “define os fatores de coesão como aqueles que dão conta da estruturação da sequência superficial do texto”, ela ressalta que para ele, não se trata de princípios meramente sintáticos, mas de “uma espécie de semântica da sintaxe textual”, ou seja, “dos mecanismos formais de uma língua que permitem estabelecer, entre os elementos linguísticos do texto, relações de sentido.” (KOCH, 2013, p.18).

Koch recorda a afirmação de Marcuschi, “a simples justaposição de eventos e situações em um texto pode ativar operações que recobrem ou criam relações de coerência”. Assim, infere-se que podemos ler textos com coesão, sendo incoerentes, assim como o inverso: ler textos sem coesão, tendo coerência. Ela conclui afirmando que o conceito de coesão textual diz respeito a todos os processos de sequencialização que asseguram (ou tornam recuperável) uma ligação linguística significativa entre os elementos que ocorrem na superfície textual. (KOCH, 2013, p.19).

Desse modo, a autora conclui, retomando conceitos de Halliday e Hasan, que por estabelecer *relações de sentido*, diz respeito aos recursos semânticos, em que uma sentença se liga com a que veio antes, aos recursos semânticos mobilizados com o propósito de criar textos. Tais recursos coesivos são denominados “laços”, “elo coesivo”. (KOCH, 2013, p.17, grifos da autora).

Enfatiza, ainda, que, apesar da coesão não constituir condição suficiente para que um texto seja um texto, é fato que o uso de elementos coesivos oferece ao texto maior legibilidade, explicitando as relações estabelecidas entre os elementos linguísticos que o compõem. Assim, a coesão é algo desejável em textos científicos, didáticos, expositivos, opinativos, pois é um mecanismo superficial da coerência. (KOCH, 2013, p.19).

Koch ainda destaca que Halliday e Hasan (1976) estabeleceram como os principais mecanismos de coesão: a referência (pessoal, demonstrativa, comparativa), a substituição (nominal, verbal, frasal) a elipse (nominal, verbal, frasal), a conjunção (aditiva, adversativa, causal, temporal, continuativa) e a coesão lexical (repetição, sinonímia, hiperonímia). (KOCH, 2013, p.19-20).

Tais recursos corroboram para a construção dos sentidos no texto, transformando o leitor em coautor, a partir do momento em que este estabelece as ligações necessárias, tecendo juntamente com o autor, os significados da mensagem transmitida. Apesar da relevância dos sete padrões de textualidade para a formação de sentido num texto, limitaremos a nos ater apenas em algumas delas, uma vez que nosso foco principal são os processos de referenciação. No entanto, é preciso destacar que todos eles se articulam para na concretização do significado. Sendo também a intertextualidade um recurso bastante usado pelos articulistas, também merece nossa atenção.

Reconhecemos a intertextualidade, quando identificamos um trecho escrito (já conhecido no senso comum) dentro de um texto. Para isso, o referido trecho deverá se remeter a outros textos, já inseridos na memória coletiva. Segundo Koch (2013, p. 17, 18) existem diversos tipos de intertextualidades: temática; estilística; explícita; implícita; autotextualidade; além da intertextualidade com textos de outros enunciadores; dentre outras.

É bastante comum os articulistas fazerem uso destes tipos de intertextualidade, retomando falas e fatos históricos, no intuito de ilustrarem suas argumentações. Como no caso, já mencionado anteriormente, do artigo: “Até tu, Michel Temer?” (Anexo 2, p. 81) que lança mão do épico episódio do assassinato a punhaladas do imperador romano Júlio César por seus traidores e ajudado por seu filho adotivo Marcus Brutus. A frase “Até tu, Brutus, filho meu?”, ficou conhecida para exprimir o sentimento de uma traição.

3 ANÁLISE DOS ARTIGOS DE OPINIÃO TENDO COMO FOCO O OBJETO DE DISCURSO “TEMER”

Tendo abordado as perspectivas teóricas que norteiam esse trabalho nos capítulos anteriores, usando como referência o artigo de opinião “Até tu, Temer?” de Maurício Dias, em particular, citando alguns exemplos de outros artigos a serem analisados adiante, verificaremos, nesse momento, como o objeto de discurso “Temer” é categorizado e recategorizado em artigos publicados em três momentos distintos: antes, durante e após o *impeachment* da presidente Dilma Rousseff, fato que afetou diretamente a forma como “Temer” foi categorizado e recategorizado nesses artigos, conforme veremos.

Em função de nosso *corpus* estar com artigos de dois veículos de comunicação com ideologias distintas, torna-se necessário uma retomada ao tema de duas ideologias políticas que se desenham, no mundo, há centenas de anos. Para isto, faremos uso de algumas reflexões de Motta e Possenti sobre a direita e esquerda.

No início da década de 1990, houve uma “desideologização da sociedade e da política”, tendo por referente a obra *O fim da história*, de Fukuyama, escrita em 1989. Em linhas gerais, os estudiosos defendiam que (em 1989) não havia mais conflitos ideológicos porque não havia alternativas coerentes à democracia liberal ou ao capitalismo. Tal discurso se fazia então recorrente em épocas de eleição, quando, segundo os autores, se tematizavam as semelhanças entre os diferentes partidos e candidatos e, quase invariavelmente, se concluía que não existiam mais diferenças ideológicas. (MOTTA e POSSENTI, 2008, p. 304).

No Brasil, apesar de haver partidos de esquerda desde a década de 1900, apenas chegaram ao poder quando Luís Inácio Lula da Silva foi eleito em 2003. Governou de 2003 a 2010, tendo sido, então, sucedido por sua parceira de partido, Dilma Rousseff, que governou de 2011 a 2016, até seu *impeachment*. Em função disso, a polarização e divisão ideológica vem se desenhando de forma contundente neste país.

Motta e Possenti retomam a definição de Bobbio (1994), para ele, a esquerda é igualitária e a direita inigualitária. Os autores lançam mão também da definição de Bresser-Pereira (2007, citado por MOTTA; POSSENTI, 2008, p. 304),

Meu conceito de esquerda e direita tem como critérios a justiça social e a ordem pública, de um lado, e o reconhecimento ou não da necessidade de intervenção do Estado na economia, de outro. Enquanto alguém de direita prioriza sempre a ordem em relação à justiça, quem é de esquerda está disposto a arriscar a ordem em nome da justiça social; enquanto o conservador é hoje um neo ou ultraliberal, o progressista defende um grau

razoável de intervenção do Estado para corrigir as falhas alocativas e distributivas do mercado (p.83).

Os autores citam ainda Maingueneau (1984, citado por MOTTA; POSSENTI, 2008, p. 304), que propunha o uso de duas formações discursivas com os semas /**igualdade**/ e/ **justiça**/ como fundamentais da esquerda e os semas /**diferença**/e /**ordem**/ seriam os fundamentais da direita. (MOTTA e POSSENTI, 2008, p.304, grifos dos autores).

Como esta pesquisa busca elencar os diversos recursos da argumentação em artigos de opinião, pensamos que as análises de revistas que representem as duas ideologias poderão ser mais enriquecedoras ao nosso estudo. Sendo as revistas citadas, de posições divergentes, acreditamos que nos trouxessem, assim, maior número de elementos para reflexões mais aprofundadas. Porém, é importante lembrar que a revista *Veja* foi definida como de ideologia da direita, mas não podemos ignorar o fato de que, após a data de 25 de fevereiro de 2016, a revista passou por mudanças em sua formação quando o diretor comercial, Eurípedes Alcântara, foi substituído por Walter Longo, reconhecido como um intelectual de esquerda⁵.

Retomando Costa (2009, p. 36), a “estrutura composicional de um artigo de opinião varia bastante, não possuindo uma estrutura canônica”. Mas será importante para nosso estudo, verificar se ambos os textos em análise possuem os três pilares: introdução, argumentação/refutação e conclusão.

Retomando o quadro apresentado na introdução, que representa o conjunto de artigos de opinião selecionados para compor o *corpus* dessa pesquisa, organizado por data de publicação, título, autor e a revista em que foi publicado, verificamos que é possível reconhecer um panorama dos temas elencados que circundam o objeto de discurso estudado.

Nº	DATA	TÍTULO DO ARTIGO	AUTOR	REVISTA
1	06.11.2015	Até tu, Michel Temer? <i>Obs: Usado no capítulo teórico.</i>	Maurício Dias	<i>CartaCapital</i>
2	08.12.2015	Planalto vaza carta de Temer a Dilma, dá tiro no próprio pé e esquenta clima pró- <i>impeachment</i> .	Reinaldo Azevedo	<i>Veja.com</i>
3	10.12.2015	Temer se revelou um político menor	Roberto Amaral	<i>CartaCapital</i>
4	05.08.2016	Temer é vaiado ao abrir os Jogos Rio- 2016	Carolina Faria	<i>Veja.com</i>
5	19.08.2016	Espinhos no caminho de Temer	André Barrocal	<i>CartaCapital</i>

Cf⁵ <https://www.revistaforum.com.br/presidente-da-abril-e-diretor-de-redacao-da-veja-sao-demitidos/>.

6	15.05.2017	Temer ano 1: Ele não errou, mas os antipetismos só fazem asneiras	Reinaldo Azevedo	<i>Veja.com</i>
7	15.05.2017	12 retrocessos em 12 meses de Temer	Guilherme Boulos	<i>CartaCapital</i>

QUADRO 1. Artigos elencados para análise.

Os artigos foram organizados de forma a apresentarem o cenário no qual o objeto de discurso transitou, de tal forma que se faça possível entender como ele foi categorizado e recategorizado diante dos eventos que ocorreram entre a divulgação da carta, dita particular, e o assumir da presidência da República pós-*impeachment*. Conforme a proposta, o primeiro artigo elencado serve como exemplificador dos elementos levantados para a análise no capítulo teórico; os artigos seguintes foram organizados aos pares, de forma a trazer à luz elementos dados por um veículo de comunicação cuja tendência política é direitista, assim como outro de tendência esquerdista, buscando verificar não apenas como o objeto de discurso era categorizado especificamente em um artigo de opinião, mas como os elementos do evento histórico seriam lidos por uma e outra vertente.

Assim sendo, os artigos 2 e 3 são contrapostos tendo como referencial o período pré *impeachment*, no qual o objeto de discurso “Temer” era identificado como vice-presidente da república. Por sua vez, os artigos seguintes, 4 e 5, correspondem ao momento em que Temer torna-se presidente interino, enquanto o processo relativo ao *impeachment* estava em andamento. Por fim, os artigos 6 e 7 correspondem ao período pós *impeachment*, especificamente ao período em que o governo Temer completava um ano de exercício. Verificaremos como a categorização do objeto de discurso aponta para sentidos derivados do contexto de cada um dos veículos de comunicação elencados.

2.1 Período Pré-*Impeachment*

Artigo 2: *Planalto vaza carta de Temer a Dilma, dá tiro no próprio pé e esquenta clima pró-impeachment*, escrito por Reinaldo Azevedo, publicado em 08 de dezembro de 2015, na *Veja.com*. (Anexo 3, p. 84).

O período pré-*impeachment* iniciou-se com a abertura do processo acerca da improbidade administrativa da presidente em exercício Dilma Rousseff. Nesse momento, uma série de autoridades se pronunciou favorável e desfavoravelmente à acusação, cujos mirantes não foram negligenciados pelos articulistas. Tendo isso em vista, verificaremos como Reinaldo Azevedo, para a revista *Veja.com*, e Roberto Amaral, para a revista *CartaCapital*, categorizaram o objeto de discurso Temer, que, na ocasião, ocupava o cargo de vice-presidente.

No artigo de Reinaldo Azevedo⁶, intitulado “*Planalto vaza carta de Temer a Dilma, dá tiro no próprio pé e esquenta clima pró-impeachment*” (Anexo 3, p. 84) é retratado o momento em que a então presidente Dilma faz a leitura da carta enviada por Temer. Sua perplexidade fica evidente, eternizada por sua imagem, no momento em que estarecida, lia a missiva. A imagem viralizou a ponto de ser usada em diversos textos jornalísticos e artigos.

Entretanto, é importante salientar que, na busca por artigos que expressassem defesa a Temer, após a divulgação da referida carta à presidente Dilma, houve grande dificuldade, uma vez que os diversos textos a respeito deste tema apresentaram caráter depreciativo em relação à atitude do vice.

2.1.1 Mapeamento das caracterizações do artigo 2

No intuito de facilitarmos o olhar para as diversas caracterizações sofridas por Michel Temer, nos artigos de opinião analisados, organizamos o quadro abaixo:

“Caracterização 1” Temer (pessoa): “A carta de Temer”
“Caracterização 2” Vice-presidente

⁶ José Reinaldo Azevedo e Silva, nascido em Dois Córregos em São Paulo, formado em jornalismo pela universidade Metodista de São Paulo, atua como jornalista político e se intitula de orientação liberal, anticomunista. Atualmente é jornalista no jornal *Folha de São Paulo*. Teve por 12 anos seu *blog* hospedado no site da *Veja*; porém, em 23 de maio de 2017, decidiu rescindir contrato com a revista. Cf. em <https://veja.abril.com.br/blog/reinaldo/meu-ultimo-post-na-veja/> 25/05/17, Reinaldo Azevedo teve seu último post na *Veja*, após pedir demissão da revista.

“Caracterização 3” Vice-presidente da República
“Caracterização 4” Homem educado
“Caracterização 5” Vítima “de tratamento truculento por parte do planalto”
“Caracterização 6” Vítima de assédio: “Assediado brutalmente pelos palacianos”
“Caracterização 7” Vítima de calúnia:
“Caracterização 8” leal
“Caracterização 9” Vice decorativo (denominou-se o próprio Temer)

O título do artigo já retoma a pessoa de Temer como o autor da carta, mas de forma oblíqua; o verdadeiro ator dos eventos é o Planalto, instituição e não pessoa, que conforme Reinaldo relata, divulga a carta, dando “tiro no próprio pé” e “esquentando clima *pró-impeachment*”. No subtítulo, o conteúdo da carta é melhor apresentado: nela, o *vice-presidente* “demonstra que titular não confia nem nele nem no PMDB e deixa claro que assim sempre será”. Reconhece-se o jogo de palavras entre “vice-presidente” e “titular”: apontando Temer como “reserva”, que é justamente o motivo que o leva a se pronunciar. Reinaldo já elabora sua versão a respeito do polêmico fato, revelando seu contundente estilo de escrita, repleto de posicionamentos e argumentos.

Destaca-se o subtítulo: “Em missiva, vice-presidente demonstra que titular não confia nele nem no PMDB e deixa claro que assim sempre será”; em que Reinaldo faz uso de anáforas encapsuladoras “e **assim** sempre será”, como uma justificativa de que não haveria a hipótese de uma conciliação, que o problema entre ambos é algo sem conserto, algo que inspira o rompimento e nada mais, indiciando inclusive os eventos que se seguiram.

Seguem-se ao título e subtítulo duas imagens da presidente Dilma, em tamanhos diferentes, mas de mesmo conteúdo: Nela, vemos a presidente mordendo a haste esquerda dos óculos que segura na mão direita, enquanto faz um esforço visual para a leitura de uma carta que tem em sua mão. Como legenda, temos acima “MAS COMO ASSIM?”, e abaixo “VERBA VOLANT’?”, seguida do logo do movimento Brasil Livre. Esse movimento,

conhecido pela sigla MBL⁷, foi responsável por grande número de eventos pró *impeachment*; lançando mão da escrita de Temer, colocam em evidência a suposta dificuldade da leitura da carta pela presidente Dilma, por não entender os termos nela contidos. É importante ressaltar que não há, nesse *meme*⁸, nenhuma garantia de que a legenda corresponda à imagem, ou seja, nada garante que a foto tenha sido tirada no momento em que a presidente lia efetivamente a carta.



FIGURA 1. Meme extraído do artigo de Reinaldo Azevedo. Disponível em <https://veja.abril.com.br/blog/reinaldo/planalto-vaza-carta-de-temer-a-dilma-da-tiro-no-proprio-pe-e-esquenta-clima-pro-impeachment/>. Acesso em 15 fev 2019.

Abaixo da primeira imagem, temos o símbolo “(/)”. Segundo o *Urban Dictionary*, esse símbolo corresponde ao *facepalm*⁹, gesto de colocar a mão no rosto em surpresa ou decepção. A imagem oferece algumas interpretações: 1. Um reforço para expor a dificuldade da presidente para entender situações, bem como possuía para se expressar em seus polêmicos pronunciamentos; 2. O uso de uma imagem viral que foi veiculada em vários outros artigos

⁷ Cf. <http://mbl.org.br/>. Acesso em 30 jan 2019. No momento da consulta, não havia no site nenhuma menção à ex presidente Dilma Rousseff, ao ex presidente Temer ou mesmo ao atual presidente Jair Bolsonaro.

⁸ O termo meme foi criado pelo autor Richard Dawkins em seu livro *O Gene Egoísta* de 1976. Para o autor, meme seria “um composto de informações que podem se multiplicar entre os cérebros ou em determinados locais como, livros”. Assim sendo, seria “considerado uma ideia, um conceito, sons ou qualquer outra informação que possa ser transmitida rapidamente. Apenas a título de curiosidade, o estudo deste conceito é chamado de memética.”

Transposto para a linguagem da internet, a expressão “é utilizada para caracterizar uma ideia ou conceito, que se difundi através da web rapidamente. O Meme pode ser uma frase, link, vídeo, site, imagem entre outros, os quais se espalham por intermédio de e-mails, blogs, sites de notícia, redes sociais e demais fontes de informação.” cf. <https://www.infoescola.com/comunicacao/memes/>. Acesso em 30 jan 2019.

⁹ Cf. <https://www.urbandictionary.com/define.php?term=%28%2F%29.-%29>. Acesso em 30 jan 2018.

sobre o tema; 3. A utilização de um *meme*, o uso da imagem por um veículo midiático de longa durabilidade no mercado. Esse ataque, no entanto, não se reflete no texto escrito, estando acessível através de outras estratégias discursivas.

É importante ressaltar que este contexto político (os desdobramentos da carta de Michel Temer à presidente Dilma Rousseff) servirá como pano de fundo para as análises dos dois artigos seguintes, caracterizados por Artigos 2 e 3.

Michel Temer, vice-presidente da República, é um homem educado também no sentido, vamos dizer, escolar do termo. Tanto é assim que recorreu ao velho estilo epistolar para evidenciar as múltiplas provas de desconfiança dadas por Dilma e expor o tratamento truculento de que tem sido vítima. Nesta segunda, enviou uma carta à presidente elencando 11 provas concretas de que ela não confia nem nele nem em seu partido, PMDB. A mensagem, esclarece a Vice-Presidência, não implica um rompimento pessoal com Dilma nem o fim da aliança do PMDB com PT. Ainda que assim seja, é claro que o texto se tornou um marco. Agora, ou racha ou racha. (Anexo 3, p. 84)

O texto inicia com a evocação do objeto de discurso “Temer” pelo nome e pelo título ocupado na ocasião: “Michel Temer, vice-presidente da República”; com a expressão anafórica, temos aqui a contraposição entre a pessoa “Temer” e o título, que o coloca na posição em que sua carta aponta como depreciativa. Verifica-se, já nesse momento, que o articulista quer explorar o lugar ocupado pela pessoa “Temer” em relação ao cargo ocupado: ao categorizar o objeto de discurso “Temer” como “um homem educado, também no sentido, vamos dizer, escolar do termo”, apresenta a pessoa “Temer” – pessoa esta que será explorada na argumentação que segue – como alguém competente para o cargo que ocupa; verifica-se, com isso que, ao ilustrar o texto com um *meme* da presidente em exercício na ocasião, que aponta justamente para sentidos opostos, que ela não seria adequada para o cargo que ocupava, ainda que, haja vista, houvesse, conforme a carta de Temer, limitado suas possibilidades de exercer seu papel frente ao cargo que ocupava. Resumindo, na abertura do artigo, Reinaldo caracteriza o objeto de discurso como: Michel Temer, vice-presidente da República, um homem educado, vítima de tratamento truculento. Temer é descrito como pessoa e também como instituição. Apesar da justificativa do não rompimento de Temer com Dilma, tal conclusão tornou-se institucionalizada.

Não há dúvida de que tais escolhas lexicais corroboram na construção de um “Temer” imbuído de sentimentos, fragilizado e vulnerável a injustiças por ele proferidas.

Ao lançar mão do termo “ou racha ou racha”, remetendo-se à expressão original “ou vai ou racha”, Reinaldo exerce sobre o leitor o efeito de exagero, apontando para o sentido de que há apenas um caminho a seguir. Ao lançar mão dessa construção frasal, o articulista ressalta a impossibilidade de haver conciliação entre a presidente e seu vice.

Com a carta, Temer respondia ao assédio brutal dos palacianos, que tentam, na prática, cassar-lhe prerrogativas constitucionais. A ousadia é tal, já aponte aqui, que o ministro Jaques Wagner teve o topete de pôr na boca do vice, palavras que este não pronunciou. (Anexo 3, p. 84)

Outro ponto destacado pelo articulista é que a competência de Temer é atestada por recorrer “ao velho estilo epistolar”: ao lançar mão da escrita, e não da fala, notavelmente um elemento de força nos políticos filiados à esquerda e ao PT, partido da presidente em exercício, retoma o diálogo com a imagem escolhida e posiciona-se favoravelmente ao presidente e ao partido a que pertence, de forma dissimulada, mas perceptível para o leitor do texto. A categorização assumida tende a considerar que o vice-presidente, dada sua educação – aqui citada no sentido de formação – possui predicados que o legitimam em sua reclamação à presidente em exercício, colocando-o como vítima de um “tratamento truculento” exposto na carta. Esta escolha lexical feita por Reinaldo reforça a intenção de intensificar ainda mais o tratamento “falho” da presidente para com Michel Temer; além de explicitar a intenção de solidarizar-se a ele.

Agora vamos ao que é mais impressionante. A carta foi enviada à presidente nesta segunda, quando governistas fiéis ao Planalto lutavam com dissidentes, em companhia da oposição, pelo controle da comissão especial que vai analisar a denúncia que pode resultar no impeachment de Dilma. Trata-se de uma mensagem pessoal. Ora, é evidente que jamais deveria ter sido vazada para a imprensa. Mas foi. (Anexo 3, p. 84)

No segundo parágrafo, Reinaldo posiciona-se mais uma vez em defesa de Temer. Os argumentos revelam o posicionamento do articulista, ao afirmar que os palacianos tentavam cassar as prerrogativas constitucionais de Temer. Ao mencionar a carta, observa-se a desfocalização, em que o objeto de discurso “Temer” assume segunda posição, em detrimento do protagonismo da carta. No texto de Reinaldo, há indícios de posicionamentos favoráveis a Temer. Além das expressões anafóricas que o caracterizam como “um homem educado”,

“vítima de tratamento truculento” (por parte dos integrantes do governo). Por diversas vezes, a construção sintática aponta para a defesa deste objeto de discurso, como: “Temer enviou uma carta à presidente elencando 11 provas concretas de que ela não confia nem nele (Temer), nem em seu partido”. Refere-se também ao assédio brutal por parte dos palacianos de que Temer era vítima, colocando, até mesmo, palavras em sua boca que nunca foram pronunciadas.

O próprio Temer se surpreendeu. Afirmou:

“Escrevi uma carta confidencial e pessoal à presidente da República. Tive o cuidado de mandar pessoalmente a minha chefe de gabinete entregá-la. Mais uma vez, avalei mal. Desembarquei em Brasília agora à noite e me surpreendi com o fato gravíssimo de o palácio ter divulgado uma carta confidencial. Eu já tinha me decepcionado quando os ministros Edinho Silva e Jaques Wagner divulgaram versões equivocadas do meu último encontro com a presidente, me deixando mal jurídica e politicamente.” (Anexo 3, p. 84)

Reinaldo Azevedo vale-se do uso da citação direta, com o propósito de dar voz a Temer, construindo ele próprio uma suposta fala do vice. Com esta estratégia, podemos entender que a argumentação se torna mais contundente. Com tais escolhas lexicais, o articulista promove a discussão entre um suposto leitor, oferecendo ele próprio, os argumentos possíveis para um suposto convencimento de que suas ideias são irrefutáveis.

Falemos um pouco da carta. O vice a inicia com uma epígrafe de um ditado latino, a saber: “Verba volant; scripta manent” — palavras ditas voam; palavras escritas permanecem. Ou por outra: ele preferiu escrever porque ouviu dizer que a presidente o chamaria para mais um encontro. E, depois das distorções de Wagner e Edinho, Temer não quis correr o risco de ouvir falas que não são suas a voar por aí, como se suas fossem.

Na epístola enviada a Dilma, elenca 11 episódios em que a desconfiança da presidente no seu vice e no PMDB ficou patente. Pois é... Temer poderia ter citado ainda um outro adágio latino: “Verba movente; exempla trahunt”. Ou: as palavras movem; os exemplos empurram. Mas isso é literal demais e não aclara as coisas. O melhor seria: as palavras movem; os exemplos compelem, convencem, evidenciam.

Temer afirma que passou os quatro primeiros anos como “vice decorativo” e que “só era chamado para resolver votações do PMDB e crises políticas”. Diz que jamais foi convocado

para discutir “formulações econômicas ou políticas do país”. E resume: “Éramos meros acessórios, secundários, subsidiários”. (Anexo 3, p. 84)

Novamente lançando mão da citação direta, Reinaldo Azevedo dá a Temer visibilidade e voz naquilo que, num primeiro momento, soaria como traição (algo explorado no artigo “Até tu, Temer?”). Assim sendo, esse recurso argumentativo esclarece uma posição enunciativa na qual Temer é vítima das circunstâncias, não autor de uma traição. Outro recurso usado por Reinaldo é sublinhar alguns trechos na intenção de destacar ainda mais suas ideias, como fez na frase: “Temer não quis correr o risco de ouvir falas que não são suas a voar por aí, como se suas fossem”. Na intenção de trazer a elas um efeito de tom de voz mais enfático, como costuma fazer em seus pronunciamentos. Reinaldo coloca-se, ainda, em suposta coautoria quando sugere outros ditados que Temer poderia ter usado em sua carta: “as palavras movem, os exemplos compelem, convencem, evidenciam.” Infere-se, nesse ponto, que o autor está de comum acordo com o ato de Temer, ainda que não necessariamente em relação ao conteúdo da carta conforme interpretado.

Destacam-se, ainda, expressões nominais sinônimas, usadas por Temer, quando define sua equipe e a si mesmo por: “acessórios, secundários, subsidiários”. Tal recurso argumentativo favorece a progressão referencial, estratégia da referenciação.

Até o final de sua carta, Temer evidencia seus desagradados, ora a respeito de retiradas de pessoas de sua confiança para cargos que ele havia indicado, ora por falta de convite para eventos da cúpula do governo.

Alguns recursos como o encapsulamento corroboram para a construção da ideia de que Temer é uma mera vítima do governo Dilma. Como no encapsulamento: “vice-decorativo”, em que engloba o fato do político nunca ser convocado para discutir “formulações econômicas ou políticas do país”.

As expressões anafóricas presentes no texto: (homem educado, vítima, leal...) permitem que a caracterização e recaracterização deste objeto de discurso apontem para alguém que é: vítima, injustiçado e mal interpretado:

Artigo 3- “Temer se revelou um político menor” escrito por Roberto Amaral, em 10 de dezembro de 2015, publicado na revista *CartaCapital* com o seguinte título (Anexo 4, p. 88):

Reforçamos que a publicação deste artigo é de apenas dois dias após o artigo anterior, o que configura ainda os desdobramentos da polêmica carta de Temer à Dilma. O país já se

encontrava separado por simpatizantes dos partidos de direita e esquerda, assumindo uma luta partidária. O que mais se ouvia era a acusação ou defesa a Temer como golpista ou não golpista.

A carta de Michel Temer à presidente Dilma, foi seguramente algo que se desdobrou em inúmeros textos, memes, charges sobre o acontecimento. Roberto Amaral não se furtou a se manifestar de maneira incisiva, dando um parecer repleto de adjetivações ao protagonista.

O subtítulo diz: “A carta do vice é simbólica de um País que sente a falta de estadistas e está repleto de pulhas”. Seguida de foto de Michel Temer com sorriso sarcástico, com a nota de rodapé: “Michel Temer: ele trama sua subida ao Planalto.” Abaixo da frase “Leia também”, são disponibilizados alguns *hiperlinks*, intitulados: “Eduardo Cunha manda e desmanda”; “No Conselho de Ética, Cunha vence mais uma vez”; “A aliança entre Cunha e Temer se firma”; “O impeachment está suspenso. E agora?” Tais *hiperlinks* levam os leitores a textos, dentro da mesma revista *CartaCapital*, intitulado “O governo sobrevive à carta de Temer?” de autoria da Redação da revista¹⁰. Esse primeiro elemento de análise aponta para a perspectiva de leitura de ambos os textos, com o intuito de esclarecimento do posicionamento não apenas por parte do autor, mas também da revista *CartaCapital*, que partilham do mesmo posicionamento diante do evento.

2.1.2 Mapeamento das categorizações do artigo 3

No quadro de caracterizações, observa-se que Amaral não economizou nas ostensivas adjetivações à atitude, bem como à pessoa de Temer. Para o articulista, ao escrever tal carta, expressando desapontamento com atitudes banais da presidente, Temer teria configurado uma infantilidade inaceitável.

“Categorização 1” Temer
“categorização 2” Um político menor
“categorização 3” Vice
“categorização 4” Vice- presidente da República
“categorização 5” Presidente do PMDB
“categorização 6”

¹⁰ Cf. <https://www.cartacapital.com.br/politica/o-governo-sobrevive-a-carta-de-temer>. Acesso em 20 mai 2018.

Traidor doméstico
“categorização 7” O mais pérfido de todos
“categorização 8” Vice decorativo
“categorização 9” Traste
“categorização 10” Obnóxio
“categorização 11” Carreirista voraz
“categorização 12” o desconsiderado Temer
“categorização 13” o vice da presidente candidata à reeleição
“categorização 14” Vaidoso
“categorização 15” Estadista Michel Temer
“categorização 16” Vice-presidente da república e presidente do PMDB

A **carta do vice-presidente da República** – pobre, patética, beirando a infantilidade – dá a justa medida do estado moral lastimável em que se encontra a política brasileira, apequenada, amesquinhada, aviltada e envilecida.

Desnudando-se, o presidente do PMDB revela-se um político menor, como menores são seus companheiros da ópera bufa em que foi transformado, pela miséria da política, um dos momentos mais dramáticos de nossa História recente, tão vazia de estadistas e miseravelmente tão plena de pulhas. (Anexo 4, p. 88)

Retomando o texto, constata-se a desfocalização do objeto de discurso Temer para a carta, porém, Temer permanece ocupando a posição focal. Verifica-se que a adjetivação feita no título “Temer revelou-se um político **menor**” e no subtítulo “A carta do vice é simbólica de um País que sente a falta de estadistas e está repleto de **pulhas**”; são novamente referenciadas, tomando a carta por testemunho do padrão assumido pela política brasileira: se a carta é referenciada como “**pobre, patética, beirando a infantilidade**”, a política brasileira está “**apequenada, amesquinhada, aviltada e envilecida**”; o papel assumido por Temer, não só o revela como um político menor, conforme aponta o título, como também a quem o

rodeia: “Desnudando-se, o presidente do PMDB revela-se um político **menor**, como menores são seus companheiros da ópera bufa (cômica) em que foi transformado”.

O uso das expressões referenciais: “pobre, patética, beirando a infantilidade”, apesar de categorizarem a carta, reforçam a ideia de que a mesma, escrita por Michel Temer, seria o reflexo dele próprio: alguém infantil e pobre de espírito. A progressão referencial “**apequenada, aviltada, envilecida**”, caracteriza e recategoriza Temer e seus companheiros, atuantes da política brasileira como pessoas menores.

Pois grave é a crise ignorada pela *vendetta* e pelo ódio. No encontro da saturnal dos ódios – ódio amador e ódio profissional, ódio gratuito e ódio remunerado e, até, ódio puro ódio, o ódio irascível do perdedor sem consolo, ódio que cega e embrutece – nesse encontro de ódios com a compulsão dos interesses os mais vários, interesses pessoais, interesses de grei, interesses de súcias-partidos, só não são considerados os interesses do País, os interesses coletivos. Ninguém se dá conta dos riscos que corre o processo político quando a ordem constitucional se transforma em espaço para traficância. (Anexo 4, p. 88)

No trecho acima, Roberto Amaral vale-se do paralelismo sintático para acentuar o que em sua opinião tem pautado as decisões de Temer e seus aliados: destacados em negrito por nós, para uma melhor visualização. “No encontro saturnal dos **ódios** - **ódio** amador e **ódio** profissional, **ódio** gratuito e **ódio** remunerado e, até, **ódio** puro **ódio**, o **ódio** irascível do perdedor sem consolo, **ódio** que cega e embrutece”. Esta estratégia se repete no trecho: “com a compulsão dos **interesses** os mais vários, **interesses** pessoais, **interesses** de grei, **interesses** de súcias-partidos, só não são considerados os interesses do País, os **interesses** coletivos.” Tais estratégias discursivas colaboram para a construção da imagem de um objeto de discurso movido pelo ódio e guiado por interesses restritos ao âmbito pessoal, bem como a restritas esferas. Com este recurso, mesmo fazendo o texto avançar, o autor garante um efeito de insistência, assumindo sobre o leitor a persuasão, trazendo um efeito de realidade.

Na missiva do vice, ‘um copo até aqui de mágoa’, apenas lamúrias, queixumes e muxoxos; nenhuma reflexão, nem uma só palavra sobre a crise de que seu partido, insaciável consumidor de cargos e verbas públicas, é um dos atores e artífices.

Crise grave – pois a um só tempo crise política, crise econômica, crise institucional, crise de representatividade – da qual, rompendo com toda e qualquer noção de ética, Temer pretendeu aproveitar-se, sem pejo do papel de traidor doméstico, o mais pérfido de todos.

O vice-presidente reclama de cargos e carguinhos para os mais chegados, reclama de afagos negados, de convites não formulados, de acenos evitados. O País? O País passa ao largo. (Anexo 4, p. 88)

O articulista faz uso constante de qualificações, escolhidas cuidadosamente na função de referir, remeter e retomar o objeto de discurso Temer como alguém menor. Trazendo a intertextualidade “um copo até aqui de mágoas”, que deverá ser textualmente interpretada, baseada na vivência e conhecimento de mundo do leitor. Alguém que não conhecesse a música de Chico Buarque de Holanda “Gota d’água”, não conseguiria inferir essa intertextualidade.

Roberto Amaral segue lançando mão de outros paralelismos sintáticos, quando diz: “**crise** grave, (...) **crise** política, **crise** econômica, **crise** institucional, **crise** de representatividade” Assim, sob a ótica de Roberto Amaral, o objeto de discurso Michel Temer vai sendo categorizado como “traidor doméstico”, “o mais pérfido de todos”.

3.1.3 Confrontando os artigos 2 e 3.

Conforme já dito, os artigos 2 e 3 foram escritos com um hiato de dias, sob o mirante do mesmo evento. Uma notável diferença entre ambos veículos jornalísticos é o fato da revista *Veja* não disponibilizar hiperlinks ao leitor, enquanto a revista *CartaCapital* gerar a cada trecho citado, uma reportagem pertinente ao assunto, causando no leitor a sensação de confirmação e veracidade aos fatos apontados. Reconhecendo os aspectos ditos anteriormente, podemos dizer que é possível notar que as categorizações utilizadas são diametralmente opostas. Por um lado, Reinaldo Azevedo caracteriza Michel Temer como vítima de um governo que o despreza, e que não lhe resta nada a fazer a não ser o rompimento com a presidente. De outro lado, Roberto Amaral, caracteriza e recaracteriza Temer como alguém movido pelo ódio, pautado apenas por interesses vis e mesquinhos, capaz de envergonhar os políticos brasileiros.

Com tais estratégias discursivas, percebemos o quanto este objeto de discurso se torna ambíguo, ora assumindo um papel de vítima, ora de réu. Conclui-se com isso que, o objeto de

discurso estará sempre instável, sendo amparado e construído pelo mirante do autor e de suas ideologias, sendo que a visão positiva se restringe à *Veja*, já a visão negativa, restringe-se à *CartaCapital*.

3.2 Pós *impeachment*: Michel Temer como presidente interino

O presidente interino Michel Temer foi convidado para presidir a abertura das Olimpíadas do Rio de Janeiro, mas, dentro de um contexto muito complicado e hostil, de tal forma que, para evitar maiores manifestações, buscou-se a mínima interação entre o presidente em exercício e os presentes, o que não se mostrou suficiente: ainda que sua imagem não tenha aparecido no telão e seu discurso tenha sido o mais rápido possível, foi ouvida uma vaia generalizada dirigida a ele no estádio.

O artigo de Carolina Farina, publicado na revista *Veja*, em 06 de agosto de 2016, com o título: “*Temer é vaiado ao abrir os Jogos Rio-2016*” (Anexo 5, p. 92) registra outro momento de grande relevância, quando Michel Temer presidiu a cerimônia de abertura das Olimpíadas no Rio.

Embora o evento, de expressão mundial, possuísse o caráter de prestígio ao governo brasileiro, o momento era de tensão: Tendo Temer, recém-assumido o cargo de presidente interino, foi discretamente posicionado no cerimonial de forma a chamar o mínimo de atenção possível. Carolina destaca que a imagem de Temer sequer foi exibida no telão, mas tal medida protetiva não impediu as vaias dos manifestantes.

Com o subtítulo “Presidente interino não foi anunciado no início da cerimônia, mas não escapou dos protestos ao fim da festa. Abertura refletiu conturbado cenário nacional” Carolina lançou mão de encapsulamento “conturbado cenário nacional” para definir o contexto político brasileiro daquele momento: englobando o rompimento de Temer com a Presidente, as articulações pré- *impeachment*, sua ascensão à presidência (como interino), tudo isso em meio a uma forte crise enfrentada pelo país.

O foco da autora é o desconforto do presidente interino ao atravessar mais um delicado momento de sua carreira, ou seja, mais que o evento em si, como o evento atinge o personagem. Frente a líderes mundiais, Temer se mostra exposto à opinião pública nacional, sendo incapaz de evitar o constrangimento das vaias. Declarando-se “preparadíssimo” para eventuais vaias no Maracanã, Temer mantém-se (ao menos aparentemente) indiferente a elas.

A articulista mencionou também a respeito do número inferior de líderes mundiais que este evento obteve, comparado aos de outros eventos anteriores de semelhante porte. Além do

destaque para o fato de que o trajeto da tocha olímpica tenha sido alterado como medida cautelar diante de manifestações de movimentos de esquerda e centrais sindicais.

Apesar de relatar tais peculiaridades do momento, Carolina dedica-se a enfatizar os momentos artísticos envolvidos em causas socioambientais.

3.2.1 Mapeamento das categorizações do artigo 4

Observa-se no artigo de Carolina que as caracterizações sofridas pelo objeto de discurso Michel Temer, não passaram das mais previsíveis, conferindo assim, a constatação de imparcialidade em sua escrita.

“categorização 1” Temer
“categorização 2” Presidente interino
“categorização 3” Presidente da República em exercício, Michel Temer
“categorização 4” Interino
“categorização 5” Presidente interino Michel Temer
“categorização 6” O peemedebista
“preparadíssimo” (disse Temer sobre ele mesmo, a respeito das vaias que ouviria).

Numa breve leitura do quadro de categorizações, confirma-se a tendência a eximir-se de julgamentos, mantendo a maior neutralidade possível por parte da articulista.

Imerso em profunda crise política e econômica, o Brasil celebrou a tolerância e a diversidade na abertura dos Jogos Rio-2016 – uma festa que refletiu de fato o “espírito da gambiarra”, definido pelos organizadores como “o talento para fazer algo grande a partir de quase nada”. Mas a tensão no país se fez sentir no Maracanã. Para evitar vaias, o nome do presidente interino Michel Temer não foi anunciado ao lado do presidente do Comitê Olímpico Internacional (COI), Thomas Bach, no início da cerimônia. O peemedebista, contudo, não escapou dos protestos: ao declarar aberta a Olimpíada, Temer foi alvo de sonoras vaias. Falou por menos de 10 segundos. Ao fazer seu discurso, Bach apenas agradeceu às autoridades

brasileiras, sem citar Temer nominalmente. A imagem do interino também não apareceu nos telões do Maracanã – tudo parte da estratégia dos organizadores para evitar as manifestações contra Temer (Anexo 5, p. 92)

A caracterização de Michel Temer se dá através da expressão referencial: “presidente interino” que se seguiu em diversos textos neste período em que Temer ocupava provisoriamente o cargo da presidência da República. Mesmo aquele leitor que não dominasse bem o significado da palavra “interino”, diante do contexto, conseguia estabelecer um significado aproximado à expressão. Isso se dá através da acessibilidade com que as informações vão surgindo e os fatos vão se construindo em determinado contexto. Momento esse em que a “entidade” vai sendo construída, como no caso de Michel Temer. Observa-se, nesse momento, a transição do uso da expressão “golpista” para a expressão “interino”. As escolhas lexicais vão sendo feitas mediante aspectos cognitivos, como estamos constatando nas escritas dos articulistas já mencionados até aqui. Cada um deles possui suas relações com esse objeto de discurso, e, assim, cada um possui intenções específicas na categorização e recategorização de Michel Temer.

Antes do início da festa, um grupo chegou a ensaiar um “fora Temer” das arquibancadas – e outra parcela do estádio vaiou a manifestação. Ao fim do *Hino Nacional*, houve quem gritasse o nome do juiz Sergio Moro, que comanda as ações decorrentes da Operação Lava Jato em Curitiba. Na última sexta-feira, Temer afirmou que estava “preparadíssimo” para ouvir eventuais vaias no Maracanã. Na cerimônia de abertura da Copa do Mundo de 2014, a presidente afastada Dilma Rousseff foi alvo de vaias e xingamentos no estádio Itaquerão.

Estiveram presentes à cerimônia 38 chefes de Estado e governo – número muito inferior aos 70 que assistiram a festa londrina em 2012 e aos 80 que estiveram em Pequim em 2008. O presidente americano Barack Obama prestigiou a abertura em Londres ao lado da mulher, Michelle. Desta vez, os Estados Unidos enviaram o secretário de Estado John Kerry. (Anexo 5, p. 92)

Observa-se, no artigo de Carolina, que, apesar do relato das manifestações contra Temer durante a abertura dos jogos de 2016, havia a contrapartida de manifestações contrárias, como gritos do nome de “Sérgio Moro”, um dos personagens mais importantes da Operação “Lava Jato”.

A articulista destaca ainda a fala de Temer, que se definia como “preparadíssimo”, não economizando no superlativo para demonstrar-se totalmente ciente do que o esperava para aquele evento. Poderíamos inferir dessa afirmativa que estaria se mostrando, com isso, preparadíssimo inclusive para tudo que viria pela frente, tanto como interino e inclusive como futuro presidente.

No trecho sublinhado, Carolina busca enfatizar a baixa adesão de líderes mundiais ao evento, comparando os números a eventos anteriores do mesmo porte. A observação revela, mesmo que de forma implícita, a baixa popularidade de Temer e do país.

No começo da tarde, em Copacabana, na Zona Sul da cidade, um protesto contra Temer alterou o trajeto do revezamento da tocha olímpica, que deixou de passar por um trecho da orla e seguiu por ruas internas do bairro. Diversos movimentos de esquerda e centrais sindicais protestaram com faixas e cartazes em português e em inglês, em frente ao Hotel Copacabana Palace. Houve um momento de tensão, quando a manifestação foi impedida de avançar, até que a tocha deixasse Copacabana.

Em São Paulo, houve protesto contra os Jogos na Avenida Paulista. A Polícia Militar paulista reprimiu com cassetetes e spray de pimenta cerca de 200 manifestantes que iniciaram uma caminhada a partir do vão do Masp.

Em meio à tensão no país, a festa no Maracanã deu espaço a causas socioambientais. As favelas foram representadas com um show de ritmos como o samba e o funk, que reuniu as cantoras Elza Soares e Ludmilla. O rapper Marcelo D2 e o cantor Zeca Pagodinho simularam um duelo de ritmos, representando a diversidade da música do Rio de Janeiro. A importância dos negros para a cultura nacional foi celebrada com as rappers Karol Conka e McSofia. Manifestações culturais como o maracatu, os bate-bolas e o bumba-meu-boi também dividiram o espaço no palco do Maracanã e o treme-treme, do Pará, foi representado pela Gang do Eletro. Houve também espaço para um alerta sobre o aquecimento global.

Os protestos não ofuscaram a festa no Maracanã. Nas redes sociais, a beleza da cerimônia provocou manifestações de orgulho cada vez mais raras em um país desiludido. A Copa do Mundo de 2014 teve como grande legado a alegria que tomou conta do país ao longo da competição – e que sobreviveu até mesmo ao 7 a 1 da semifinal contra a Alemanha. Há dois anos o mundo conheceu o soft power brasileiro: o termo é usado na diplomacia para definir a competência de um país para conseguir o que deseja por meio de sua cultura e de sua imagem, de sorrisos e paciência, em oposição a balas e canhões.

Ao discursar, o presidente do Comitê Olímpico Brasileiro (COB), Carlos Arthur Nuzman, apelou a esse poder: “Nunca desistimos, essa é a força do nosso povo. Os filhos do Brasil não fogem à luta”. Foi ovacionado. Pouco depois, foi vaiado ao falar da cooperação entre os três níveis de governo. É o espírito olímpico em tempos de crise política. (Anexo 5, p. 92)

Observa-se que a articulista ateve-se mais aos fatos, mantendo isenção quanto a posicionamentos. Observa-se um relato íntegro ao evento, com pequenas descrições dos fatos que seriam inevitáveis de se passar em branco, porém com total (ou quase) isenção.

Artigo 5, “Espinhas no caminho de Temer”. Artigo de André Barrocal, publicado em 19 de agosto de 2016, na revista *CartaCapital* (Anexo 6, p. 96), há o relato do mesmo recorte histórico; quando Temer preside a abertura dos jogos Olímpicos no Maracanã. Publicado quatorze dias após a publicação de artigo de Carolina Farina (artigo 4). O clima de tensão política e divisão entre os brasileiros é o mesmo citado no artigo anterior.

3.2.2 Mapeamento das categorizações do artigo 5

“Categorização 1” Temer
“categorização 2” Michel Temer
“categorização 3” Presidente interino
“categorização 4” Ele
“categorização 5” O interino
“categorização 6” Peemedebista
“categorização 7” “Temeristas” (adeptos às ideias de Temer)
“categorização 8” “governo provisório”
“Categorização 9” Gestão interina
“Categorização 10” “refém das circunstâncias”
“Categorização 11” “senhor da situação”

O título: “Espinhos no caminho de Temer” remete aos ditados populares enfatizando sobre necessidade de lidarmos com os espinhos se quisermos desfrutar do perfume das flores. Tal recurso estilístico contribui na composição da atmosfera de dificuldade que Michel Temer teria pela frente, inclusive mediante olhares atentos da oposição, que, através da revista *CartaCapital* demonstra-se atenta e fiel a seus leitores, no intuito de abrir seus olhos para questões com as quais outras mídias permanecem indiferentes.

Michel Temer foi à abertura da Olimpíada no Maracanã sob um esquema preparado para protegê-lo de um vexame global. Uma semana antes, o governo demitira o chefe do cerimonial da Rio-2016, Fernando Igreja, episódio a alimentar rumores entre diplomatas de que o embaixador foi espionado pelo aparelho de segurança de Temer e punido por “dilmismo”.

Na cerimônia, o nome do presidente interino não seria anunciado antes de ele declarar o início dos Jogos, seu discurso seria relâmpago e logo em seguida o volume de uma música subiria ao máximo. Tudo para impedir ou abafar vaias ao peemedebista diante das autoridades presentes e das bilhões de pessoas a assistir pela tevê. Em vão. Ele levou uma estrepitosa vaia. Terá mais sorte em outra “operação blindagem”? Se assumir a Presidência de forma plena com a aprovação final do *impeachment*, desfecho para o qual atua com paixão, escapará de ser investigado em tramas suspeitas.

Histórias como a cobrança de dinheiro para campanhas do PMDB feita por Temer ao empreiteiro Marcelo Odebrecht e ao ex-presidente da Transpetro Sérgio Machado, conforme contaram ambos em delações premiadas na Operação Lava Jato, podem até aborrecer o interino no noticiário e no Congresso, mas sem consequências judiciais. Idem para desconfianças sobre seu envolvimento em propina no Porto de Santos e no favorecimento a uma empresa devedora do porto e financiadora de sua eleição em 2014. (Anexo 6, p. 96)

Conforme já foi observado, nos artigos publicados pela revista *CartaCapital* que são geralmente iniciados com um trecho escrito em negrito e sublinhado, oferecendo ao leitor um maior destaque, além de disponibilizar também ao longo desse trecho, *hiperlinks* com outras reportagens pertinentes ao tema, como: “Michel Temer foi à abertura da Olimpíada no Maracanã”; “Punido por “dilmismo”; “Ele levou uma estrepitosa vaia”; e por ai vão outras reportagens com temas afins. Já mencionamos anteriormente que este recurso não é viabilizado pela revista *Veja*. As escolhas lexicais das reportagens já apontam para anáforas

associativas que reforçam o discurso do articulista. A anáfora encapsuladora “Entrepitosa vaia” resume e define o sentimento de negação por parte dos presentes no evento, mesmo que parte deles, caracterizando assim, o acontecimento vivenciado por Temer.

A busca pela blindagem ajuda a entender por que o peemedebista e seus articuladores políticos querem liquidar o *impeachment* no Senado logo, até o fim de agosto. Nada de esperar o mês da primavera, quando devem ocorrer a homologação judicial da delação de Odebrecht e a votação da cassação de Eduardo Cunha, homem-bomba a assombrar o presidente, embora notícias recentes indiquem que ambas – delação e cassação - podem ser postergadas sabe-se lá para quando.

Não é uma estrada tranquila e sem espinhos, porém, apesar do inegável desejo parlamentar de degolar Dilma Rousseff, visto mais uma vez no Senado. O interino sofre pressões do tipo “faca no pescoço”. Indócil com a demora do governo em mergulhar no arrocho fiscal e numa agenda social e trabalhista dos sonhos do capital, desiludido com as derrotas do ministro da Fazenda, Henrique Meirelles, o “mercado” ameaça tirar o aval a Temer.

Sempre afinado com a banca, o PSDB, segunda maior sigla governista, emana sentimentos parecidos. Com um agravante. Ninho de presidenciáveis, anda aborrecido com a mosca azul da gestão interina, que nem se firmou e já fala em reeleição. (Anexo 6, p. 96)

Usando recursos bem mais enfáticos, assim como também reportagens incisivas que corroboram para a composição do momento político emblemático, Barrocal vai tecendo seu objeto de discurso, construindo Temer como alguém ardiloso (quando tenta postergar sua cassação por tramas suspeitas). Através das novas caracterizações, vai trazendo novos matizes conotativos a Temer: “O interino sofre pressões do tipo ‘faca no pescoço’”, referindo-se à reforma da Previdência. No uso das expressões: “governo provisório”; “gestão interina”; infere-se a intenção de enfatizar a vulnerabilidade do governo de Temer.

Ao mencionar sobre a “mosca”, no trecho “Um deputado do PMDB, ex-ministro, acha que a mosca azul picou os “temeristas” (aqueles adeptos às ideias de Temer). A especulação da reeleição seria de obra do trio Moreira Franco, Eliseu Padilha, chefe da casa civil, e Geddel Vieira Lima, ministro da Secretaria de Governo”. O articulista refere-se ao animal que, oportunamente, se alimenta e contamina aquilo que toca; “azul” por causa das cores do partido de Temer, que nesse momento pensava em reeleger-se quando, na verdade, teve uma das gestões mais instáveis da democracia brasileira. Em trechos como esses tais inferências

são realizadas pelo leitor atento aos temas políticos bem como aos recursos estilísticos da escrita.

3.2.3 Confrontando os artigos 4 e 5

A diferença estilística entre ambas os articulistas, nos leva a concluir que a intencionalidade na escrita se faz presente apenas numa breve leitura. Os dados apresentados em ambos os artigos, embora advindos do mesmo evento, tornam-se contrastantes quanto à abordagem política, quanto às informações que estão por trás daquele evento de abertura dos jogos. O artigo 4 estabelece um contato superficial, relatando o evento pelo simples evento. Já o artigo 5, desnuda vieses entrecruzados nos bastidores políticos, com maior clareza e riqueza de elementos.

Enquanto no artigo 4, o evento das olimpíadas foi o centro da escrita, oferecendo ao objeto de discurso “Temer” o plano secundário, no artigo 5 o evento das Olimpíadas serviu apenas como uma nuvem de fumaça, sendo Michel Temer o real objeto de discurso, analisado por diversas vertentes de suas manobras políticas.

3.3 Um ano de governo Temer

O artigo “*Temer ano 1: Ele não errou, mas os antipetismos só fazem asneiras*” de Reinaldo Azevedo, publicado em 30 de abril de 2017, na revista *Veja* (Anexo 7, p. 105); será confrontado com o artigo de Guilherme Boulos, intitulado: “12 retrocessos em 12 meses de Temer”, na revista *CartaCapital*. (Anexo 8, p. 109). Consta-se, portanto, que foram publicados na mesma data, assim como outros jornais e outros jornalistas o fizeram em função da conclusão do primeiro ano de administração de “Temer”, após o *impeachment* de Dilma Rousseff. A escolha por iniciar com o artigo de Reinaldo, se deu pelo fato de seu texto haver sido publicado às 08 horas e 10 minutos, tendo sido o texto de Boulos, publicado às 12 horas e 28 minutos.

Com o término do primeiro ano de governo de Michel Temer, mergulhados ainda em crise política e econômica, o Brasil permanecia dividido entre opiniões contra Temer e sua equipe, por uma parcela da população, eram chamados de golpistas; por outra, eram vistos como a equipe capaz de apenas minimizar os danos ocasionados por 13 anos de governo petista.

Os diversos textos gerados com esse mesmo intuito (avaliar um ano de governo Temer) foi uma forma de manifestação mediante um país ainda abalado por intensa crise.

3.3.1 Mapeamento das categorizações do artigo 6

“Categorização 1” Temer
“Caracterização 2” Ele
“categorização 3” Presidente
“categorização 4” Michel Temer
“categorização 5” O presidente

Os artigos de Reinaldo possuem em geral, marcas bastante pessoais, como trechos subdivididos em subtópicos, marcados com a fonte em itálico e negrito. Neste especificamente, observa-se a palavra Temer por quase todas as vezes em que mencionada, foi negritada. Dividiu seu texto com a introdução do tema (como todo artigo de opinião), em seguida, usou o subitem: **“ONDE FOI BEM”** (escrito em negrito, em itálico e com todas as fontes em maiúsculas), nesse subtópicos, o texto também segue em negrito e itálico. Inference-se com isso a intenção de intensificar sua fala, destacar, enfatizar. O segundo subtópico está apresentado com as mesmas características com a frase: **“ONDE FOI MAL”**; curiosamente seguido pela frase **“Até agora, Temer não errou” Retomo** (segue o texto argumentando sobre o porquê de sua afirmativa. Percebe-se a incoerência do subtema: **“ONDE FOI MAL”** já que a frase é desmentida em seguida; **“Até agora, Temer não errou”**). No terceiro subtópico lendo o subtema **“Mundo real”** podemos inferir com isso que tais escolhas lexicais se justifiquem pela tentativa de trazer a seu texto, veracidade às informações. Isso é percebido no momento em que aumenta as letras como se estivesse gritando aquela determinada palavra. Todas estas estratégias revelam muito da personalidade de Reinaldo Azevedo, que traz toda sua eloquência emitida em seus pronunciamentos na TV e internet para sua escrita. No quarto subitem denominado: **“Concluo”**, Reinaldo irá tecer o fechamento de suas ideias.

No artigo “Temer ano 1: Ele não errou, mas os antipetismos só fazem asneiras” Já no título, o articulista fornece pistas suficientes de que seu argumento será voltado à defesa do governo Temer. Observa-se na frase “Ele não errou” que com a escolha do pronome “Ele”, Temer é retomado e mantido em saliência, garantindo assim, a progressão referencial.

No primeiro aniversário do governo Michel Temer, que assumiu a Presidência em 12 de maio de 2016, 12 colunistas da Folha definiram os aspectos em que o presidente tem se saído bem e escolhem quais os pontos em que sua gestão, até agora, decepcionou. As opiniões estão na edição deste domingo do jornal.

Sou um dos 12. As opiniões estão aqui.

O jornal pediu que se apontasse em que o governo “foi bem” e em que “foi mal”. Sei que a minha resposta surpreendeu a alguns. E me permito falar um tanto a respeito. Ela segue abaixo: (Anexo 7, p. 105)

No trecho acima, constata-se a continuação da introdução ao tema, que, no caso, está relacionado à opinião do articulista acerca do governo em seu primeiro ano de gestão. No trecho “Sou um dos 12. As opiniões estão aqui” (momento em que disponibiliza um hiperlink, recurso quase nunca usado por ele) convida o leitor para que se atualize a respeito de outros artigos emitidos sobre o mesmo tema.

Ao mencionar que sua resposta foi alvo de surpresas, o jornalista aciona a curiosidade do leitor para que o mesmo dê sequência à leitura, a fim de entender qual seria esta “surpresa”.

Na frase: “Sei que a minha resposta surpreendeu a alguns. E me permito falar um tanto a respeito” revela-se outra característica do artigo de opinião, a conversa do articulista com o leitor, trazendo à escrita certo nível de proximidade, diante de uma questão polêmica, ganhando tom de diálogo.

ONDE FOI BEM

[...] Não há valores para as incógnitas. Em termos conceituais, o governo é impossível. E, no entanto, a inflação e os juros caíram, há teto de gastos, investimentos estão voltando, as reformas avançam, o Executivo respeita as instituições. O presidente era, na verdade, a incógnita única. Ele só não pode ser seduzido pelo excesso de conciliação. Rodrigo Janot num terceiro mandato, por exemplo, à frente da PGR seria um erro. O Brasil precisa de mais respeito à institucionalidade, não de menos. (Anexo 7, p. 105)

Concretiza a introdução do que será tratado, seguindo uma linha argumentativa que firma um acordo com o leitor, algo próprio do gênero artigo de opinião, quando afirma que o

governo de Temer, teria tudo para dar errado. Mas segue usando o operador argumentativo “no entanto”, para introduzir uma série de setores que estão caminhando bem. Arrisca a dar um palpite a respeito de algo que ainda não se concretizou, quando menciona que “Rodrigo Janot num terceiro mandato à frente da PGR (Procuradoria Geral da República) seria um erro”. Em linhas gerais, faz-se a introdução do que será tratado, além de estabelecer com o leitor, certo grau de cumplicidade, uma vez que se demonstra disposto também a criticar e não apenas enaltecer o governo de Temer. No trecho abaixo, foi respeitado a formatação escolhida por Reinaldo Azevedo, promovendo outra quebra na estrutura de seu texto:

ONDE FOI MAL

Até agora, Temer não errou.

Retomo

“Como? Que história é essa, Reinaldo, de “até agora Temer não errou”? (...) Pois é... “Nem o Temer diria isso do próprio governo”. É, é bem provável que não. Imagine se, uma vez indagado, um governante dissesse: “Não errei em nada”. A frase iria persegui-lo para sempre.

Mas por que não vejo erro? Porque, como lá vai claro, acho que ninguém, a não ser Temer, conseguiria, com os ingredientes que conta, governar o país. É impressionante que um Congresso perseguido pelas esquerdas e pela direita xucra tenha acatado o teto de gastos. (Anexo 7, p. 105)

Ao longo da escrita, já em fase da argumentação/refutação, Reinaldo lança mão de outras marcas linguísticas, para tecer sua trama argumentativa:

Ao fazer nova pergunta retórica: “*Mas por que não vejo erro?*”, o autor retoma sua refutação, diante de questões supostas por ele mesmo, formulando assim a pergunta que seria elaborada na mente do leitor. E ele próprio responde: “*Porque, como lá vai claro, acho que ninguém, a não ser Temer, conseguiria, com os ingredientes que conta, governar o país*”, reforça mais uma vez que sua fala é irrefutável por ser de enorme clareza. “*É impressionante que um congresso perseguido pelas esquerdas e direitas xucras tenha acatado o teto de gastos.*” Reinaldo conclui sua afirmação, percebe-se sua tentativa de permanecer-se distante, das polaridades ideológicas, o que lhe garante “um suposto” grau de neutralidade e de equilíbrio.

Esse mesmo Parlamento, apesar da patrulha feita pelos extremos, deve aprovar, notem como escrevo, “uma” reforma trabalhista e “uma” reforma da Previdência. Nos dois casos, vai-se fazer bem menos do que seria necessário, mas se vai avançar.

Com Temer, o país recuperou a capacidade de reformar o sistema. E isso tudo em meio ao caos político gerado pela Lava Jato. É claro que a operação é necessária. É claro que ela exhibe aspectos virtuosos. Mas não é menos verdade que, quando atua fora dos limites legais e quando faz política em vez de investigar e buscar provas, passa a investir na crise. (Anexo 7, p. 105)

Usando mais uma vez o tom de diálogo na intenção de manter a proximidade com o leitor e também deixar evidente sua aprovação quanto às reformas trabalhistas e da Previdência, reforça com aspas, usando sua fala para reforçar as palavras “*uma*” e “*uma*” admitindo que as mudanças serão ainda pequenas, mas já sinalizarão um avanço. O autor segue articulando modalizadores na intenção de reforçar suas ideias. Usando “é claro” por duas vezes, ele busca reforçar a validade de suas afirmações.

Mundo real

Não vou aqui contestar a opinião omitida por este ou aquele. Mas é impressionante, e decepcionante, constatar que a direita brasileira não é menos “idealista” — e isso NÃO É um elogio — do que a esquerda. A rigor, ela pode ser muito mais. E isso é uma danação.

Acho curioso, por exemplo, que se critique Temer à direita por suas “concessões” no encaminhamento das reformas, sobretudo a da Previdência. Calma lá! A reforma não se faz por decreto-lei. A ditadura acabou faz tempo. Também não pode ser encaminhada por Medida Provisória. É preciso apelar a uma emenda, cuja aprovação demanda o endosso de pelo menos 60% dos parlamentares, com duas votações em cada Casa. (Anexo 7, p. 105)

No trecho acima usa o subtítulo “Mundo real”, tais palavras não foram escolhidas por acaso, mas sim com a finalidade de trazer mais veracidade ao que afirma.

Mais uma vez, Reinaldo usa estratégias discursivas para denotar ênfase em sua fala, quando ao demonstrar-se decepcionado com atitudes da direita, usa palavras em “caixa alta”: “e isso NÃO É um elogio”. Ao referir-se à reforma previdenciária, denota nessa medida algo

positivo e indispensável ao país. A expressão “Calma lá!” traz à escrita tom de fala coloquial, mais uma estratégia de proximidade com o leitor.

Temer não cedeu. Ele negociou. Ou me digam, afinal, qual seria a alternativa. E notem: mesmo depois de o governo ter condescendido com uma versão mais branda da reforma da Previdência, a aprovação ainda não é certa. Assim, onde alguns veem falha de Temer — ceder ao Congresso — eu vejo virtude. Ele consegue dialogar e negociar com o Poder Legislativo. (Anexo 7, p. 105)

Segue ainda com a estratégia de elaborar acusações e contra argumentações e depois ele mesmo as rebate. Tal recurso pressupõe um efeito sensatez.

Aponta-se ainda que o governo conta com ministros investigados. Com a devida vênia, a crítica está abaixo do “idealismo”; ela apela ao irrealismo. Investigadas estão hoje às respectivas cúpulas do Congresso e dos principais partidos. Também o ministério é composto de olho na maioria parlamentar, sem a qual não se fazem as reformas. (Anexo 7, p. 105)

No trecho acima, existe uma manutenção de Reinaldo Azevedo do padrão de escrita de Michel Temer: “Com a devida vênia”, para significar: “com a devida licença, permissão”, trazendo à sua voz, ironicamente ou não, devido ao respeito que tais oponentes mereceriam.

E há quem aponte como falha o fato de o desemprego estar elevado. Um governo não pode fazer milagre. Há precondições para a retomada para valer do crescimento, que trará consigo o aumento de postos de trabalho: a reestruturação das finanças do estado. E isso, convenham, a equipe econômica está fazendo.

Queriam o quê? A política dos anabolizantes de Dilma Rousseff? Não foi ela que conduziu o país ao desastre?

Temer está fazendo o possível. E esse possível só existe porque é ele o presidente. Os sensatos deveriam erguer as mãos para o céu em sinal de agradecimento, torcendo muito para que o mandatário não perca a habilidade de ir desmontando as bombas que vai encontrando pelo caminho. (Anexo 7, p. 105)

Reinaldo segue sua argumentação referindo-se à gestão anterior como: “A política anabolizante de Dilma Rousseff”, na tentativa de justificar a crise instalada no país. Retoma a

valorização do “mandatário”¹¹, referindo-se novamente a Temer, como o único político capaz de “desmontar as bombas”, referindo-se às inúmeras manobras da oposição. Desse modo, o autor garante que os fatores de textualidade se estabeleçam no texto, estabelecendo uma interação comunicativa entre autor e leitor. Na escolha da palavra “mandatário”, o autor define que “Temer” não estaria no papel de presidente como um impostor, mas sim como representante do povo uma vez que eleito para vice-presidência. No termo: “A política anabolizante de Dilma”, faz uso de uma intertextualidade implícita citando as decisões supostamente irresponsáveis da presidente, que trouxeram consequências desastrosas à economia do país. Outra intertextualidade implícita é no uso da expressão “desmontar as bombas”, delegando a Temer o poder de “consertar” diversos equívocos do governo de Dilma.

Se o presidente chegar a meados de 2018 com a inflação no centro da meta, juros civilizados (podem ir a um dígito ainda neste semestre), economia em crescimento e reformas aprovadas, terá operado um verdadeiro milagre.

Se não se fizerem as reformas agora, elas não virão depois. Ou alguém imagina, nessa hipótese trágica, algum candidato a adotar essa plataforma em 2018? Não custa lembrar que os nomes que lideram as intenções de voto são contrários à reforma: Lula, Marina e Bolsonaro. Eles somariam hoje 60% do eleitorado. Que tal? (Anexo 7, p. 105)

No último trecho de sua argumentação/refutação, mantém sua lógica de que esperar grandes feitos do governo, dado o contexto atual, seria no mínimo insensatez. Faz também previsões sobre a decisão nada popular (reforma da previdência) apenas poderia ser tomada por Temer, já que os próximos presidenciais seriam contra tal medida.

No subtítulo final, conclui o último item da estrutura composicional de seu texto:

Concluo

Até agora, com efeito, Temer não errou. Erraram, e feio, estas sim, várias correntes do antipetismo e do conservadorismo. Seu dever histórico era pressionar o governo em favor de uma agenda mais liberalizante, em parceria necessária com o Congresso. Em vez disso, muitos bobalhões se dedicam ao discurso contra os políticos e a política.

¹¹ Conforme o dicionário Escolar da Academia Brasileira de Letras, “mandatário” corresponde a “pessoa que recebeu mandato para agir em nome de outro; representante, procurador”.

Não! Temer não abandonou a agenda modernizadora. Forças que fizeram o impeachment, estas sim, se perderam no moralismo rombudo. Na prática, atuam para derrubar também o governo, tenham clareza disso ou não. Tornaram-se massa de manobra de especuladores e bucaneiros.

Não fosse Temer, leitor amigo, o seu inferno já estaria contratado a partir de 2018. Com ele, temos ao menos a chance de sair da selva escura. (Anexo 7, p. 105)

Em sua conclusão, Reinaldo reafirma o que argumentou ao longo de todo o texto. Na frase “Até agora, com efeito, Temer não errou. Erraram, e feio, estas sim, várias correntes do antipetismo e do conservadorismo”, demonstra além da conclusão de sua tese, também, mais uma vez, sua afirmação ideológica como liberal, criticando as polaridades. Após contestar mais algumas acusações a Temer, supostamente elencadas pelos outros articulistas, Reinaldo finaliza lembrando o leitor, através de escolhas lexicais cuidadosamente elaboradas, a respeito do “inferno” em que ele estaria se não fosse “ele”, e também a ele (Temer), atribui como o único capaz de tirar-nos da “selva escura”.

No artigo 7, de Guilherme Boulos, intitulado: “*12 retrocessos em 12 meses de Temer*”, publicado na revista *CartaCapital* em 15 de maio de 2017 foi escrito com apenas horas de diferença do artigo de Reinaldo. Ambos possuíam o mesmo objetivo: avaliar um ano de exercício do governo “Temer”.

Guilherme Boulos, nascido em São Paulo, formou-se pela USP em Filosofia e Psicanálise, tornou-se uma das maiores lideranças da esquerda no país, líder do Movimento dos Trabalhadores Sem Teto (MTST). Tendo sido, posteriormente, candidato à Presidência do Brasil, pelo partido PSOL (Partido Socialismo e Liberdade), configurado como de extrema esquerda¹².

O país seguia-se em meio às decisões políticas e econômicas capazes de dividir a opinião pública. As articulações sobre a reforma da previdência traziam um ambiente de contrariedade em grande parte da população, a crise econômica se agravava com alto número de desemprego. Apesar disso, os grupos de “direita” mantinham-se tolerantes, cientes de que o governo estava fazendo o possível diante de um cenário caótico deixado pela “esquerda”. Já os partidos de “esquerda”, limitavam-se a criticar veementemente as decisões do governo.

¹²<https://especiais.gazetadopovo.com.br/eleicoes/2018/candidatos/presidente/guilhermeboulos/> <http://www2.camara.leg.br/atividadelegislativa/comissoes/comissoesmistas/cpcms/siglas/siglario2/p/PSOL.htm>

3.3.2 Mapeamento das categorizações do artigo 7

“Categorização 1” Temer
“categorização 2” “essa turma” (o governo de Temer)
“Categorização 3” Pressionado
“categorização 3” O Estado
“categorização 4” Ele

Na última semana completou-se um ano da consumação do golpe parlamentar no Brasil. Foi tempo suficiente para as máscaras caírem. Eduardo Cunha, o comandante da operação, está preso há mais meses em Curitiba. Uma leva de ministros caiu por denúncias de corrupção, a começar por Jucá, o homem que foi gravado explicando o passo a passo das transações que levaram Temer ao poder. Outros oito sendo investigados. Temer, que não é réu apenas pela prerrogativa constitucional, amarga uma aprovação inferior a 10%.

Mas um ano foi também tempo suficiente para o golpe mostrar a que veio. O que está em jogo é a aprovação de um programa que não foi eleito pelo povo brasileiro. Mais ainda, que jamais o seria. A única forma de cumprir a agenda regressiva como a de Temer chegar ao poder seria burlando o voto popular. Ela não cabe na democracia. A sustentação do governo não está no voto nem no apoio popular, mas na garantia dos interesses da banca e do grande empresariado. (Anexo 8, p. 109)

De acordo com a forma composicional de um artigo de opinião, o artigo “12 retrocessos em 12 meses de Temer” já se inicia com um tema em destaque, em nosso caso, voltado à política, especificamente a Michel Temer, o título, por sua vez, já exprime um juízo de valor, ou seja, já diz a que veio, há a formulação de uma tese, que será reforçada através de comprovações. Comprovações estas, que se tornam bem mais contundentes quando a leitura se faz no veículo *online*, uma vez que a cada argumento citado, dispõe-se um *hiperlink* com reportagens com temas afins, no intuito de reforçar tais afirmativas.

O tema, já explicita contundentemente a intenção de avaliar o primeiro ano do “governo Temer” e as 12 principais decisões capazes de trazerem como consequência, 12 grandes retrocessos ao país.

O primeiro parágrafo do artigo inicia-se com um balanço do primeiro ano de governo após o *impeachment* de Dilma Rousseff, Boulos abre seu texto referindo-se a Eduardo Cunha, nome sinalizado em *hiperlink*, em cor azul, abrindo outros campos de leitura do texto citado ou de outros relacionados, abrem na reportagem do dia 19 de outubro de 2017, nesta mesma revista, intitulado: “STF mantém prisão de Eduardo Cunha”, destaca o fato de alguns deputados terem sido afastados por denúncias de corrupção, além de outros oito, que estariam sendo investigados. Alguns desses nomes, como Jucá, em que o *hiperlink* leva à reportagem de 23 de maio de 2016, intitulada: “Entenda a primeira crise do governo Temer” ativando a memória do leitor interessado em maiores detalhes sobre a gravação em que Jucá sugeria que *impeachment* seria parte da estratégia para conter a lava jato. Boulos lembra que Temer ainda não se tornou réu, “por prerrogativa institucional”, esse tópico também em *hiperlink* disponível para outra reportagem da redação da revista intitulada: “Blindado pelo cargo, Temer é protagonista das delações da Odebrecht”. Assim, o desenho inicial que o leitor obtém, lendo o primeiro parágrafo é que tanto o presidente quanto sua equipe seriam passíveis de processos criminais, mas que Temer, só não havia se tornado réu por medidas protetivas que a constituição lhe garante.

Ele precisa entregar o pacote. E tem que ser rápido. Foi a isso que o País assistiu no último ano. [Pressionado por seus fiadores no mercado](#) e sem nada a perder em relação à opinião pública, Temer promoveu uma incrível inversão do lema de Juscelino Kubitschek: o "avançar 50 anos em 5" foi substituído pelo "regredir 100 anos em 1". É um período especialmente trágico da história nacional. Vejamos então, num resumido balanço, 12 dos principais retrocessos dos últimos 12 meses. (Anexo 8, p. 109)

No trecho acima, mantém-se o trecho “Pressionado por seus fiadores no mercado”, com o *hiperlink* abrindo-se para a entrevista com a Cientista Política Andréa Freitas, publicada em 18 de abril de 2017, intitulada: “Discurso das reformas é o restinho de legitimidade desse governo”, destaca sobre as reformas políticas articuladas por Temer e sua equipe. Iniciando o parágrafo com o pronome “ele”, usa a anáfora direta para manter o objeto de discurso ativado no texto.

Constata-se a intertextualidade explícita no trecho: “Temer promoveu uma incrível inversão do lema de Juscelino Kubitschek: o ‘avançar 50 anos em 5’ foi substituído pelo lema ‘regredir 100 anos em 1’”. O autor remete-se a um trecho do plano de governo durante a

campanha eleitoral pela presidência da república de Juscelino Kubitschek na década de 50. Com esta citação o autor sustenta a opinião de que Temer teria ido, na direção oposta de Juscelino, levando o país à regressão de 100 anos em 1. Escolhas lexicais como “período especialmente trágico”, corroboram para a atmosfera difícil em que o país está mergulhado.

Na intenção de sustentar sua argumentação, Boulos passa a elencar os 12 retrocessos que, em sua opinião, Temer proporcionou ao Brasil. Não será nossa intenção aqui, debruçar em cada uma delas, mas destacar as estratégias linguísticas, sobretudo na perspectiva da referenciação de algumas delas.

O articulista segue explicitando os doze erros do governo de Temer: em cada item, os tópicos mais importantes permanecem sinalizados em *hyperlinks*, para que o leitor possua fácil acesso às informações pertinentes aos temas em destaques, obviamente que todas elas, reportagens da revista *CartaCapital*. Presume-se que tais procedimentos ofereçam condições de checagem por parte do leitor, possibilitando assim, que tais argumentos corroborem com o fortalecimento deste ponto de vista. Segue-se a lista dos referidos “12 erros” elaborada por Boulos: 1. Desmonte dos programas pessoais; 2. Congelamento dos investimentos públicos por 20 anos; 3. Abertura do pré-sal aos estrangeiros; 4. Reforma do Ensino Médio; 5. Porta giratória escancarada; 6. Alexandre de Moraes no STF; 7. Entreguismo na política externa; 8. Política de caça aos povos indígenas; 9. Privatizações e desmontes dos bancos públicos; 10. Terceirização irrestrita.

Percebe-se que o escritor faz uso de diversos tipos de intertextualidade ao longo de sua escrita, lançando mão também de estratégias discursivas, dentre elas a ironia se faz presente como forma de afirmação de suas ideias.

5) Porta giratória escancarada. A “porta giratória” representa a entrega de cargos-chave na gestão pública a figuras do setor privado com evidente conflito de interesses. É colocar a raposa para cuidar do galinheiro. Essa não é uma prática nova no Brasil. Lula e Dilma, inclusive, tiveram suas raposas.

Mas com Temer a coisa tornou-se escancarada, numa terceirização sistemática da gestão aos agentes privados. Alguns exemplos: Nelson Silva, consultor sênior da Petrobras, é homem da Shell; Ilan Goldfajn, presidente do BC, saiu direto da função de economista-chefe do Itaú; Ricardo Barros, atual ministro da Saúde, é o homem dos planos privados; e por aí vai. (Anexo 8, p. 109)

No tópico 5, quando se refere à “porta giratória escancarada”, o próprio autor esclarece sua metáfora, quando Temer entrega cargos-chave na gestão pública a figuras do setor privado com evidente conflito de interesses. E ainda conclui: “É colocar a raposa para cuidar do galinheiro”. Essa não é uma prática nova no Brasil. Lula e Dilma, inclusive, tiveram suas raposas. Mas com Temer a coisa tornou-se escancarada, numa terceirização sistemática da gestão aos agentes privados”.

8) Política de caça aos povos indígenas. Se a defesa dos povos indígenas nunca foi um ponto forte nos governos Lula e Dilma, com Temer a política beira o etnocídio. A Funai foi destruída, a partir dos comandos de um ruralista no Ministério da Justiça. Ainda com Alexandre de Moraes foi editada portaria alterando os procedimentos para demarcação das terras indígenas. E, neste mês, a base do governo no Congresso aprovou relatório de uma CPI pedindo o indiciamento de 35 indígenas, 15 antropólogos e 16 procuradores da República que defendem os direitos dos índios. (Anexo 8, p. 109)

No tópico 8, constata-se a intertextualidade implícita, com a ilustração do texto, que recorre à imagem de indígenas em protesto em Brasília. No propósito de reforçar a falha de Temer, com a falta da assistência social aos grupos étnicos, vê-se a presença do apelo visual seguido pelo comentário: “Eles são alvo preferencial do governo”. O pronome “eles”, teria a função de substituir a expressão “os povos indígenas”. A intencionalidade marcada neste excerto fica evidente: transmitir a ideia de que o governo de Temer e de sua equipe, persegue e claramente ignora os anseios deste grupo.

9) Privatizações e desmonte dos bancos públicos. No final do ano passado, Temer e o "gato Angorá" apresentaram um projeto de entrega do patrimônio público voltado para 34 projetos de infraestrutura, incluindo portos, usinas e companhias de saneamento. O programa foi batizado com o nome de "Crescer". Paralelamente, é assustador o desmonte dos bancos públicos. O Banco do Brasil anunciou o fechamento de 402 agências e a demissão de 18 mil funcionários. A Caixa prevê o fechamento de 120 agências e a demissão de 5 mil funcionários apenas em 2017. É o completo esvaziamento dos mecanismos de atuação do interesse público na gestão econômica. (Anexo 8, p. 109)

No tópico 9, quando o autor refere-se a Wellington Moreira Franco como o “gato angorá”¹³, na reportagem acessa pelo *hiperlink*, e mantém o tratamento a este político como “o angorá das planilhas da Odebrecht”, evidencia-se uso de recurso argumentativo que apenas será efetivo caso o leitor conheça a origem desta expressão. Caso contrário, o efeito de sentido será comprometido.

Assim, na leitura do artigo de Guilherme Boulos evidencia-se a crítica a Temer e sua equipe durante o primeiro ano de governo, enumerando, elencando, detalhando e reforçando sua argumentação.

Apesar disso, por melhor que um texto seja *tecido*, poderá ser refutado por outro escritor, conhecedor destas mesmas estratégias argumentativas.

3.3.3 Confrontando os artigos 6 e 7

Como já foi observado nas análises individuais, há marcas de escritas bastante próprias em ambos os textos. Reinaldo lança mão, por diversas vezes de fontes em caixa alta e trechos com itálico e negrito. Seu texto é subdividido em seções, com temas taxativos: “Temer ano 1: Ele não errou, mas os antipetismos só fazem asneiras”

Observa-se nos artigos 6 e 7 que a intencionalidade, embora em polos distintos, esteve muito bem marcada. Reinaldo em defesa de Temer, Boulos em oposição. Examinando os quadros de caracterizações, observamos no artigo de Reinaldo, pouquíssimas adjetivações, o mesmo limitou-se a referir a ele como: Temer, presidente, ele, Michel Temer, o presidente.

Guilherme Boulos já o caracterizou como: Temer, O Estado, essa turma, Ele. Curiosamente não percebemos maiores adjetivações à pessoa de Temer, porém, as outras estratégias de escrita, como a ironia, metáforas, as anáforas associativas e fortes adjetivações às atitudes do governo, contribuíram para configurar, positiva ou negativamente, uma eloquente crítica ao governo Temer.

Percebe-se aí que não apenas a caracterização explícita é usada, mas principalmente frases de efeitos, críticas aos posicionamentos do governo o que traz o efeito de sentido desejado, tanto como “o salvador da pátria”, quanto como o “golpista”.

¹³ “Quem lembra a história é Carlos Lupi, homem de confiança de Brizola durante 20 anos e sucessor do ex-governador na presidência nacional do PDT. Foi Brizola quem deu a Moreira, por causa da cabeleira grisalha precoce, o apelido de ‘gato angorá’. Brizola dizia que a característica do gato angorá é passar de colo em colo. Valia no passado e vale agora. Moreira foi aliado do Fernando Henrique, do Lula, da Dilma, estará no governo Temer, se houver, e não duvido que esteja no governo seguinte”, crítica Lupi”. Disponível em: <https://politica.estadao.com.br/noticias/geral,moreira-franco-ainda-da-passos-de-gato-angora,10000048293>. Acesso em: 05 nov 2018.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No primeiro capítulo foi possível realizarmos uma breve introdução ao campo da Linguística Textual e de seus objetos de estudo, verificando como essa disciplina vem se desenvolvendo ao longo do tempo e como se construíram seus conceitos fundamentais, tais como o texto, contexto, cotexto, e outros que, longe de serem estanques ou pontos pacíficos, são elementos de discussão e de enfrentamento entre propostas teóricas diferentes dentro da mesma disciplina.

Verificamos os conceitos de progressão referencial, tomando por exemplos a anáfora, tanto a direta como a indireta, e a catáfora, e lançando mão do *corpus* a ser analisado na pesquisa para exemplificar sua aplicação e efeitos de sentido. Assim, buscamos nos autores Koch; Marcuschi; Bentes e Rezende; e Mondada e Dubois elementos de análise que nos permitissem a aproximação dos conceitos durante este processo.

Partindo do referencial teórico abordado, verificamos ainda, como o contexto se apresenta em dois artigos da revista *CartaCapital*, que dialogam com o mesmo evento: da carta do então vice-presidente da república, Michel Temer, à então presidente, Dilma Rousseff.

Tal perspectiva se apresentou com a escolha do gênero textual artigo de opinião, que, através dos articulistas selecionados apresenta-se como um texto que possui autoria de autoridade ou referência em determinado assunto, tendo por tema algo polêmico ou impactante na contemporaneidade de sua publicação. Entende-se, assim, que tais artigos abordam sobre os efeitos inferíveis da carta de Temer, que então não se apresentavam como um início do processo de *impeachment*. Nesse sentido Temer é caracterizado como “traidor” e “pulha”; no primeiro artigo analisado no capítulo teórico: “*Até tu, Michel Temer?*” a proposição da traição se dá pela anáfora indireta que aponta para a figura de Brutus quando do assassinato de Júlio César; já no capítulo analítico, o segundo artigo de opinião: “*Planalto vaza carta de Temer a Dilma, dá tiro no próprio pé e esquenta clima pró-impeachment*” remete-se a Temer instituição como também a Temer pessoa. No terceiro artigo: “*Temer se revelou um político menor*”, observa-se a definição de não apenas sobre Temer, mas para todo o elenco que o rodeava e o amparava em suas ações. Dessa forma, o autor categoriza não apenas Michel Temer, mas por inferência aqueles que, de uma forma ou de outra, também seriam qualificados como “estadistas”. Na análise seguinte, já foi possível confrontarmos dois artigos partindo de um mesmo evento. Evento este que propunha a avaliação de um ano de

exercício do governo Temer. Desta vez, escolhidos articulistas de ideologias divergentes, tanto de direita como de esquerda, os desenhos foram bem diferentes. Curiosamente aos serem convidados a dizerem pontos positivos e negativos do governo de Temer, ambos se limitaram a apenas elogiar ou criticar negativamente sua gestão.

Reinaldo Azevedo, no sexto artigo citado: “*Temer ano 1: Ele não errou, mas os antipetismos só fazem asneiras*”, enfatizou que Temer não teria cometido sequer um erro durante o primeiro ano de seu governo, caracterizando-o em suas construções como: capaz, conciliador, reformador, concessivo, reconstrutor (de um governo destruído por Dilma), de extrema capacidade para negociar, de um mandatário habilidoso (para ir desmontando as bombas que vai encontrando pelo caminho) e que finalmente Temer, é a única chance que os brasileiros possuem de saírem da selva escura.

Guilherme Boulos, no sétimo artigo citado: “*12 retrocessos em 12 meses de Temer*” também teria falhado na missão de elencar os pontos fortes e fracos do governo de Temer, limitando seu artigo a criticar valendo-se de um erro para cada mês de governo. Erros estes capazes de trazerem 12 retrocessos ao país. Em sua composição, o artigo apresenta-se com maior informatividade, pois apresenta 23 *hiperlinks* disponibilizando ao leitor, reportagens com temas afins, reforçando assim sua tese. Tal recurso foi quase esquecido por Reinaldo Azevedo que disponibilizou apenas um *hiperlink*.

Vale a pena ressaltar que as reflexões sobre os processos referenciais aliados ao resgate de momentos históricos de extrema importância para o Brasil, resultaram numa pesquisa bastante interessante, além de relevante. Afinal, o período histórico pelo qual o Brasil se mergulhou desde o segundo semestre de 2015 até o primeiro semestre de 2017 estará, indiscutivelmente, visto entre os grandes estudiosos de ciência política, como dos mais relevantes dos últimos tempos. Embora até o final de 2018, ainda tenhamos sido arrebatados com surpresas e apreensões ainda maiores, a delimitação deste recorte temporal fez-se necessária para que nosso estudo não se perdesse em meio ao número elevado de acontecimentos e em função disso, maiores seriam as opções para a escolha do *corpus*.

A pesquisa se deu com a seleção de artigos que fossem escritos sob uma mesma motivação, sob um mesmo momento político em que dois articulistas, um de ideologia de esquerda e outro de ideologia de esquerda, trouxessem comentários e avaliações de Michel Temer mediante os diversos momentos: o momento pré- *impeachment*, o período em que ele foi presidente interino e finalmente, quando avaliam o período de um ano de presidência da República.

No que se refere aos objetivos específicos, o primeiro: (Verificar quais estratégias de referenciação são mais recorrentes na construção e reconstrução do objeto de discurso “Temer”); podemos concluir que cada articulista, em seu estilo próprio, lança mão de alguma estratégia. Cada artigo trouxe consigo maiores ou menores números de caracterizações, anáforas associativas e progressões referenciais, paralelismos sintáticos. O segundo objetivo, (observar como este objeto de discurso é categorizado e recategorizado nos artigos em questão); seguiram-se contemplados, uma vez que foram abordados ao longo de cada análise, conforme podemos constatar nos quadros de caracterizações. Como ainda o terceiro objetivo: (analisar quais efeitos de sentido essas estratégias têm para a construção desse objeto nos artigos de opinião), também tenha sido trabalhado no desenrolar das análises, quando destacamos os trechos em que a caracterização não se deu por adjetivações, mas através de outras estratégias mais elaboradas na intenção de provocar no leitor os efeitos pretendidos: Como no artigo 2 em que Reinaldo Azevedo afirma que Michel Temer respondia ao assédio brutal dos palacianos, tal efeito de sentido seria enxergá-lo como uma vítima. Ou no artigo 7 em que Boulos não lança mão de nenhuma adjetivação mais eloquente, mas em uso de outras estratégias discursivas, traz os efeitos de que Temer poderia responder à processos judiciais, é insensível quando os temas são voltados ao social, entreguista e retrógrado.

No desenrolar desta dissertação o que está mais em jogo não é apenas a importância das competências leitoras, mas acima disso, o fato de que a demanda de leitura de artigos de opinião como também de textos jornalísticos, vem aumentando. A população está cada vez mais interessada pelas questões político-sociais. Em vista disso, é preciso, acima de tudo, discernimento para lê-las. Há um risco de se acreditar no que se lê nos dias de hoje, se consideramos que a população é a cada dia mais interpelada por inúmeras reportagens, sem aprofundar aqui sobre as *Fake News*. Depara-se com textos repletos de estratégias discursivas, carregados de ideologias e intenções a serviço dos mais variados interesses. Retomando, os autores, que atentam sobre o fato da internet promover um nível sem precedentes de homofilia (essencialmente a ideia de que os semelhantes se juntam, de que pássaros de um mesmo bando voam sempre juntos). As pessoas tendem a isolarem-se em câmaras de eco ou casulos de informação, nos quais só se encontram com pessoas semelhantes a si mesmas e onde seus pontos de vista são sempre reforçados. (DUDNEY; HOCCKLY; PEGRUM, 2016, p.41). É fundamental que estejamos atentos para isso, ampliando nosso olhar e nossas referências.

Fica assim, a certeza de que este estudo muito contribuirá para reflexões de tais questões tão pertinentes em nossos tempos, além de contribuir para um registro do emblemático período político vivido neste país.

REFERÊNCIAS

BECHARA, E. (org.). *Dicionário escolar da Academia Brasileira de Letras*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2011. Verbetes selecionados.

BENTES, A. C.; REZENDE, R. C. “Texto: conceito, questões e fronteiras [com] textuais”. In: SIGNORINI, I. (org.) *[Re] Discutir texto, gênero e discurso*. São Paulo, Parábola Editorial, 2008, p. 19-46.

BENTES, A. C. “Linguística Textual”. In: BENTES, A. C.; MUSSALIM, F. *Introdução à linguística: domínios e fronteiras*, vol. I. São Paulo: Cortez, 2012, p. 259- 301.

BOFF, O. M. B.; KÖCHE, V. S.; MARINELLO, A. F. “O gênero textual artigo de opinião: um meio de interação”. *ReVEL*, vol.7, n.13, 2009. [www.revel.inf.br].

BOLÉO, M. L. V. “Caio Júlio César”. Disponível em <https://www.leme.pt/historia/palavras/cesar.html> Acesso em 21 jun 2018.

CAVALCANTE, M. M. *Referenciação: Sobre coisas ditas e não ditas*. UFC Edições, Fortaleza, 2011.

COSTA, S. R. *Dicionário de gêneros textuais*. 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.

DUDENEY, G.; HOCKLY, N.; PEGRUM, M. *Letramentos digitais*. São Paulo: Parábola Editorial, 2016.

ESTADÃO CONTEÚDO. “‘Políticos usam mídias sociais para o bem e para o mal’, diz Noam Chomsky”. Revista IstoÉ online, 07 jan 2018. Disponível em <https://istoe.com.br/politicos-usam-midias-sociais-para-o-bem-e-para-o-mal-diz-noam-chomsky/>. Acesso em 28 fev 2019.

FILHO, Vidomar Silva; RODRIGUES, Rosângela Hammes. “Referenciação e orientação argumentativa em uma matéria jornalística”. In: *Linguagem & Ensino*, Pelotas, v.14, n.2, p. 503-528, jul./dez. 2011.

GASPAR, N. R. Língua, Linguagem, Texto e Discurso. In: Navarro, P. (org) *Estudos do Texto e do Discurso – Mapeando Conceitos e Métodos*. São Carlo: Clara luz Editora, 2006, p. 45-63.

KOCH, I. V.; BENTES, A. C.; CAVALCANTE, M. M. Intertextualidade *scricito sensu*. In: KOCH, I. V.; BENTES, A. C.; CAVALCANTE, M. M. *Intertextualidade: diálogos possíveis*. 2ª ed. São Paulo: Cortez, 2008, p. 17-43.

KOCH, I. V. Coesão Textual: conceitos e mecanismos. *Coesão textual*. São Paulo: Contexto, 2013, p. 13-29.

KOCH, I. V. *Desvendando os segredos do texto*. 8 ed. São Paulo: Cortez, 2015

- KOCH, I. V. *A inter-ação pela linguagem*. São Paulo: Cortez, 2003.
- KOCH, I. V.; ELIAS V. M. In: *Ler e compreender os sentidos do texto*. São Paulo: Contexto, 2014.
- KOCH, I. V.; FÁVERO, L. L. “A linguística textual”. In: _____. *Linguística textual: Introdução*. São Paulo: Cortez, 2012, p. 15-34.
- KÖCHE, V. *Leitura e produção textual: gêneros textuais de argumentar e expor*. 6 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.
- MONDADA, L. e DUBOIS, D. Construção dos objetos de discurso e categorização: Uma abordagem dos processos de referência. In: CAVALCANTE, M. M.; RODRIGUES, B. B.; CIULLA, A. (orgs.). *Referênciação*. São Paulo: Contexto, 2016. p.17-52.
- MARCUSCHI, L. A. *Linguística de texto: o que é e como se faz?* São Paulo: Parábola editorial, 2012.
- MOTTA, A, R.; POSSENTI, S. “Direita e Esquerda: Volver!”, In: *1ª JIED- Jornada Internacional de Estudos do Discurso*. 2008
- OLIVEIRA, E. F. Progressão referencial: uma análise das estratégias de referência mobilizadas em artigos de opinião. *Recorte*. v. 14, n. 1 (janeiro-junho - 2017). Disponível em <http://periodicos.unincor.br/index.php/recorte/article/view/4034>. Acesso em 25 jun 2018.
- PAGLIOSA, E. L. B. “Apresentação”. In: MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Linguística de texto: o que é e como se faz?* São Paulo: Parábola editorial, 2012. p. 11-14.
- TRAVAGLIA, L. C. O texto e o discurso. In: *Gramática e interação: uma proposta para o ensino de gramática*. São Paulo. Cortez, 2008, p. 67-98.

Artigos utilizados

- AMARAL, Roberto. Temer se revelou um político menor. Disponível em <https://www.cartacapital.com.br/politica/temer-se-revelou-um-politico-menor>. Acesso em 20 mai 2018.
- AZEVEDO, Reinaldo. Planalto vaza carta de Temer a Dilma, dá tiro no próprio pé e esquenta clima pró-impeachment. Disponível em <https://veja.abril.com.br/blog/reinaldo/planalto-vaza-carta-de-temer-a-dilma-da-tiro-no-proprio-pe-e-esquenta-clima-pro-impeachment/>. Acesso em 09 mar 2019.
- AZEVEDO, Reinaldo. Temer ano 1: Ele não errou, mas os antipetismos só fazem asneiras. Disponível em <https://veja.abril.com.br/blog/reinaldo/temer-ano-1-ele-nao-errou-mas-os-antipetismos-so-fazem-asneiras/>. Acesso em 20 mai 2018.

BARROCAL, André. Espinhos no caminho de Temer. Disponível em <https://www.cartacapital.com.br/revista/914/acossado-temer-deposita-esperancas-no-impeachment>. Acesso em 20 mai 2018.

BOULOS, Guilherme. 12 retrocessos em 12 meses de Temer. Disponível em <https://www.cartacapital.com.br/politica/12-retrocessos-em-12-meses-de-temer>. Acesso em 20 mai 2018.

DIAS, Mauricio. “Até tu, Michel Temer”. Disponível em <https://goo.gl/vDtcXg>. Acesso em 14 mai 2018.

FARIA, Carolina. Temer é vaiado ao abrir os Jogos Rio-2016. Disponível em <https://veja.abril.com.br/brasil/temer-e-vaiado-ao-abrir-os-jogos-rio-2016/>. Acesso em 09 mar 2019.

ANEXO 1

CARTA DE MICHEL TEMER¹⁴

Senhora Presidente,

"Verba volant, scripta manent" (As palavras voam, os escritos permanecem)

Por isso lhe escrevo. Muito a propósito do intenso noticiário destes últimos dias e de tudo que me chega aos ouvidos das conversas no Palácio.

Esta é uma carta pessoal. É um desabafo que já deveria ter feito há muito tempo.

Desde logo lhe digo que não é preciso alardear publicamente a necessidade da minha lealdade. Tenho-a revelado ao longo destes cinco anos.

Lealdade institucional pautada pelo art. 79 da Constituição Federal. Sei quais são as funções do Vice. À minha natural discrição conectei aquela derivada daquele dispositivo constitucional.

Entretanto, sempre tive ciência da absoluta desconfiança da senhora e do seu entorno em relação a mim e ao PMDB. Desconfiança incompatível com o que fizemos para manter o apoio pessoal e partidário ao seu governo.

Basta ressaltar que na última convenção apenas 59,9% votaram pela aliança. E só o fizeram, ousou registrar, por que era eu o candidato à reeleição à Vice.

Tenho mantido a unidade do PMDB apoiando seu governo usando o prestígio político que tenho advindo da credibilidade e do respeito que granjeei no partido. Isso tudo não gerou confiança em mim. Gera desconfiança e menosprezo do governo.

Vamos aos fatos. Exemplifico alguns deles.

1. Passei os quatro primeiros anos de governo como vice decorativo. A Senhora sabe disso. Perdi todo protagonismo político que tivera no passado e que poderia ter sido usado pelo governo. Só era chamado para resolver as votações do PMDB e as crises políticas.

2. Jamais eu ou o PMDB fomos chamados para discutir formulações econômicas ou políticas do país; éramos meros acessórios, secundários, subsidiários.

3. A senhora, no segundo mandato, à última hora, não renovou o Ministério da Aviação Civil onde o Moreira Franco fez belíssimo trabalho elogiado durante a Copa do Mundo. Sabia que ele era uma indicação minha. Quis, portanto, desvalorizar-me. Cheguei a registrar este fato no dia seguinte, ao telefone.

4. No episódio Eliseu Padilha, mais recente, ele deixou o Ministério em razão de muitas "desfeitas", culminando com o que o governo fez a ele, Ministro, retirando sem nenhum aviso prévio, nome com perfil técnico que ele, Ministro da área, indicara para a ANAC. Alardeou-se a) que fora retaliação a mim; b) que ele saiu porque faz parte de uma suposta "conspiração".

5. Quando a senhora fez um apelo para que eu assumisse a coordenação política, no momento em que o governo estava muito desprestigiado, atendi e fizemos, eu e o Padilha, aprovar o ajuste fiscal. Tema difícil porque dizia respeito aos trabalhadores e aos empresários. Não titubeamos. Estava em jogo o país. Quando se aprovou o ajuste, nada mais do que fazíamos tinha sequência no governo. Os acordos assumidos no Parlamento não foram cumpridos. Realizamos mais de 60 reuniões de líderes e bancadas ao longo do tempo solicitando apoio com a nossa credibilidade. Fomos obrigados a deixar aquela coordenação.

6. De qualquer forma, sou Presidente do PMDB e a senhora resolveu ignorar-me chamando o líder Picciani e seu pai para fazer um acordo sem nenhuma comunicação ao seu Vice e Presidente do Partido. Os dois ministros, sabe a senhora, foram nomeados por ele. E a senhora não teve a

¹⁴ Cf. <http://g1.globo.com/politica/noticia/2015/12/leia-integra-da-carta-enviada-pelo-vice-michel-temer-dilma.html>. Acesso em 15 fev 2019.

menor preocupação em eliminar do governo o Deputado Edinho Araújo, deputado de São Paulo e a mim ligado.

7. Democrata que sou, converso, sim, senhora Presidente, com a oposição. Sempre o fiz, pelos 24 anos que passei no Parlamento. Aliás, a primeira medida provisória do ajuste foi aprovada graças aos 8 (oito) votos do DEM, 6 (seis) do PSB e 3 do PV, recordando que foi aprovado por apenas 22 votos. Sou criticado por isso, numa visão equivocada do nosso sistema. E não foi sem razão que em duas oportunidades ressaltei que deveríamos reunificar o país. O Palácio resolveu difundir e criticar.

8. Recordo, ainda, que a senhora, na posse, manteve reunião de duas horas com o Vice Presidente Joe Biden - com quem construí boa amizade - sem convidar-me o que gerou em seus assessores a pergunta: o que é que houve que numa reunião com o Vice Presidente dos Estados Unidos, o do Brasil não se faz presente? Antes, no episódio da "espionagem" americana, quando as conversas começaram a ser retomadas, a senhora mandava o Ministro da Justiça, para conversar com o Vice Presidente dos Estados Unidos. Tudo isso tem significado absoluta falta de confiança;

9. Mais recentemente, conversa nossa (das duas maiores autoridades do país) foi divulgada e de maneira inverídica sem nenhuma conexão com o teor da conversa.

10. Até o programa "Uma Ponte para o Futuro", aplaudido pela sociedade, cujas propostas poderiam ser utilizadas para recuperar a economia e resgatar a confiança foi tido como manobra desleal.

11. PMDB tem ciência de que o governo busca promover a sua divisão, o que já tentou no passado, sem sucesso. A senhora sabe que, como Presidente do PMDB, devo manter cauteloso silêncio com o objetivo de procurar o que sempre fiz: a unidade partidária.

Passados estes momentos críticos, tenho certeza de que o País terá tranquilidade para crescer e consolidar as conquistas sociais.

Finalmente, sei que a senhora não tem confiança em mim e no PMDB, hoje, e não terá amanhã. Lamento, mas esta é a minha convicção.

Respeitosamente,

MICHEL TEMER

A Sua Excelência a Senhora

Doutora DILMA ROUSSEFF

DO. Presidente da República do Brasil

Palácio do Planalto

ANEXO 2

DIAS, Mauricio. “Até tu, Michel Temer”. Disponível em <https://goo.gl/vDtcXg>. Acesso em 14 mai 2018. (artigo 1)

Política

Rosa dos Ventos

Até tu, Michel Temer?

por Mauricio Dias — publicado 06/11/2015 17h26, última modificação 06/11/2015 22h21

O documento do PMDB intitulado “Uma ponte para o futuro” é uma estocada traiçoeira contra Dilma

[inShare2](#)

Zeca Ribeiro



Conversa de 2011, mas a afinidade se acentua.

Leia também

Michel Temer e a mosca azul do golpismo

Michel Temer deixa o dia a dia da articulação política do governo

Crise de legitimidade

A polarização PT-PSDB chegou ao fim?

Ação do PSDB no TSE: Cunha pode virar presidente do Brasil?

A solução Temer

Não só a punhalada nas costas é exemplo de traição. Há outros recursos, também traiçoeiros, embora mais sutis, como o recente documento difundido pelo PMDB, de Norte a Sul do País, denominado “Uma ponte para o futuro”, e chancelado por [Michel Temer](#), presidente do partido, como proposta de “debate interno”. O PMDB avisa que fala para dentro, mas fala mesmo é para fora.

O texto é uma comprovação. Parece uma proposta de diálogo. Se for, não é, porém, com a [presidenta Dilma](#). Ela fica de fora, diante dessa convocação destinada, segundo o PMDB, “a preservar a economia brasileira e tornar viável o seu desenvolvimento, devolvendo ao Estado a capacidade de executar políticas sociais que combatam efetivamente a pobreza e criem oportunidades para todos”.

Estocadas traiçoeiras como esta, distribuídas por 18 páginas, não fazem sangrar, mas doem. Num simples passar de olhos no texto é possível perceber as mensagens impertinentes para um governo do qual **Temer** é vice-presidente e os peemedebistas são, ou deveriam ser, integrantes da base de sustentação no Congresso.

A [baixa popularidade de Dilma](#) e do governo, diante de uma crise de inflação e desemprego, estimulou nos aliados a vontade de trair. Eles já não conseguem se desligar do golpismo inserido sub-repticiamente nas propostas do programa feito “em nome da paz, da harmonia e da esperança, que ainda resta entre nós”.

Com o coração e a mente sempre voltados contra o Planalto, o PMDB dispara: “Todas as iniciativas aqui expostas constituem uma necessidade, e quase um consenso, no País. A inércia e a imobilidade política têm impedido que elas se concretizem”. Inércia e imobilidade são algumas das críticas coladas na presidenta pela oposição.

Não há, entretanto, por parte do documento de **Temer** referência às [manobras da oposição](#), cuja meta, para alcançar a renúncia da presidenta ou o *impeachment*, é a de impedir que Dilma governe. São duas opções traiçoeiras.



O PMDB avisa que fala para dentro, mas fala mesmo é para fora / José Cruz/Agência Brasil

O senador gaúcho Paulo Paim, do PT, farejou no documento a construção de um caminho para o passado: “É só anunciarem que está havendo crise que os setores mais conservadores começam o ataque em cima dos direitos dos que mais precisam”.

Não por acaso, as propostas do PMDB, divulgadas no dia 29 de outubro, convergem para o artigo do ex-presidente [Fernando Henrique Cardoso](#) publicado em *O Globo*, dois dias depois, onde ele diz: “A saída da crise” requer a formação “de um novo consenso nacional”.

Trata-se “de dar um novo rumo ao país na busca de melhor sociedade futura”. FHC alerta para a “necessidade de um consenso nacional para juntarmos forças ao redor de um caminho mais claro para o futuro”.

É claro, para o ex-presidente tucano, que a solução requer a saída de Dilma. Ascenderia ao lugar dela o vice, **Michel Temer**, com o compromisso de cumprir o restante do mandato. Ele não disputaria a eleição de 2018. Essa articulação traiçoeira tem o propósito de deixar a porta aberta para o candidato do PSDB ou, quem sabe, para José Serra entrar com o uniforme do PMDB.

registrado em: Rosa dos Ventos Michel Temer PMDB Dilma Rousseff

ANEXO 3

AZEVEDO, Reinaldo. Planalto vaza carta de Temer a Dilma, dá tiro no próprio pé e esquento clima pró-impeachment. Disponível em <https://veja.abril.com.br/blog/reinaldo/planalto-vaza-carta-de-temer-a-dilma-da-tiro-no-proprio-pe-e-esquento-clima-pro-impeachment/>. Acesso em 09 mar 2019. (artigo 2)

Planalto vaza carta de Temer a Dilma, dá tiro no próprio pé e esquento clima pró-impeachment.



Michel Temer, vice-presidente da República, é um homem educado também no sentido, vamos dizer, escolar do termo. Tanto é assim que recorreu ao velho estilo epistolar para evidenciar as múltiplas provas de desconfiança dadas por Dilma e expor o tratamento truculento de que tem sido vítima. Nesta segunda, enviou uma carta à presidente elencando 11 provas concretas de que ela não confia nem nele nem em seu partido, PMDB. A mensagem, esclarece a Vice-Presidência, não implica um rompimento pessoal com Dilma nem o fim da aliança do PMDB com PT. Ainda que assim seja, é claro que o texto se tornou um marco. Agora, ou racha ou racha.

Com a carta, Temer respondia ao assédio brutal dos palacianos, que tentam, na prática, cassar-lhe prerrogativas constitucionais. A ousadia é tal, já aponte aqui, que o ministro Jaques Wagner teve o topete de pôr na boca do vice palavras que este não pronunciou.

Agora vamos ao que é mais impressionante. A carta foi enviada à presidente nesta segunda, quando governistas fiéis ao Planalto lutavam com dissidentes, em companhia da oposição, pelo controle da comissão especial que vai analisar a denúncia que pode resultar no impeachment de Dilma. Trata-se de uma mensagem pessoal. Ora, é evidente que jamais deveria ter sido vazada para a imprensa. Mas foi.

O próprio Temer se surpreendeu. Afirmou: “Escrevi uma carta confidencial e pessoal à presidente da República. Tive o cuidado de mandar pessoalmente a minha chefe de gabinete entregá-la. Mais uma vez, avalei mal. Desembarquei em Brasília agora à noite e me surpreendi com o fato gravíssimo de o palácio ter divulgado uma carta confidencial. Eu já tinha me decepcionado quando os ministros Edinho Silva e Jaques Wagner divulgaram versões equivocadas do meu último encontro com a presidente, me deixando mal jurídica e politicamente.”

Pois é... A que alude o vice? Explico. Temer esteve com Dilma. Os dois ministros espalharam a versão de que o vice não via base jurídica para Eduardo Cunha aceitar a denúncia contra Dilma.

Temer não se furta a expor com todas as letras o seu desconforto: “Eu havia sido comunicado pelo Eduardo Cunha que ele acolheria o pedido de impeachment. Reconheci seu direito de fazê-lo, e, depois, o ministro Jaques Wagner colocou na minha boca a afirmação de que a decisão não tinha lastro jurídico. Constrangido, tive que desmenti-lo. O acolhimento tem sim lastro jurídico.”

Pode não ser uma carta de rompimento pessoal e de descolamento do PMDB do governo, mas é evidente que, depois dela, ou racha ou racha. O que quero dizer com isso? Michel Temer está deixando claro que é vice-presidente da República; que a Constituição lhe assegura prerrogativas que governo nenhum pode tolher; que não vai entrar pessoalmente no jogo para influenciar os votos no Congresso; que não vai aderir à gritaria histórica do Planalto, que acusa “golpe”. Temer está dizendo, em suma, que seguirá leal ao papel que lhe atribui a Constituição.

Falemos um pouco da carta. O vice a inicia com uma epígrafe de um ditado latino, a saber: “Verba volant; scripta manent” — palavras ditas voam; palavras escritas permanecem. Ou por outra: ele preferiu escrever porque ouviu dizer que a presidente o chamaria para mais um

encontro. E, depois das distorções de Wagner e Edinho, Temer não quis correr o risco de ouvir falas que não são suas a voar por aí, como se suas fossem.

Na epístola enviada a Dilma, elenca 11 episódios em que a desconfiança da presidente no seu vice e no PMDB ficou patente. Pois é... Temer poderia ter citado ainda um outro adágio latino: “Verba movente; exempla trahunt”. Ou: as palavras movem; os exemplos empurram. Mas isso é literal demais e não aclara as coisas. O melhor seria: as palavras movem; os exemplos compelem, convencem, evidenciam.

Temer afirma que passou os quatro primeiros anos como “vice decorativo” e que “só era chamado para resolver votações do PMDB e crises políticas”. Diz que jamais foi convocado para discutir “formulações econômicas ou políticas do país”. E resume: “Éramos meros acessórios, secundários, subsidiários”.

Deixa claro que sentiu como agressão pessoal a retirada de Moreira Franco do Ministério da Aviação Civil, já que era uma indicação sua. Sustenta que Eliseu Padilha deixou a mesma pasta na semana passada porque desprestigiado, mas que o governo fez questão de alardear que isso era parte de uma conspiração supostamente liderada por ele, Temer.

No quinto item de suas razões, lembra a coordenação política que chegou a assumir em abril, para dela sair em agosto, depois de aprovado o ajuste fiscal, porque os acordos que foram costurados para conseguir aquelas votações não foram cumpridos.

Na reforma ministerial que mudou peças do PMDB, Temer lembra que, apesar de ser presidente do partido, Dilma preferiu ignorá-lo e chamou para cuidar do assunto Leonardo Picciani (RJ), líder do partido na Câmara, e seu pai, Jorge Picciani.

Na ordem dos insultos, Temer observa que, na posse, Dilma manteve reunião de duas horas com Joe Biden, vice-presidente dos EUA, fazendo questão de ignorá-lo — justo ele, que diz manter uma relação de amizade com o político americano.

Temer afirma que até o programa da Fundação Ulysses Guimarães “Uma Ponte para o Futuro” foi usado como suposta evidência contra o PMDB e contra ele próprio. E diz que o governo continua tentando dividir o partido, sem sucesso.

O vice-presidente, em suma, deixou claro que a relação de confiança alardeada por Dilma não existe. E conclui: “Finalmente, sei que a senhora não tem confiança em mim e no PMDB hoje e não terá amanhã”.

Na mosca!

Não fosse a conjugação de crise econômica, crise política e crise de confiança, o PT estaria empenhado neste momento em destruir o PMDB. Apontei aqui essa disposição já em fins de

2011 e início de 2012. Na sua brutal arrogância, os petistas julgavam que já tinham destruído o PSDB e que era a hora de começar a caçar os aliados.

Agora é ou racha ou racha. O PMDB pode, sim, continuar na base — até porque, suponho, o próprio governo não pretende se livrar dele —, mas Temer deixa claro que, a exemplo de Dilma (deveria ser assim ao menos), as suas responsabilidades pessoais transcendem as do partido.

Dilma terá de lutar por seu mandato — espero que o faça dentro das regras do jogo, e Temer tem de ter claro que seu papel institucional é substituí-la em caso de impedimento. Com a grave responsabilidade de encontrar um caminho que ao menos nos livre da depressão econômica.

Cada um no seu quadrado. Sei lá por que diabos o Planalto divulgou a carta. Há mais figado do que cérebro nessa decisão. Para Temer, foi excelente. Aquilo que é dito apenas entre duas pessoas não impõe, aos olhos da opinião pública, nenhuma forma de especial decoro. Quando, no entanto, a conversa confidencial vira assunto até de boteco, não resta às personagens, ou aos litigantes, outra coisa que não o dever da coerência.

E o dever de Temer, agora, é ficar longe de Dilma para, se preciso, substituí-la e dar início ao seu governo.

É a regra.

É a lei.

É a Constituição.

E o PT vai de ter de engolir ou de engolir.

ANEXO 4

AMARAL, Roberto. Temer se revelou um político menor. Disponível em <https://www.cartacapital.com.br/politica/temer-se-revelou-um-politico-menor>. Acesso em 20 mai 2018. (artigo 3)

Política

Opinião

Temer se revelou um político menor

por Roberto Amaral — publicado 10/12/2015 10h37, última modificação 10/12/2015 13h13

A carta do vice é simbólica de um País que sente a falta de estadistas e está repleto de pulhas

Marcelo Camargo / Agência Brasil



Michel Temer: ele trama sua subida ao Planalto

Leia também

Eduardo Cunha manda e desmanda

No Conselho de Ética, Cunha vence mais uma vez

A aliança entre Cunha e Temer se firma

O impeachment está suspenso. E agora?

A [carta do vice-presidente da República](#) – pobre, patética, beirando a infantilidade – dá a justa medida do estado moral lastimável em que se encontra a política brasileira, apequenada, amesquinhada, aviltada e envilecida.

Desnudando-se, o presidente do PMDB revela-se um político menor, como menores são seus companheiros da ópera bufa em que foi transformado, pela miséria da política, um dos momentos mais dramáticos de nossa História recente, tão vazia de estadistas e miseravelmente tão plena de pulhas.

Pois grave é a crise ignorada pela *vendetta* e pelo ódio. No encontro da saturnal dos ódios – ódio amador e ódio profissional, ódio gratuito e ódio remunerado e, até, ódio puro ódio, o ódio irascível do perdedor sem consolo, ódio que cega e embrutece – nesse encontro de ódios com a compulsão dos interesses os mais vários, interesses pessoais, interesses de grei, interesses de súcias-partidos, só não são considerados os interesses do País, os interesses coletivos. Ninguém se dá conta dos riscos que corre o processo político quando a ordem constitucional se transforma em espaço para traficância.

Na missiva do vice, ‘um copo até aqui de mágoa’, apenas lamúrias, queixumes e muxoxos; nenhuma reflexão, nem uma só palavra sobre a crise de que seu partido, insaciável consumidor de cargos e verbas públicas, é um dos atores e artífices.

Crise grave – pois a um só tempo crise política, crise econômica, crise institucional, crise de representatividade – da qual, rompendo com toda e qualquer noção de ética, Temer pretendeu aproveitar-se, sem pejo do papel de traidor doméstico, o mais perverso de todos.

O vice-presidente reclama de cargos e carguinhos para os mais chegados, reclama de afagos negados, de convites não formulados, de acenos evitados. O País? O País passa ao largo.

A pequenez de espírito salta nas primeiras linhas, quando o missivista se diz informado por “tudo o que me chega aos ouvidos das conversas no Palácio”. Ou seja, o rompimento político, a justificativa da maquinação golpista, se alimenta não em uma crise de Estado, num conflito de visões político-ideológicas, mas nas tricas e futricas das salas e antessalas dos palácios da Corte!

Bate-papo de comadres. Este o personagem que se oferece à oposição ensandecida para suceder a presidente Dilma ao fim do golpe de Estado comandado, na Câmara dos Deputados, pelo seu correligionário e assecla e sócio Eduardo Cosentino da Cunha.

Pobre política, pobre país.

Temer se queixa de haver passado “os quatro primeiros anos de governo como vice decorativo”. Ora, só um traste, um obnoxio, se prestaria a tal papel; só um carreirista voraz

ainda desejaria outros quatro anos de igual ostracismo. Pois, findo o primeiro mandato de Dilma Rousseff, o desconsiderado Temer – à míngua de votos que lhe ensejassem um voo solo – ainda lutou para ser o vice da presidente candidata à reeleição.

Agora choraminga porque um ministro de sua intimidade não foi reconduzido do primeiro para o segundo mandatos, e porque outro, de igual domesticidade, não teve confirmada a nomeação de um apaniguado qualquer para um cargo qualquer. Cargos, cargos, verbas, sinecuras! Faz beicinho de ciúmes, pois a presidente conversou diretamente com o líder (já defenestrado) do seu partido, e não com ele – e vaidoso, ressentido de não haver sido convidado para encontro da presidente com o vice-presidente dos EUA de passagem por Brasília.

São essas as razões do estadista Michel Temer, vice-presidente da República e presidente do PMDB. São essas as suas razões para a carta, pois, consabidamente, ela não se destinava, apenas, a desafogar um coração magoado.

Destinava-se, sim, a formalizar, documentar, justificar o abandono, pelo vice, da “lealdade pautada pelo Art. 79 da Constituição Federal” à titular da Presidência, abandono aliás que logo transitou para a conspiração plena, já tornada pública pela imprensa, que, aliás, também dá conta de suas articulações para a montagem de seu hipotético governo.

Enquanto isso e coerentemente com tudo isso, coerentemente com tanta baixez, seu correligionário ainda presidente da Câmara dos Deputados, e ainda à solta, prossegue, lépido e fagueiro, na faina despudorada e impune de desmoralizar o Poder Legislativo. Se este se amesquinha com sua simples presença, mais se degrada com sua presidência que associa a ostensiva, despudorada e cínica ausência de ética com um absolutismo cujo sucesso é outro indicador do nível de miséria a que chegou a maioria da Casa.

A persistente presidência de Cunha ultrapassou, e ultrapassa ainda, todos os limites da plausibilidade, ofendendo o decoro parlamentar, rasgando regimento, rasgando a Constituição, ofendendo normas parlamentares, tudo em função de suas duas prioridades do momento: fugir da sua própria cassação, motivada por reiterados atos de improbidade, e promover, a ferro e fogo, a qualquer preço, a cassação do mandato da presidente Dilma.

Para isso se serve de uma coorte de áulicos na qual desponta figura exemplarmente deprimente como o sr. Paulinho da Força (cujo prontuário inclui ação penal no STF por

lavagem de dinheiro e crime contra o sistema financeiro nacional), líder da Comissão de Frente que abre-alas para Aécio Neves e outros menos cotados, como Mendonça Filho, os Bolsonaros e uma penca de caronistas que nem vale citar.

Diz-se que a história forja os personagens de que necessita. Isso é injusto conosco, não merecemos Temer, Cunha e seus quejandos, ainda menos o vazão humano que possibilitou essa safra. A média brasileira é muito melhor. Portanto, ainda podemos confiar, com esperança, no papel da organização social, a sociedade reagindo mediante seus mecanismos de ação, intervindo no processo, ditando e corrigindo as lamentáveis rotas de hoje.

Leia mais em www.ramaral.org

ANEXO 5

FARINA, Carolina. Temer é vaiado ao abrir os Jogos Rio-2016. Disponível em <https://veja.abril.com.br/brasil/temer-e-vaiado-ao-abrir-os-jogos-rio-2016/>. Acesso em 09 mar 2019. (artigo 4)

Temer é vaiado ao abrir os Jogos Rio-2016

Presidente interino não foi anunciado no início da cerimônia, mas não escapou dos protestos ao fim da festa. Abertura refletiu conturbado cenário nacional

Por **Carolina Farina**

access_time 6 ago 2016, 01h05 - Publicado em 5 ago 2016, 23h29

more_horiz



O presidente da República em exercício, Michel Temer, e o presidente do Comitê Olímpico Internacional (COI), Thomas Bach, assistem a cerimônia de abertura dos Jogos Olímpicos Rio-2016, realizada no Estádio do Maracanã - 05/08/2016 (Issei Kato/Reuters)

Imerso em profunda crise política e econômica, o Brasil celebrou a tolerância e a diversidade na abertura dos Jogos Rio-2016 – uma festa que refletiu de fato o “espírito da gambiarra”, definido pelos organizadores como “o talento para fazer algo grande a partir de quase nada”. Mas a tensão no país se fez sentir no Maracanã. Para evitar vaias, o nome do presidente interino Michel Temer não foi anunciado ao lado do presidente do Comitê Olímpico

Internacional (COI), Thomas Bach, no início da cerimônia. O peemedebista, contudo, não escapou dos protestos: ao declarar aberta a Olimpíada, Temer foi alvo de sonoras vaias. Falou por menos de 10 segundos. Ao fazer seu discurso, Bach apenas agradeceu às autoridades brasileiras, sem citar Temer nominalmente. A imagem do interino também não apareceu nos telões do Maracanã – tudo parte da estratégia dos organizadores para evitar as manifestações contra Temer.

Antes do início da festa, um grupo chegou a ensaiar um "fora Temer" das arquibancadas – e outra parcela do estádio vaiou a manifestação. Ao fim do *Hino Nacional*, houve quem gritasse o nome do juiz Sergio Moro, que comanda as ações decorrentes da Operação Lava Jato em Curitiba. Na última sexta-feira, Temer afirmou que estava "preparadíssimo" para ouvir eventuais vaias no Maracanã. Na cerimônia de abertura da Copa do Mundo de 2014, a presidente afastada Dilma Rousseff foi alvo de vaias e xingamentos no estádio Itaquero.

Estiveram presentes à cerimônia 38 chefes de Estado e governo – número muito inferior aos 70 que assistiram a festa londrina em 2012 e aos 80 que estiveram em Pequim em 2008. O presidente americano Barack Obama prestigiou a abertura em Londres ao lado da mulher, Michelle. Desta vez, os Estados Unidos enviaram o secretário de Estado John Kerry.

No começo da tarde, em Copacabana, na Zona Sul da cidade, um protesto contra Temer alterou o trajeto do revezamento da tocha olímpica, que deixou de passar por um trecho da orla e seguiu por ruas internas do bairro. Diversos movimentos de esquerda e centrais sindicais protestaram com faixas e cartazes em português e em inglês, em frente ao Hotel Copacabana Palace. Houve um momento de tensão, quando a manifestação foi impedida de avançar, até que a tocha deixasse Copacabana.

Em São Paulo, houve protesto contra os Jogos na Avenida Paulista. A Polícia Militar paulista reprimiu com cassetetes e spray de pimenta cerca de 200 manifestantes que iniciaram uma caminhada a partir do vão do Masp.

Em meio à tensão no país, a festa no Maracanã deu espaço a causas socioambientais. As favelas foram representadas com um show de ritmos como o samba e o funk, que reuniu as cantoras Elza Soares e Ludmilla. O rapper Marcelo D2 e o cantor Zeca Pagodinho simularam um duelo de ritmos, representando a diversidade da música do Rio de Janeiro. A importância dos negros para a cultura nacional foi celebrada com as rappers Karol Conka e McSofia. Manifestações culturais como o maracatu, os bate-bolas e o bumba-meu-boi também

dividiram o espaço no palco do Maracanã e o treme-treme, do Pará, foi representado pela Gang do Eletro. Houve também espaço para um alerta sobre o aquecimento global.

Os protestos não ofuscaram a festa no Maracanã. Nas redes sociais, a beleza da cerimônia provocou manifestações de orgulho cada vez mais raras em um país desiludido. A Copa do Mundo de 2014 teve como grande legado a alegria que tomou conta do país ao longo da competição – e que sobreviveu até mesmo ao 7 a 1 da semifinal contra a Alemanha. Há dois anos o mundo conheceu o soft power brasileiro: o termo é usado na diplomacia para definir a competência de um país para conseguir o que deseja por meio de sua cultura e de sua imagem, de sorrisos e paciência, em oposição a balas e canhões.

Ao discursar, o presidente do Comitê Olímpico Brasileiro (COB), Carlos Arthur Nuzman, apelou a esse poder: “Nunca desistimos, essa é a força do nosso povo. Os filhos do Brasil não fogem à luta”. Foi ovacionado. Pouco depois, foi vaiado ao falar da cooperação entre os três níveis de governo. É o espírito olímpico em tempos de crise política.

- zoom_out_map



121/121 Soldados realizam patrulha próximo ao Estádio do Maracanã, no Rio de Janeiro (RJ), antes da abertura dos Jogos Olímpicos Rio-2016 - 05/08/2016 (Alkis Konstantinidis/Reuters)

-
- zoom_out_map



1/121 Fogos de artifício explodem durante a cerimônia de abertura dos Jogos Olímpicos Rio 2016, no estádio do Maracanã (Ivan Pacheco/*Veja.com*)

ANEXO 6

BARROCAL, André. Espinhos no caminho de Temer. Disponível em <https://www.cartacapital.com.br/revista/914/acossado-temer-deposita-esperancas-no-impeachment>. Acesso em 20 mai 2018. (artigo 5)

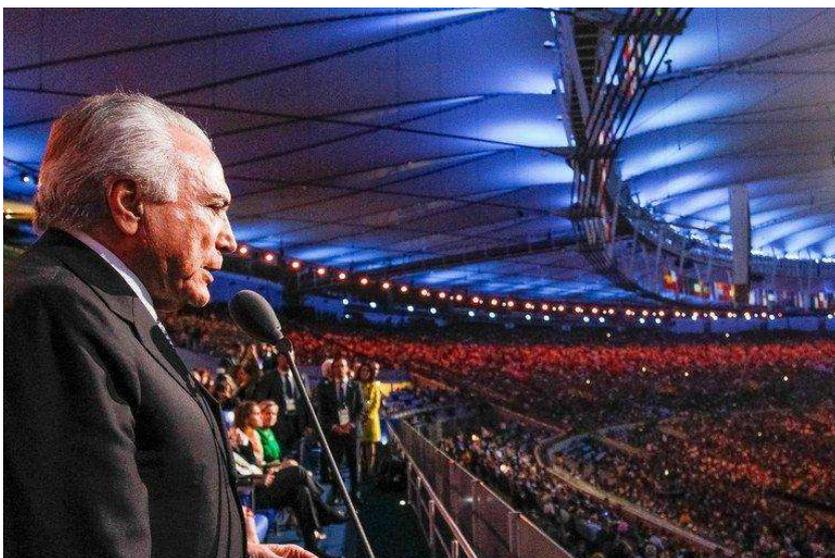
Política Interino

Espinhos no caminho de Temer

por André Barrocal — publicado 19/08/2016 04h37

Na busca por blindagem judicial via impeachment, presidente interino sofre cerco do PSDB e do 'mercado' e vê o TSE à espreita

Beto Barata/PR



As vaias irrecorríveis na inauguração das Olimpíadas

Michel Temer foi à abertura da Olimpíada no Maracanã sob um esquema preparado para protegê-lo de um vexame global. Uma semana antes, o governo demitira o chefe do cerimonial da Rio-2016, Fernando Igreja, episódio a alimentar rumores entre diplomatas de que o embaixador foi espionado pelo aparelho de segurança de Temer e punido por “dilmismo”.

Na cerimônia, o nome do presidente interino não seria anunciado antes de ele declarar o início dos Jogos, seu discurso seria relâmpago e logo em seguida o volume de uma música subiria ao máximo. Tudo para impedir ou abafar vaias ao peemedebista diante

das autoridades presentes e das bilhões de pessoas a assistir pela tevê. Em vão. [Ele levou uma estrepitosa vaia.](#)

Terá mais sorte em outra “operação blindagem”? Se assumir a Presidência de forma plena com a aprovação final do [impeachment](#), desfecho para o qual atua com paixão, escapará de ser investigado em tramas suspeitas.

Histórias como a cobrança de dinheiro para campanhas do PMDB feita por Temer ao empreiteiro Marcelo Odebrecht e ao ex-presidente da Transpetro Sérgio Machado, conforme contaram ambos em delações premiadas na [Operação Lava Jato](#), podem até aborrecer o interino no noticiário e no Congresso, mas [sem consequências judiciais.](#) Idem para desconfianças sobre seu envolvimento em propina no Porto de Santos e no favorecimento a uma empresa devedora do porto e financiadora de sua eleição em 2014.



Marcelo Odebrecht e Sérgio Machado abrem a boca (Fotos: Tasso Marcelo/Estadão Conteúdo e Rodolfo Buhner/Latinstock)

A busca pela blindagem ajuda a entender por que o peemedebista e seus articuladores políticos querem liquidar o *impeachment* no Senado logo, até o fim de agosto. Nada de esperar o mês da primavera, quando devem ocorrer a homologação judicial da [delação de Odebrecht](#) e a votação da cassação de Eduardo Cunha, homem-bomba a assombrar o presidente, embora notícias recentes indiquem que ambas – delação e cassação - podem ser postergadas sabe-se lá para quando.

Não é uma estrada tranquila e sem espinhos, porém, apesar do inegável desejo parlamentar de degolar Dilma Rousseff, visto mais uma vez no Senado. O interino sofre pressões do tipo “faca no pescoço”. Indócil com a demora do governo em mergulhar no arrocho fiscal e numa agenda social e trabalhista dos sonhos do capital, desiludido com as derrotas do ministro da Fazenda, [Henrique Meirelles](#), o “mercado” ameaça tirar o aval a Temer.

Sempre afinado com a banca, o PSDB, segunda maior sigla governista, emana sentimentos parecidos. Com um agravante. Ninho de presidenciáveis, anda aborrecido com a mosca azul da gestão interina, que nem se firmou e já fala em reeleição.

Por causa dessa combinação de interesses políticos e econômicos, nem com o triunfo do *impeachment* Temer poderá sentir-se seguro de comandar o País até 2018. Seu futuro estará nas mãos do Tribunal Superior Eleitoral (TSE), onde uma ação de autoria do PSDB tenta [cassar a chapa Dilma-Temer](#).

À frente da Corte há um magistrado de indisfarçável pendur tucano, Gilmar Mendes. Mais: não se pode descartar o aproveitamento pelo TSE da delação de Marcelo Odebrecht, nem que o tesoureiro dilmista Edinho Silva, do PT, aceite uma missão partidária e faça uma delação sobre as finanças da chapa.

“Temer não tem liberdade de ação”, diz o cientista político Fábio Wanderley Reis, professor emérito da Universidade Federal de Minas Gerais. “Existem questões pendentes na Justiça Eleitoral, há o impacto das ações do governo na opinião pública e a contestação sobre a legitimidade do governo, a Lava Jato segue um elemento que gera incerteza e o apoio do PSDB é claramente oportunista.” Em outras palavras, o peemedebista seria mais um refém das circunstâncias do que senhor da situação.

De qualquer forma, ele luta para [consolidar-se no poder](#) e proteger-se para o que der e vier na seara judicial. Uma blindagem garantida pela Constituição, como sabe o professor de Direito Constitucional que se prontificou a negar a Carta de 1988. De acordo com a Constituição, o presidente só pode ser investigado pelo que fez no comando do Palácio do Planalto.



Sanders taxativo: os EUA não podem calar diante do golpe. Democrata iludido (Foto: Don Emmerti/AFP)

É o entendimento do procurador-geral da República, Rodrigo Janot, responsável por vigiar e investigar autoridades federais. No ano passado, após uma delação na Lava Jato citar Dilma, Janot arquivou o caso. “Há total impossibilidade de investigação do presidente da República

na vigência de seu mandato sobre atos estranhos ao exercício de suas funções”, escreveu em despacho ao Supremo Tribunal Federal (STF).

Com o *impeachment* prestes a triunfar, repousa nas mãos do chefe do Ministério Público a decisão de tomar providências capazes de impedir a consumação da blindagem. Ou de repetir Pilatos. Na segunda-feira 8, sete parlamentares levaram à Procuradoria uma representação a cobrar de Janot que entre no STF com um pedido de afastamento de Temer da Presidência e que investigue o peemedebista. Para eles, há “fortes indícios” de corrupção contra o interino, o qual estaria atrás de um “salvo-conduto para se eximir”. Os congressistas invocaram dois casos que seriam semelhantes à possibilidade de Temer valer-se do cargo para se salvar. Um é o de Cunha. Por entender que o réu por corrupção usou e abusou do comando da Câmara para melar investigações criminais e por quebra de decoro, Janot requereu ao STF sua destituição do posto. Argumentação aceita pela Corte, embora o tribunal tenha apontado motivos adicionais para sua decisão.

O outro caso diz respeito à [indicação do ex-presidente Lula](#) para a Casa Civil de Dilma. De início com uma visão diferente, Janot mudou de ideia e passou a achar que era uma tentativa de evitar a prisão do petista.

Defendeu tal tese no Supremo, onde Mendes concedeu uma liminar contra a nomeação, quando caiu em seu colo a relatoria de uma ação movida pelo PPS, hoje uma legenda temerista. Quase cinco meses depois, Lula continua em liberdade, sinal do exagero de Janot, PPS e Mendes, mas de todo modo, a liminar segue válida.

Entre os signatários da representação levada à Procuradoria havia senadores que logo votariam contra o *impeachment*, Lindbergh Farias e Fátima Bezerra, do PT, Vanessa Grazziotin, do PCdoB, e Randolfe Rodrigues, da Rede. Na madrugada da quarta-feira 10, pós 17 horas de sessão, o Senado [transformou Dilma em ré](#) por crime de responsabilidade.



Senado encaminha o impeachment (Foto: Antonio Cruz/ABr)

Foi um resultado tão previsível quanto as medalhas de ouro do nadador Michael Phelps. O placar mostrou uma folga maior para Temer do que quando do afastamento da petista em

maio, 59 votos a favor da deposição e 21 contrários (o escore anterior fora de 55 a 22). Ela será julgada de vez no Senado na última semana de agosto, provavelmente.

Dilma acompanhou a sessão no Palácio da Alvorada, onde jantou com Lula, a discutir os termos de uma carta à nação divulgada na terça-feira 16. **Já Temer mais uma vez não fez cerimônia. Cabalou votos para o impeachment feito candidato em campanha, e não um vice à espera do desenrolar de acontecimentos dramáticos. Afinal, para o interino, não importa se há razão jurídica para depor a mandatária, apenas se é conveniente do ponto de vista político, conforme disse em uma entrevista à agência Reuters.**

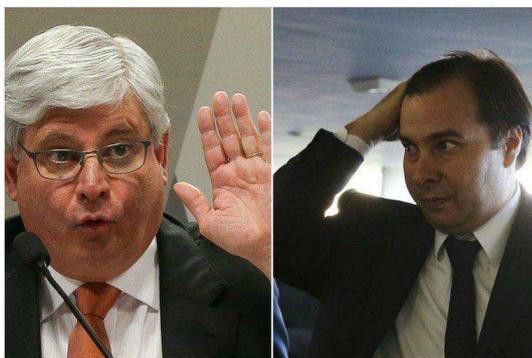
Pela manhã, lançou no Planalto um plano requeitado de revitalização da Bacia do Rio São Francisco, o “Novo Chico”, batismo por certo inspirado na novela global *Velho Chico*, em exibição. Uma tentativa de cativar senadores do Nordeste, região campeã do “Fora Temer”, como Antonio Carlos Valadares, do PSB de Sergipe e pró-impeachment, e Otto Alencar, do PSD da Bahia e que se manteve pró-Dilma, ambos presentes ao evento.

De quebra, o interino aproveitou para anunciar que mandara o Ministério do Planejamento pagar todas as obras de até 10 milhões de reais, uma festa para parlamentares autores de emendas ao orçamento. **No fim da tarde, abriu o gabinete para a senadora goiana Lúcia Vânia, do PSB, uma suposta indecisa que na hora H foi de Temer.**

Na véspera da sessão, uma desagradável surpresa internacional para o interino. [Bernie Sanders](#), o velhinho socialista que quase arrancou este ano uma candidatura presidencial nos EUA pelo Partido Democrata, manifestou-se sobre a situação brasileira. **Para ele, a deposição de Dilma move-se a neoliberalismo – austeridade, privatizações, agenda social de direita –, explicação para o ministério de homens brancos de Temer.**

Sanders acredita que a Casa Branca deveria levar em conta que muitos brasileiros e observadores apontam um “golpe” sem razões jurídicas. “Os Estados Unidos não podem sentar-se em silêncio enquanto as instituições democráticas de um dos nossos aliados mais importantes são minadas”, disse ele em nota.

“Precisamos nos levantar pelas famílias trabalhadoras do Brasil e exigir que esta disputa seja resolvida com eleições democráticas.” Não foi capaz de mudar o rumo da votação do *impeachment*, mas entrou para os anais do Senado brasileiro, citado por Grazziotin.



Janot muda de opinião e Maia apoia o novo sonho eleitoral do interino, que tanto incomoda os tucanos (Fotos: José Cruz/ABr e Lula Marques/Ag. PT)

O front externo constranger Temer e o impeachment não é novidade, como se sabe pelo noticiário e pela diplomacia. Na abertura da Olimpíada, havia bem menos líderes mundiais (abaixo de 20) do que o esperado pelo Itamaraty (acima de 40) e nos Jogos de Londres em 2012 (mais de 90). Ninguém se aventurou a posar para fotos ao lado de Temer.

Enquanto uma nova etapa do impeachment era votada, os deputados petistas Paulo Teixeira, Paulo Pimenta e Wadih Damous recorreram à Organização dos Estados Americanos (OEA) para tentar anular o processo de deposição de Dilma. **Temer foi notificado pela OEA na terça-feira 16 e solicitado a prestar esclarecimentos.**

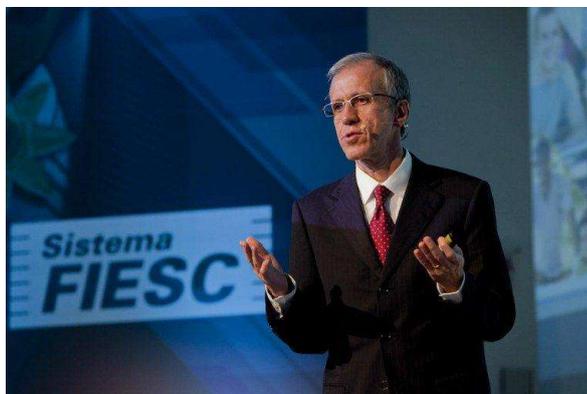
Segundo a trinca de deputados, há um “golpe” em curso e este conta com a cumplicidade do Congresso e do Judiciário, daí ser inútil arriscar ações no Brasil. É duvidoso se algo de concreto surgirá daí, mas serve para embaraçar os protagonistas da cassação de Dilma.

Um desses protagonistas, Eduardo Cunha, obteve uma vitória daquelas, horas depois da votação no Senado. Até segunda ordem, a cassação dele será decidida no plenário da Câmara apenas em 12 de setembro. Uma segunda-feira, dia de poucos deputados em Brasília, chance de o réu por corrupção salvar o mandato. Ótima notícia para Temer, receoso de uma eventual vingança do velho parceiro.

O caso Cunha cozinha em banho-maria graças ao presidente da Câmara, [Rodrigo Maia](#), do DEM. Ele leu o processo no plenário na segunda-feira 8, o que projetaria uma votação para o dia seguinte, mas na surdina tramou outro desfecho. Tramoia de fácil compreensão. Proteção ao interino.

Maia é genro de um dos notáveis do governo provisório, Moreira Franco, o homem das privatizações. E parece fechado com Temer. Em um rompante de franqueza e otimismo,

lançou o peemedebista à reeleição, em entrevista ao *Estado de S. Paulo* de 30 de julho. “É a única candidatura que pode unificar a base do governo”, teorizou.



Diz Nilson Teixeira, do Credit Suisse: a confiança em Temer pode acabar em novembro (Foto: Fernando Willadino)

A proposta incomodou o PSDB. Temer telefonou para o presidente do partido, [Aécio Neves](#), a fim de desfazer o mal-estar. Antes de ir ao Rio ser vaiado no Maracanã, programou um jantar com caciques tucanos no Palácio do Jaburu. Em vão. Os convidados não se esforçaram para permanecer em Brasília na noite da quarta-feira 3.

O papo só aconteceu duas semanas depois, na quarta-feira 17. “Essa ideia de reeleição é algo que não deveria ter sido dita agora. Não se sabe quem estará no jogo em 2018 nem quais serão os resultados do governo”, afirma o deputado tucano Marcus Pestana, mineiro próximo a Aécio.

Um deputado do PMDB, ex-ministro, acha que a mosca azul picou os “temeristas”. A especulação sobre a reeleição, diz, seria obra do trio Moreira Franco, Eliseu Padilha, chefe da Casa Civil, e Geddel Vieira Lima, ministro da Secretaria de Governo. Para ele, contudo, o governo Temer está fadado a cumprir tabela. “Se o Michel fizer o que se propõe, não tem como disputar a reeleição.”

A agenda do governo provisório é cheia de impopularidades, entre elas, a [reforma da Previdência e a trabalhista](#) e o congelamento de [gastos com saúde e educação](#) por 20 anos. Ajustes destinados a não pôr em risco o pagamento da dívida pública e a garantir competitividade das empresas por meio do barateamento do trabalhador.

Nos últimos tempos, o “mercado” passou a desconfiar da disposição de Temer para levar adiante tal agenda. Foi sintomático um artigo publicado em 27 de julho no jornal *Valor* pelo economista-chefe do Credit Suisse, Nilson Teixeira, intitulado “Confiança pode acabar em

novembro”, no qual sugere que a paciência com Temer está no fim. Argumento repetido ultimamente por tucanos no Congresso, caso do líder no Senado, Cássio Cunha Lima.

“O poder econômico cumpriu sua parte no *impeachment*, agora o Temer tem de entregar a dele”, diz o economista João Sicsú, da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Uma obrigação que lhe custará caro, afirma, pois tende a aumentar a rejeição popular ao peemedebista, dono de magros índices de aprovação. “O programa dele é baseado em arrocho salarial, [supressão de direitos sociais](#), neoliberalismo. Pode até gerar algum crescimento, mas com aumento da concentração de renda e redução do mercado de consumo.”

Diante disso, a celebração do *impeachment* não assegura Temer no Planalto até 2018. Caso se convença de que ele não tem a serventia imaginada, a elite política e econômica poderá usar a Justiça Eleitoral para livrar-se do peemedebista.



Serra, Padilha e Temer. O chefe da Casa Civil participa da ideia da reeleição. O chanceler não pode apreciá-la (Foto: Marcelo Camargo/ABr)

O que explica o interino namorar o presidente do TSE desde as primeiras horas no poder. Literalmente. Temer assumiu o posto no amanhecer de 12 de maio e, quando o sol se pôs, correu à posse de [Gilmar Mendes](#) no comando da corte, seu primeiro compromisso oficial à frente do Palácio do Planalto.

De lá para cá, a dupla já teve ao menos mais dois encontros. Um foi no escurinho de um sábado no [Palácio do Jaburu](#), a residência oficial do vice-presidente. Deve ter sido só coincidência o *tête-à-tête* ter ocorrido logo após o primeiro abalo sofrido por Temer, a divulgação da delação premiada de Sérgio Machado, a acusar o interino de ter pedido grana para a campanha de um peemedebista à Prefeitura de São Paulo em 2012. Para todos os efeitos oficiais, a conversa versou sobre o orçamento do TSE.

O segundo foi no início de agosto, um jantar no aconchego de Gilmar Mendes. Também havia outros presentes, como o ministro da Agricultura, senador Blairo Maggi, e a justificativa

propalada foi celebrar o fim de antigas negociações entre Brasil e EUA sobre o comércio de carne bovina. Mas, segundo relatos, o cardápio foi a conjuntura política.

Ali, por exemplo, Temer deixou claro que trabalharia para antecipar o julgamento de Dilma, inclusive pediria o apoio do presidente do Senado, seu ex-desafeto Renan Calheiros, prestes a emplacar no Ministério do Turismo um conterrâneo de Alagoas, o deputado Marx Beltrão, apesar de este ser réu no STF por falsidade ideológica.

Mendes envolver-se desta forma no *impeachment*, abertamente e perfilado em uma das trincheiras, não é novidade. Em julho de 2015, o magistrado foi a um café da manhã na casa do então presidente da Câmara [Eduardo Cunha](#) para discutir o assunto.

Perto da votação do processo pelos deputados, almoçou com o atual chanceler [José Serra](#) e o economista Arminio Fraga em Brasília. Dias depois, deu uma liminar contra a posse de Lula na Casa Civil, última grande cartada do PT contra o *impeachment*, enquanto em entrevistas Serra e Fraga anunciavam alvíssaras econômicas no caso de ascensão de Temer ao poder.

O peemedebista chegou lá. Mas parece cercado, em um beco sem muitas saídas.

**Reportagem publicada originalmente na edição 914 de CartaCapital, com o título "Temer se acha, mas..." Assine CartaCapital.*

registrado em: Michel Temer Impeachment PSDB TSE

ANEXO 7

AZEVEDO, Reinaldo. Temer ano 1: Ele não errou, mas os antipetismos só fazem asneiras. Disponível em <https://veja.abril.com.br/blog/reinaldo/temer-ano-1-ele-nao-errou-mas-os-antipetismos-so-fazem-asneiras/>. Acesso em 20 mai 2018. (artigo 6)



BLOG

[Reinaldo Azevedo](#)

Blog do jornalista Reinaldo Azevedo: política, governo, PT, imprensa e cultura

SIGA

[Brasil](#), [Política](#)

Temer ano 1: Ele não errou, mas os antipetismos só fazem asneiras

Presidente só não pode ser seduzido pelo excesso de conciliação. Rodrigo Janot num terceiro mandato, por exemplo, à frente da PGR seria um erro

Por **Reinaldo Azevedo**

access_time15 maio 2017, 08h10 - Publicado em 15 maio 2017, 05h41more_horiz



O primeiro ano de Temer: o governo funciona. Por incrível que pareça. Tudo conspira contra (Reprodução/Reprodução)

Esse mesmo Parlamento, apesar da patrulha feita pelos extremos, deve aprovar, notem como escrevo, “uma” reforma trabalhista e “uma” reforma da Previdência. Nos dois casos, vai-se fazer bem menos do que seria necessário, mas se vai avançar.

Com **Temer**, o país recuperou a capacidade de reformar o sistema. E isso tudo em meio ao caos político gerado pela Lava Jato. É claro que a operação é necessária. É claro que ela exhibe aspectos virtuosos. Mas não é menos verdade que, quando atua fora dos limites legais e quando faz política em vez de investigar e buscar provas, passa a investir na crise.

Mundo

real

Não vou aqui contestar a opinião omitida por este ou aquele. Mas é impressionante, e decepcionante, constatar que a direita brasileira não é menos “idealista” — e isso NÃO É um elogio — do que a esquerda. A rigor, ela pode ser muito mais. E isso é uma danação.

Acho curioso, por exemplo, que se critique **Temer** à direita por suas “concessões” no encaminhamento das reformas, sobretudo a da Previdência. Calma lá! A reforma não se faz por decreto-lei. A ditadura acabou faz tempo. Também não pode ser encaminhada por Medida Provisória. É preciso apelar a uma emenda, cuja aprovação demanda o endosso de pelo menos 60% dos parlamentares, com duas votações em cada Casa.

Temer não cedeu. Ele negociou. Ou me digam, afinal, qual seria a alternativa. E notem: mesmo depois de o governo ter condescendido com uma versão mais branda da reforma da Previdência, a aprovação ainda não é certa. Assim, onde alguns veem falha de **Temer** — ceder ao Congresso — eu vejo virtude. Ele consegue dialogar e negociar com o Poder Legislativo.

Aponta-se ainda que o governo conta com ministros investigados. Com a devida vênias, a crítica está abaixo do “idealismo”; ela apela ao irrealismo. Investigadas estão hoje as respectivas cúpulas do Congresso e dos principais partidos. Também o ministério é composto de olho na maioria parlamentar, sem a qual não se fazem as reformas.

E há quem aponte como falha o fato de o desemprego estar elevado. Um governo não pode fazer milagre. Há precondições para a retomada para valer do crescimento, que trará consigo o aumento de postos de trabalho: a reestruturação das finanças do estado. E isso, convenham, a equipe econômica está fazendo.

Queriam o quê? A política dos anabolizantes de Dilma Rousseff? Não foi ela que conduziu o país ao desastre?

Temer está fazendo o possível. E esse possível só existe porque é ele o presidente. Os sensatos deveriam erguer as mãos para o céu em sinal de agradecimento, torcendo muito para que o mandatário não perca a habilidade de ir desmontando as bombas que vai encontrando pelo caminho.

Se o presidente chegar a meados de 2018 com a inflação no centro da meta, juros civilizados (podem ir a um dígito ainda neste semestre), economia em crescimento e reformas aprovadas, terá operado um verdadeiro milagre.

Se não se fizerem as reformas agora, elas não virão depois. Ou alguém imagina, nessa hipótese trágica, algum candidato a adotar essa plataforma em 2018? Não custa lembrar que os nomes que lideram as intenções de voto são contrários à reforma: Lula, Marina e Bolsonaro. Eles somariam hoje 60% do eleitorado. Que tal?

Concluo

Até agora, com efeito, Temer não errou. Erraram, e feio, estas sim, várias correntes do antipetismo e do conservadorismo. Seu dever histórico era pressionar o governo em favor de uma agenda mais liberalizante, em parceria necessária com o Congresso. Em vez disso, muitos bobalhões se dedicam ao discurso contra os políticos e a política.

Não! Temer não abandonou a agenda modernizadora. Forças que fizeram o impeachment, estas sim, se perderam no moralismo rombudo. Na prática, atuam para derrubar também o governo, tenham clareza disso ou não. Tornaram-se massa de manobra de especuladores e bucaneiros.

Não fosse Temer, leitor amigo, o seu inferno já estaria contratado a partir de 2018. Com ele, temos ao menos a chance de sair da selva escura.

ANEXO 8

BOULOS, Guilherme. 12 retrocessos em 12 meses de Temer. Disponível em <https://www.cartacapital.com.br/politica/12-retrocessos-em-12-meses-de-temer>. Acesso em 20 mai 2018. (artigo 7)

Política

Opinião

12 retrocessos em 12 meses de Temer

por Guilherme Boulos — publicado 15/05/2017 12h28, última modificação 15/05/2017 12h31
O Brasil será destruído se essa turma continuar no poder até 2018

Beto Barata / PR



Temer: governo de retrocessos

Leia também

Temer: um ano de indiferença aos apelos da opinião pública

"O Estado é nosso inimigo": a luta dos índios no Brasil

"Com a reforma trabalhista, o poder do empregado fica reduzido a pó"

Na última semana completou-se um ano da consumação do golpe parlamentar no Brasil. Foi tempo suficiente para as máscaras caírem. [Eduardo Cunha](#), o comandante da operação, está preso há mais de seis meses em Curitiba. Uma leva de ministros caiu por denúncias de corrupção, a começar por [Jucá](#), o homem que foi gravado explicando o passo a passo das transações que levaram Temer ao poder. Outros oito estão sendo investigados. Temer, que [não é réu apenas pela prerrogativa constitucional](#), amarga uma aprovação inferior a 10%. Mas um ano foi também tempo suficiente para o golpe mostrar a que veio. O que está em jogo é a aplicação de um programa que não foi eleito pelo povo brasileiro. Mais ainda, que jamais

o seria. A única forma de uma agenda regressiva como a de Temer chegar ao poder seria burlando o voto popular. Ela não cabe na democracia. A sustentação do governo não está no voto nem no apoio popular, mas na garantia dos interesses da banca e do grande empresariado.

Ele precisa entregar o pacote. E tem que ser rápido. Foi a isso que o País assistiu no último ano. [Pressionado por seus fiadores no mercado](#) e sem nada a perder em relação à opinião pública, Temer promoveu uma incrível inversão do lema de Juscelino Kubitschek: o "avançar 50 anos em 5" foi substituído pelo "regredir 100 anos em 1".

É um período especialmente trágico da história nacional. Vejamos então, num resumido balanço, 12 dos principais retrocessos dos últimos 12 meses.

1) **Desmonte de programas sociais.** As políticas sociais construídas nos treze anos de governos petistas começaram a ser paulatinamente destruídas. Programas como o [Minha Casa Minha Vida](#) tiveram aportes radicalmente reduzidos. Alguns simplesmente acabaram, como o Farmácia Popular e o [Ciência sem Fronteiras](#). É o redirecionamento do orçamento público para longe das demandas da maioria.

2) **Congelamento dos investimentos públicos por 20 anos.** Em dezembro, Temer conseguiu [aprovar no Congresso a PEC 55](#), que prevê o congelamento dos gastos sociais pelos próximos 20 anos. Foi seguramente o retrocesso mais grave até aqui. [Medida inédita no mundo](#), a previsão constitucional de duas décadas de austeridade liquida a Constituição de 88 e restringe ainda mais a democracia brasileira.

Se aplicada representará [o fim dos serviços universais](#) – em especial saúde e educação – fornecidos pelo Estado. Além disso, significa a pré-definição de política econômica para os próximos quatro governos, criando um engessamento incompatível com a soberania do voto popular.

3) **Abertura do pré-sal aos estrangeiros.** Em outubro, foi aprovado e sancionado o projeto do senador José Serra que pôs fim à obrigatoriedade de [participação da Petrobras na exploração do pré-sal](#). Valendo-se das denúncias de corrupção na empresa, deixaram a porta escancarada para a entrega do petróleo às corporações estrangeiras. O [desmonte do setor nacional de óleo e gás](#) segue a todo vapor, por exemplo, com a oferta de sondas de perfuração da Petrobras, em leilão neste ano, por um valor quase vinte vezes menor do que foram adquiridas.

4) **Reforma do Ensino Médio.** Em fevereiro deste ano, o governo aprovou no Senado a chamada [Reforma do Ensino Médio](#) sem qualquer discussão com a sociedade. Com a

oposição de estudantes e de muitos professores, o projeto retira, dentre outras medidas, a obrigatoriedade de disciplinas como Filosofia e Sociologia. O retrocesso seguiu quando, em abril, o MEC apagou da Base Nacional Curricular as expressões "[identidade de gênero](#)" e "[orientação sexual](#)".

5) **Porta giratória escancarada.** A "porta giratória" representa a entrega de cargos-chave na gestão pública a figuras do setor privado com evidente conflito de interesses. É colocar a raposa para cuidar do galinheiro. Essa não é uma prática nova no Brasil. Lula e Dilma, inclusive, tiveram suas raposas.

Mas com Temer a coisa tornou-se escancarada, numa terceirização sistemática da gestão aos agentes privados. Alguns exemplos: Nelson Silva, consultor sênior da Petrobras, é homem da Shell; [Ilan Goldfajn](#), presidente do BC, saiu direto da função de economista-chefe do Itaú; [Ricardo Barros](#), atual ministro da Saúde, é o homem dos planos privados; e por aí vai.

6) **Alexandre de Moraes no STF.** De todas as decisões de Temer, talvez a de maior atrevimento foi dar a [Alexandre de Moraes a vaga de Teori Zavascki](#) no Supremo. Tucano de carteirinha, então ministro da Justiça e cidadão de duvidosa capivara, Moraes foi indicado para ser o líder do governo no STF. E o pior é que, pelas regras atuais, ficará na corte até 2043.

7) **Entreguismo na política externa.** Após o golpe, o Brasil voltou aos tempos vergonhosos do falar grosso com a América Latina e fino com os Estados Unidos. Temer construiu um pacote de medidas entreguistas e antinacionais. Destacam-se três iniciativas: o projeto de liberação da [venda de terras para estrangeiros](#), a negociação para que os norte-americanos possam utilizar a base de Alcântara e – a cereja do bolo – o infame convite para que o Exército dos Estados Unidos participe de um exercício militar na Amazônia neste ano.

8) **Política de caça aos povos indígenas.** Se a defesa dos povos indígenas nunca foi um ponto forte nos governos Lula e Dilma, com Temer a política beira o etnocídio. A [Funai foi destruída](#), a partir dos comandos de um ruralista no Ministério da Justiça. Ainda com Alexandre de Moraes foi editada portaria alterando os procedimentos para demarcação das terras indígenas. E, neste mês, a base do governo no Congresso aprovou relatório de uma CPI pedindo o indiciamento de 35 indígenas, 15 antropólogos e 16 procuradores da República que defendem os direitos dos índios.



Índigenas protestam em Brasília. Eles são alvo preferencial do governo (Foto: José Cruz / Agência Brasil)

9) **Privatizações e desmonte dos bancos públicos.** No final do ano passado, Temer e o "[gato Angorá](#)" apresentaram um projeto de entrega do patrimônio público voltado para 34 projetos de infraestrutura, incluindo portos, usinas e companhias de saneamento. O programa foi batizado com o nome de "Crescer". Paralelamente, é assustador o desmonte dos bancos públicos. O Banco do Brasil anunciou o fechamento de 402 agências e a demissão de 18 mil funcionários. A Caixa prevê o fechamento de 120 agências e a demissão de 5 mil funcionários apenas em 2017. É o completo esvaziamento dos mecanismos de atuação do interesse público na gestão econômica.

10) **Terceirização irrestrita.** Foi aprovado em março um projeto que estava há praticamente mofando há vinte anos na Câmara dos deputados, que autoriza a [terceirização irrestrita do trabalho](#) no Brasil. É um "libera geral", que irá precarizar as relações de trabalho, rebaixar salários e estimular a contratação de trabalhadores como PJ (Pessoa Jurídica), eliminando os direitos garantidos na [CLT](#). Reivindicação antiga do empresariado, o projeto ataca direitos conquistados há mais de 70 anos.

11) **Projeto da Reforma Trabalhista.** Para completar o serviço, Temer quer aprovar ainda neste semestre a chamada [reforma trabalhista](#), que liquida definitivamente com a proteção ao trabalho no Brasil. Medidas como o negociado sobre o legislado, a autorização do trabalho

intermitente e o desmonte da Justiça trabalhista fazem com que, de fato, a CLT perca qualquer efeito de regulação das relações de trabalho.

12) **Projeto da Reforma da Previdência.** Enfim, a vanguarda do retrocesso do governo Temer é a [destruição da previdência pública](#) no país. O projeto da reforma, se aprovado, impedirá o direito à aposentadoria para milhões de trabalhadores brasileiros. O ataque é mais duro contra as mulheres e os trabalhadores rurais, mas afeta a todos, com a imposição de idade mínima de 65 anos e de tempo de contribuição de 40 anos para o benefício integral.

Em um ano, conseguiram impor este nível inédito de regressão social e democrática. Historicamente botaram a perder os três grandes pactos sociais do último século: o pacto lulista, com seus programas sociais; o pacto da Constituição de 1988, com a soberania do voto e a garantia de serviços públicos universais; e o pacto varguista, com sua legislação trabalhista e previdenciária. Se ficarem mais um ano e meio, esta turma destrói o Brasil. Os próximos pactos a serem atacados, sabe-se lá, podem ser a lei Áurea ou a Independência.

Por isso, a única saída para a situação em que o País se encontra é a ampla mobilização popular – se preciso, com legítima desobediência civil – para interromper a agenda de destruição nacional. Isso deve desaguar na defesa da convocação antecipada de eleições gerais. E, neste cenário, deve-se exigir de qualquer projeto comprometido com os interesses populares que tome como ponto de partida a revogação dos retrocessos do golpe.

registrado em: Michel Temer